

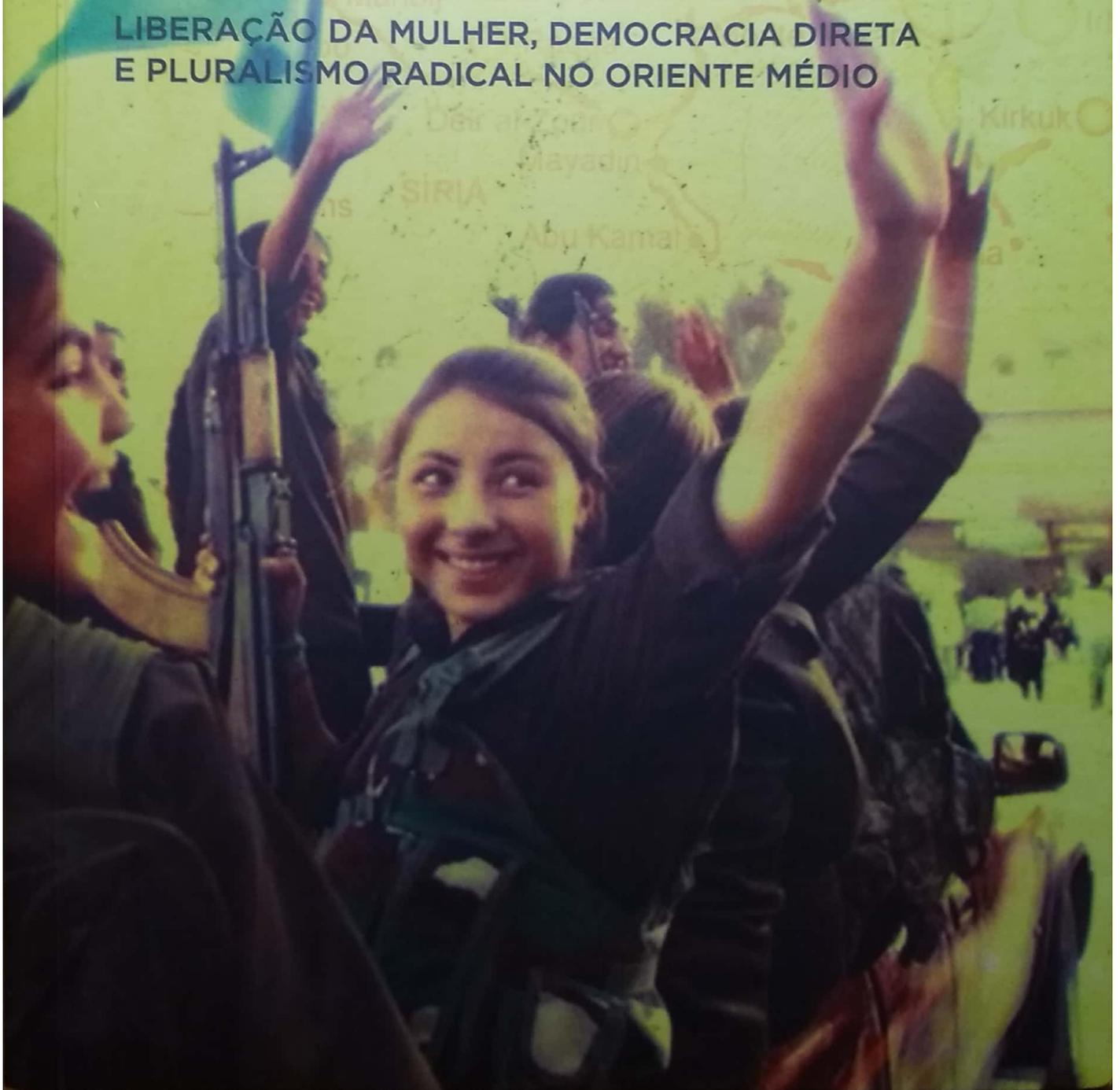


AUTONOMIA
LITERÁRIA

2ª EDIÇÃO

A REVOLUÇÃO IGNORADA

LIBERAÇÃO DA MULHER, DEMOCRACIA DIRETA
E PLURALISMO RADICAL NO ORIENTE MÉDIO



**A REVOLUÇÃO
IGNORADA**

A REVOLUÇÃO IGNORADA

Feminismo, democracia direta e
pluralismo radical no Oriente Médio

Vários Autores

Tradução de Paulo Ferraz

2017

AUTONOMIA LITERÁRIA

Descontrol Editorial, 2015.

Autonomia Literária, para a presente edição, 2017.



**AUTONOMIA
LITERÁRIA**

Conselho Editorial:

Cauê Seignemartin Ameni; Hugo Albuquerque; Manuela Beloni

Tradução: Paulo Ferraz

Capa: Ione Lisiane Torzecki

Revisão: Lígia Magalhães Marinho

Revisão Técnica: Leo Griz Carvalheira

Diagramação: Manuela Beloni

Supervisão: Anelise Csapo & Guilherme Land (Comitê de Resistência Popular Curda de São Paulo, Brasil)

Fotografia: Zanyar Omrani & Wikimedia Commons

Desenho Selo Histórias não contadas: Malén Bruna

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Odílio Hilario Moreira Junior CRB-8/9949

F381r

Ferraz, Paulo

A Revolução ignorada: feminismo, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio / traduzido por Paulo Ferraz. - São Paulo : Autonomia Literária, 2016.

208 p. ; 14cm x 21cm.

Vários autores.

Tradução de: La Revolution Ignorada

Inclui índice e bibliografia.

ISBN: 978-85-6953-607-9

1. Política. 2. Oriente Médio. 3. Islamismo. 4. Guerras civis. I. Título.

2016-367

CDD 327.16

CDU 327.5

Índice para catálogo sistemático

1. Política internacional : Conflitos 327.16

2. Política externa : Conflito 327.5

AUTONOMIA LITERÁRIA

Rua Conselheiro Ramalho, 945

São Paulo, SP CEP: 01325-001

autonomialiteraria.com.br

SUMÁRIO

Glossário.....	8
Mapa	13
Apresentação	16
Prefácio.....	28

PARTE I - POR QUE LUTAM OS CURDOS?

Capítulo 1	
Pinceladas sobre o Curdistão	35
Capítulo 2	
PKK - do marxismo-leninismo ao Confederalismo Democrático	51
Capítulo 3	
O Movimento Feminista Curdo	65

PARTE II - O XADREZ DO CAMPO DE BATALHA GLOBAL

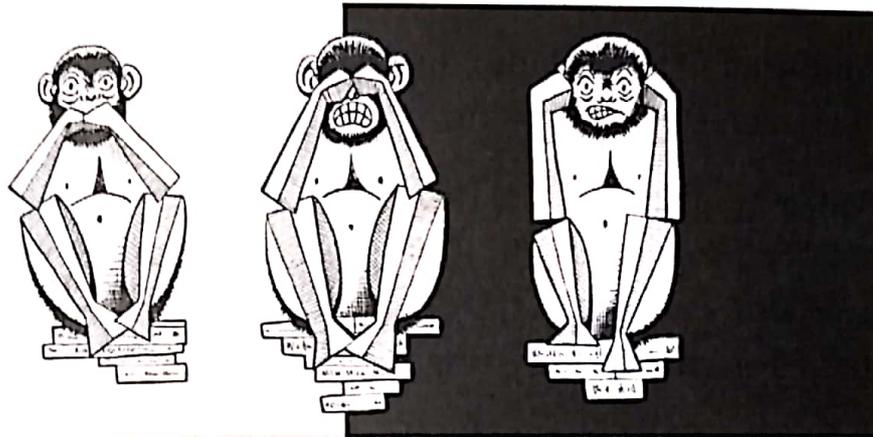
Capítulo 4	
O contexto geopolítico.....	79
Capítulo 5	
Breve história de Rojava.....	101

PARTE III - UMA REVOLUÇÃO EM CURSO

Capítulo 6	
Autogestão territorial e econômica.....	121
Capítulo 7	

Lidando com os conflitos.....	136
Capítulo 8	
Educação e saúde.....	154
Capítulo 9	
A revolução das mulheres	164
Epílogo	179
Pós-fácio: Por que a Revolução de Rojava também é nossa?	181
Bibliografia	193

Histórias não contadas



O **Selo Histórias Não Contadas** da Autonomia Literária é, sem dúvida, o espaço dedicado às narrativas malditas, ocultadas pelas fontes oficiais ou simplesmente ignoradas na arena da conflituosa sociedade global.

Para tanto, recorreremos ao trabalho de jornalistas investigativos, testemunhas oculares das histórias e pesquisadores desses eventos.

Aqui, nosso objetivo é ajudar a desmontar mitos e superstições sobre fatos e figuras em destaque na mídia global trazendo-os à luz do debate público.

Na era da informação total, vivemos sob a ditadura das versões e pontos de vista oficiais, a qual nos dá uma visão cômoda e nem sempre verdadeira do nosso tempo.

É preciso, pois, realizar um esforço radical: encontrar e publicar os testemunhos desses insiders, pois a cura de muitos males demanda apenas a luz do Sol.

GLOSSÁRIO

Abdullah Öcalan: Líder do PKK e seu principal ideólogo. Sequestrado e preso pela Turquia desde 1999.

Asayish: “Proteção” em curdo. São as milícias encarregadas de manter a segurança em Rojava. Sua principal função é o controle dos acessos às cidades, para evitar atentados. São uma força descentralizada e rotativa.

Asayish-J: São as unidades de mulheres dos Asayish. Entre outras tarefas, têm a função exclusiva de acompanhar os casos de violência doméstica ou contra as mulheres.

Bakur: Denominação em curdo do Curdistão da Turquia, ou Curdistão do Norte.

Barzani: (Massoud Barzani) Líder do PDK desde 1979 e presidente do KRG desde 2005. Chefe do poderoso clã tribal Barzani.

Bashar al-Assad: (Damasco, 11 de setembro de 1965), líder sírio desde 2000, sucedeu imediatamente seu pai, Hafez Al-Assad, o qual governou o país desde 1971. É presidente do país e secretário-geral do Partido Baath local. Médico educado em Londres, conduz um regime político fechado, embora de caráter laico, o qual garante a proteção de minorias étnicas e religiosas – como sua própria família, que é alauíta – e os cristãos. Figura controversa, pesam contra ele acusações de crimes contra a humanidade praticados na atual guerra civil, enquanto, por outro lado, é apontado como um líder austero, que mantém a estabilidade em um cenário desde sempre tenso. Atualmente, comanda o que resta de um dos últimos regimes nacionalistas árabes.

Bashur: Denominação em curdo do Curdistão do Iraque, ou Curdistão do Sul.

Comitês de Paz e Consenso: São comissões eleitas pelas comunas para mediar e resolver conflitos.

Confederalismo Democrático: É o projeto político proposto por Abdullah Öcalan em 2005.

Conselhos de Mulheres: São estruturas não mistas federativas, espelhos dos Conselhos Populares.

Daesh: Sigla em árabe do ISIS ou EI, possui uma conotação depreciativa, pois soa como “bárbaro” ou “vândalo”.

DSA: Autoadministração Democrática. É o órgão técnico criado pelos Conselhos Populares de Rojava em janeiro de 2014 com funções executivas.

Exército Livre Sírio (Free Syrian Army, FSA): Foi uma das principais forças de oposição ao regime de Bashar Al-Assad, na Síria, designado pelo Ocidente como futuro ocupante do poder no país. Chegou a reunir mais de cem mil soldados. Tem natureza laica e defende a adoção de uma forma mais liberal e aberta do que o regime baathista. Opõe-se igualmente aos movimentos *jihadistas*. Por isso, acabou sendo marginalizado, perdendo armas e terreno para as milícias islâmicas.

ISIS ou EI: *Islamic State of Irak and Syria*, Estado Islâmico do Iraque e Síria ou simplesmente Estado Islâmico. Organização *jihadista* e *wahabita*, ela surgiu no bojo da tragédia humanitária causada pela intervenção norte-americana no Iraque, logo se espalhando para a Síria quando da guerra civil local – mais precisamente quando o choque inicial entre as forças pró-Assad e Ocidente levou a uma destruição mútua, a qual ainda puniu severamente a população civil que, desamparada, se tornou presa fácil para o discurso extremista. Tem por objetivo criar um *Califado* no Oriente Médio. Em árabe também é denominada como *Daesh*. Ver mais detalhes em *A Origem do Estado Islâmico: o fracasso da guerra ao terror e a ascensão jihadista*, do jornalista britânico Patrick Cockburn, publicado por esta editora.

Jihad: Do árabe “esforço” ou “empenho”; o termo possui um significado técnico próprio no Corão, livro sagrado do Islã, no qual representa a missão do fiel muçulmano de se autogovernar e, também, de universalizar os preceitos islâmicos para toda a humanidade. No final do século 20, o termo apareceu de modo recorrente com o avanço de certas organizações armadas islâmicas, geralmente sunitas, as quais usaram a *jihad* como discurso legitimador da sua luta contra governos nacionalistas árabes, potências ocidentais ou mesmo a antiga União Soviética. As primeiras organizações do tipo a aparecer nos noticiários internacionais foram a Al-Qaeda e a resistência antissoviética do Afeganistão (da qual desembocou o Talibã). Hoje, o ISIS, a Frente Al-Nusra e o Boko Haram são importantes exemplos desse tipo de organização. A mídia corporativa internacional assimilou o termo *jihad*, simplificando-o grosseiramente como sinônimo de “guerra santa (islâmica)” ou como uma postura belicosa geral e comum à maioria dos muçulmanos, o que não encontra qualquer respaldo linguístico, filosófico ou sociológico.

Jihadista (ou *mujahid* [plural: *mujahadin*]): Aquele que pratica a *jihad*, no sentido de realizar ações militares de defesa do Islã.

KRG: Kurdish Regional Government. Governo Regional do Curdistão. É a região autônoma curda do Curdistão Iraquiano. Possui parlamento, governo, forças armadas próprias. São praticamente um Estado independente.

Partido Baath (do árabe “renascimento”) ou Partido Socialista Árabe Baath: Fundado na Síria em 1947, propunha uma mistura entre o anti-imperialismo, o pan-arabismo – isto é, a união dos países árabes – e o socialismo de inspiração árabe. Tinha caráter firmemente laico e republicano, embora autoritário. Além da Síria, teve ramificações no Iraque e no Líbano, justamente na região de atuação do EI/ISIS. Porém, devido às suas divisões e vacilações, praticamente desapareceu, embora ainda seja hegemônico na Síria. Dois importantes chefes

de Estado Baath foram Saddam Hussein, no Iraque, e a família Assad, na Síria, que ainda se mantêm no poder, apesar da guerra terrível que assola o país.

PDK: Partiya Demokrata Kurdistanê. Partido Democrático do Curdistão. Fundado em 1946. É um partido do Iraque, de ideologia conservadora e capitalista. Seu líder é Massoud Barzani.

Peshmerga: Literalmente, em curdo: “Aqueles que enfrentam a morte”. São as forças armadas do Curdistão Iraquiano. Têm caráter tribal e cada partido tem suas próprias unidades.

PKK: Partiya Karkerên Kurdistanê. Partido dos Trabalhadores do Curdistão. Seu centro de atividade é a Turquia, onde foi fundado em 1978. Seu líder é Abdullah Öcalan. Sua proposta política é o Confederalismo Democrático.

PYD: Partiya Yekitiya Demokrat. Partido da União Democrática. Fundado em 2003, na Síria. Partido irmanado ao PKK e partidário do Confederalismo Democrático. Principal promotor da revolução no Curdistão da Síria.

Rojava: Denominação em curdo do Curdistão da Síria.

Rojhilat: Denominação em curdo do Curdistão do Irã.

Salafismo: Do árabe *salaf* (predecessores), que diz respeito ao profeta Maomé, seus aliados e às primeiras gerações deste, sendo um designativo genérico para vários movimentos islâmicos que, ao longo da história, defendem uma volta às origens da religião, desconsiderando várias inovações práticas e teológicas. O termo salafista é muito amplo, sendo a mais influente corrente atual o wahabismo.

Sufismo: Corrente esotérica do Islã, não diz respeito a uma divisão própria da doutrina religiosa islâmica, mas a práticas místicas, interiores e contemplativas, comuns ou possíveis a todos os ramos daquela religião, muito embora seja mais comum entre os sunitas. O sufismo, contudo, é praticado muitas vezes

em segredo e seus adeptos são frequentemente perseguidos, sobretudo por ramos fundamentalistas.

SKC: Supreme Kurdish Comitee. O Supremo Conselho Curdo é o conselho formado na Síria pelos partidos curdos ligados ao Confederalismo Democrático, os próximos ao PDK e ao KRG.

Tev-Dem: Tevgera Civaka Demokratik. Movimento para uma Sociedade Democrática. É a aliança formada em 2012 entre organizações sociais, civis, partidos políticos etc. ligados ao Confederalismo Democrático, criada com o objetivo de organizar a sociedade em Rojava conforme os princípios do Confederalismo.

Yazidi: Minoria étnica curda, que pratica uma religião própria e sincrética e vive nos arredores das Montanhas Sinjar, no Curdistão Iraquiano.

YNK: Yakêti Niştîmani Kurdistan. União Patriótica do Curdistão. É um partido político iraquiano, fruto de uma cisão do PDK, com ideologia um pouco mais socialista. Também é conhecida pela sigla em inglês PUK.

YPG: Yekineyen Parastina Gel. Unidades de Defesa Popular. São as milícias de Rojava encarregadas de defender a região. Criadas depois de 2004, mas que vieram a público em 2011.

YPJ: Yekineyen Parastina Jinê. Unidades de Defesa das Mulheres. São as milícias das mulheres de Rojava, criadas em 2013.

Turquia

Cizire

Kobane

Elfrin

Rojava

Síria

Iraque

Libano

Jordânia

Mar Mediterrâneo

APRESENTAÇÃO

CONSTRUINDO UMA DEMOCRACIA RADICAL SEM ESTADO

Por Dilar Dirik¹

“Quando as primeiras pessoas vieram à nossa casa, alguns anos atrás, perguntar se nossa família gostaria de participar das comunas, eu joguei pedras para que se afastassem”, ri Bushra, uma jovem mulher de Tirbespe², em Rojava. Mãe de dois filhos, ela pertence a uma facção religiosa ultraconservadora. Antes, ela jamais teve permissão para sair de casa e costumava cobrir todo o corpo, com exceção dos olhos.

“Agora eu transformo minha comunidade de forma ativa”, diz ela com um orgulhoso e radiante sorriso. “As pessoas me procuram para ajudar a resolver problemas sociais. Mas, naquele tempo, se me perguntassem, eu nem saberia dizer o que significa um conselho ou o que as pessoas fazem em assembleias.”

Hoje, ao redor do mundo, pessoas procuram formas autônomas de organização para ressignificar a sua existência, para refletir o desejo criativo humano de se expressar com liberdade. Esses coletivos, comunas, cooperativas e movimentos podem ser caracterizados como mecanismos de autodefesa popular contra o capitalismo, o patriarcado e o Estado.

¹ Dilar Dirik, curda ativista e PhD no Departamento de Sociologia da Universidade de Cambridge. Suas pesquisas revelam o papel das mulheres nas lutas e articulações das experiências libertárias do Curdistão. Publicado originalmente em <https://roarmag.org/magazine/building-democracy-without-a-state/>. Traduzido por Guilherme Erdê.

² Nota do Editor: As cidades do Curdistão normalmente têm nomes em curdo, e árabe e/ou turco, eis que a opção editorial, por motivos evidentes, foi pelo nome em curdo, de preferência com grafia simplificada.

Ao mesmo tempo, muitos povos indígenas, culturas e comunidades que enfrentaram a exclusão e a marginalidade, protegeram suas formas comunistas de viver até hoje. É chocante que comunidades que protegeram sua existência contra a ordem evolutiva do mundo ao redor são frequentemente descritas de forma negativa, com a “falta” de algo – notavelmente um Estado. As tendências positivistas e deterministas que dominam a historiografia atual interpretam essas comunidades como incomuns, não civilizadas, retrógradas e selvagens. O Estado é assumido como uma consequência inevitável da civilização e modernidade; um passo natural no progresso linear da história.

Sem dúvidas, existem algumas diferenças genealógicas e ontológicas entre, pela falta de palavra melhor, as “modernas” comunas revolucionárias e as comunidades selvagens. As primeiras são desenvolvidas primariamente entre círculos radicais em sociedades capitalistas com levantes contra o sistema dominante, enquanto as últimas são uma ameaça aos poderes hegemônicos contra a natureza de sua própria sobrevivência. Ainda assim não podemos dizer que estas comunas selvagens não são politizadas, em oposição às comunas urbanas.

Séculos, talvez milênios, de resistência contra o mundo capitalista são de fato atos muito radicais de enfrentamento. Para essas comunidades, relativamente intocadas pelas marés globais devido a suas características, geografia natural ou resistência ativa, políticas comunais são simplesmente uma parte natural do convívio. É por isso que muitos em Rojava, por exemplo, onde ocorre uma transformação social radical, referem-se à revolução como “um retorno à nossa natureza” ou “a retomada de nossa ética social”.

Por toda a história, os curdos sofreram todos os tipos de negação, opressão, destruição, genocídio e assimilação. Eles foram excluídos da ordem estatal em duas frentes: não apenas tiveram seu Estado negado como foram, simultaneamente, excluídos dos mecanismos das estruturas estatais ao seu redor.

Ainda assim a experiência de viver sem Estado ajudou-os a proteger muitos valores e éticas sociais, assim como um senso de comunidade – especialmente nas vilas rurais e montanhas distantes das cidades.

Até hoje, vilarejos de curdos alevitas são caracterizados por um processo comum de encontrar soluções e rituais de reconciliação para disputas sociais baseados na ética e no perdão para benefício da comunidade. Mas enquanto esta forma de vida é prevalente no Curdistão, existe também um novo esforço consciente de estabelecer um sistema político centrado em valores comunais – o sistema do Confederalismo Democrático, construído através da autonomia democrática com a comuna em seu coração.

Confederalismo Democrático em Rojava

O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), como muitos movimentos de libertação nacional, inicialmente pensou que a criação de um Estado independente seria a solução para a violência e a opressão. No entanto, com a mudança no mundo depois da queda da União Soviética, o movimento começou a desenvolver uma fundamental autocrítica, assim como uma crítica às políticas socialistas dominantes daquele tempo, que ainda eram muito focadas em conquistar poder estatal. No final dos anos 1990 o PKK, sob a liderança de Abdullah Öcalan, começou a articular uma alternativa ao Estado-nação e ao socialismo de Estado.

Por meio do estudo da história do Curdistão e do Oriente Médio, assim como da natureza do poder, do atual sistema econômico e de questões ecológicas, Öcalan concluiu que a razão para o “problema da liberdade” dos povos não era a falta de Estado, mas a emergência do Estado. Em uma tentativa de subverter a dominação do sistema que se institucionalizou ao redor do globo nos últimos 5 mil anos, como uma síntese do patriarcado, do capitalismo e do Estado-nação, este paradigma

alternativo é baseado no oposto: na libertação das mulheres, na ecologia e na democracia de base.

O Confederalismo Democrático é um modelo social, político e econômico de autoadministração de diferentes povos, liderado pelas mulheres e pela juventude. Tenta expressar de forma prática a vontade do povo através de uma visão da democracia como um método em vez de um objetivo. É uma democracia sem Estado.

Enquanto propõe novas estruturas normativas para estabelecer um sistema político consciente, o Confederalismo Democrático também faz uso de formas milenares de organização social que ainda existem em comunidades do Curdistão. Esse modelo pode parecer exagerado para nossa imaginação contemporânea, mas, na verdade, identifica-se com um forte desejo por emancipação entre os diferentes povos da região. Apesar desse sistema ter sido implementado em Bakur (Curdistão do Norte) por anos, dentro dos limites da repressão do Estado turco, foi em Rojava (Curdistão Ocidental, situado na Síria) que uma histórica oportunidade emergiu para colocar o Confederalismo Democrático em prática.

O sistema coloca a autonomia democrática em seu coração: o povo se organiza diretamente na forma de comunas e cria conselhos. Em Rojava, esse processo é facilitado pelo Tev-Dem, o Movimento por Uma Sociedade Democrática. A comuna é uma vizinhança conscientemente auto-organizada e constitui o mais essencial e radical aspecto da prática democrática. Possui comitês trabalhando em diferentes questões, como paz e justiça, economia, segurança, educação, mulheres, juventude e serviços sociais.

As comunas enviam delegados eleitos para os conselhos. Conselhos de aldeias enviam delegados para as cidades, conselhos de cidades enviam delegados para as metrópoles, e assim por diante. Cada uma das comunas é autônoma, mas são ligadas umas às outras através de uma estrutura confederada para o propósito de coordenação e segurança dos princípios comuns. Somente quando questões não podem ser resolvidas na

base, ou quando as questões transcendem as preocupações dos conselhos de níveis mais baixos, elas são delegadas ao próximo nível. As instâncias “mais altas” têm responsabilidades com os níveis “mais baixos” e presta contas de suas ações e decisões.

Enquanto as comunas são áreas de solução de problemas e organização da vida cotidiana, os conselhos criam planos de ação e políticas para coesão e coordenação. No início da revolução e nas novas áreas libertadas, as assembleias precisaram primeiramente erguer conselhos populares e somente depois começaram a desenvolver as estruturas de base mais descentralizadas na forma de comunas.

As comunas trabalham para a construção de uma sociedade “moral-política” feita por indivíduos conscientes que compreendam como resolver questões sociais e que possam tomar conta do autogoverno cotidiano como responsabilidade comum, em vez de submeterem-se às elites burocráticas. Tudo isso depende da participação voluntária e livre das pessoas, em oposição à coerção e ao Estado de Direito.

É claro que é difícil aumentar a consciência da sociedade em um curto período de tempo, especialmente onde a condição de guerra, embargos, mentalidade internalizada e antigas estruturas despóticas foram profundamente institucionalizadas e podem levar a abusos políticos e mentalidades apolíticas. Um sistema de educação alternativo, organizado através de academias, tem por objetivo promover uma mentalidade social saudável, enquanto a auto-organização praticamente reproduz uma sociedade com consciência política, mobilizando-a em todas as esferas da vida.

As mulheres e a juventude se organizam autonomamente e dão corpo a dinâmicas sociais que naturalmente inclinam-se para mais democracia e menos hierarquia. Posicionam-se à esquerda do modelo da autonomia democrática e formulam novas formas de produção e reprodução de conhecimento.

Hoje, o movimento de libertação curdo divide o poder igualmente entre uma mulher e um homem, de Qandil a Qamishlo

até Paris. A ideia por trás do princípio de co-representação é tanto simbólica quanto prática — descentraliza o poder e promove o encontro de consenso enquanto simboliza a harmonia entre mulheres e homens. Somente as mulheres têm o direito de eleger a representante feminina, enquanto o representante masculino é eleito por todos. As mulheres organizam suas próprias estruturas, mais fortes e com maior consciência ideológica, rumo a uma confederação de mulheres, começando com comunas femininas autônomas.

O princípio de uma nação democrática

Outro importante princípio articulado por Öcalan é a “nação democrática”. Diferentemente da doutrina “monista do Estado-nação”, que justifica a si mesmo por um mito chauvinista, o conceito de “nação democrática” imagina uma sociedade baseada em um contrato social comum e princípios éticos fundamentais, como a igualdade de gênero. Portanto, todos os indivíduos e grupos étnicos, religiosos, linguísticos, de gênero, identidades intelectuais e tendências podem se expressar livremente e adicionar diversidade para esta nação assegurar sua democratização. Quanto mais diversa for a nação, mais forte sua democracia. Os diferentes grupos e seções ficam com a responsabilidade de se democratizar de dentro para fora.

Em Rojava, curdos, árabes, sírios cristãos, armênios, turcomanos e chechenos tentam criar uma nova vida juntos. A mesma lógica é a base do projeto do Partido Democrático do Povo, ou HDP, cruzando a fronteira para a Turquia. O HDP uniu todas as comunidades da Mesopotâmia e Anatólia sob o guarda-chuva da “união livre” na nação democrática.

Entre seus parlamentares estão curdos, turcos, armênios, árabes, assírios, muçulmanos, alevitas, cristãos e *yazidis* — diversidade maior que a de qualquer outro partido no parlamento turco. Contrastado pelo monopolismo da ideologia do Estado-nação, o

conceito de "nação democrática" serve como um mecanismo ideológico de autodefesa dos povos que contém diversidade.

Apesar de muitas e diferentes comunidades participarem ativamente da revolução em Rojava, ressentimentos de longa data permanecem. Confederações inteiras de tribos árabes unilateralmente expressaram seu apoio à administração, mas em algumas partes, os árabes permanecem desconfiados. Documentos do serviço secreto revelam que, já no início dos anos 1960, o partido Baath da Síria criou planos sofisticados para colocar diferentes comunidades curdas em oposição, especialmente em Cizire. Além das tensões pré-existentes, forças externas adicionaram combustível e instrumentalizaram o conflito entre as diferentes comunidades de acordo com seus interesses. O estabelecimento de unidade entre diferentes grupos étnicos e religiosos da Síria, e no Oriente Médio de forma geral, tornaria mais difícil dividir e dominar a região.

Um membro árabe da administração de Rojava explicou por que esse modelo democrático conta com tão pouco apoio de grupos políticos estabilizados ou recém-formados na região e além:

O sistema de autonomia democrática em nossos três cantões balança e preocupa o mundo inteiro porque o sistema capitalista não quer liberdade e democracia para o Oriente Médio, apesar de todas as suas pretensões. É por isso que todos atacam Rojava. As diferentes formas de Estado exemplificadas pela República Árabe da Síria de Assad e o Estado Islâmico são dois lados da mesma moeda enquanto eles negam e destroem o mosaico de diversidade de nossa região. Porém, mais e mais árabes do resto da Síria vêm a Rojava para aprender mais sobre a autonomia democrática, porque veem uma perspectiva para a liberdade aqui.

Um modelo econômico e político alternativo

O eficiente sistema de auto-organização, combinado em certa medida com o embargo, que exigiu ainda mais autoconfiança e criatividade redobrada, poupou Rojava da corrupção econômica através de mentalidades capitalistas internas ou exploração externa. Assim, com o objetivo de defender valores revolucionários para além da guerra, é preciso uma visão econômica calibrada para criar uma economia socialmente justa, ecológica e feminista que possa sustentar uma população empobrecida, traumatizada e brutalizada.

Como engajar os privilegiados, que não se importam com cooperativas, e evitar ser acusado de autoritarismo? Como organizar princípios emancipatórios e libertários na urgência da guerra e de uma economia de sobrevivência? Como descentralizar a economia e garantir a justiça e a coesão revolucionária? Para o povo de Rojava, a resposta está na educação.

“O que ecologia significa para você?”, Pergunta uma mulher a suas colegas na academia de mulheres Ishtar em Rimêlan, em uma sala decorada com fotos de mulheres como Sakine Cansiz e Rosa Luxemburgo. Uma mulher mais velha, com tatuagens tradicionais em suas mãos e rosto, responde: “Para mim, ser mãe significa ser ecológica. Viver em harmonia com a comunidade e a natureza. Mães sabem melhor como manter e organizar esta harmonia”. Talvez seja a questão ecológica a que mais claramente ilustra o dilema de Rojava de ter ótimos princípios e intenções e a disposição para o sacrifício, enquanto, com frequência, não tem as condições de implementar esses ideais. Por razões óbvias, a sobrevivência geralmente é prioridade sobre o ambientalismo.

Até o momento, ao menos, é possível falar do sistema duplo de transição no qual a autoadministração democrática de Rojava apresenta seus princípios revolucionários e ecológicos, manobrando-os cuidadosamente na guerra e na política real, enquanto movimentos de base organizam a população de

baixo para cima. No nível cantonal, especialmente no que diz respeito a questões de política externa, práticas centralistas ou, ao menos não revolucionárias são até certo ponto inevitáveis, especialmente porque Rojava está política e economicamente entre a cruz e a espada. É ao sistema de autonomia democrática surgindo da base que as pessoas normalmente se referem quando falam da Revolução de Rojava.

As dinâmicas de descentralização da organização de base, mais notavelmente nas comunas, servem inclusive como oposição interna aos cantões e facilitam a democratização dos mesmos, que devido à sua complicada geografia política — limitada por partidos e grupos não revolucionários — tendem a concentrar poder (apesar dos cantões, como são atualmente, ainda serem muito mais descentralizados que Estados comuns).

Muito mais importante que os mecanismos exatos pelos quais a vontade popular se expressa é o significado e o impacto da autonomia democrática nas próprias pessoas. Se eu tivesse que descrever “democracia radical”, eu pensaria especialmente na classe trabalhadora, nas mulheres não letradas em vizinhanças que decidiram se organizar em comunas e que agora trazem a política à vida cotidiana. Jogos e risadas de crianças, galinhas cacarejando, cadeiras de plástico sendo arrastadas compõem a melodia do palco onde decisões sobre o rodízio de luz elétrica e disputas por fronteiras de bairro são feitas. Deve-se reconhecer que as estruturas funcionam melhor em áreas rurais e cidades pequenas do que nas grandes e complexas cidades, onde é preciso mais esforço para engajar as pessoas. Aqui o poder pertence ao povo que nunca teve nada e que agora escreve a sua própria história.

“Você quer ver nossos vegetais?”, me perguntou Qadifa, uma mulher *yazidi* mais velha no centro da Yekitiya Star, o movimento das mulheres confederadas. Ela parece ter pouco interesse em explicar o novo sistema, mas está entusiasmada em mostrar seus frutos. Nós continuamos nossa conversa sobre

a transformação do cotidiano em Rojava enquanto comemos os deliciosos tomates da cooperativa de mulheres no quintal.

A autodeterminação em Rojava é vivida aqui e agora, na prática do cotidiano. Milhares de mulheres como Qadifa, mulheres que eram completamente marginalizadas, invisíveis e sem voz, agora assumem posições de liderança e transformam a sociedade. Hoje, durante as manhãs, elas podem pela primeira vez colher seus próprios tomates da terra, enquanto também podem atuar como juízas nas cortes populares durante a tarde.

Muitas famílias agora se dedicam integralmente à revolução – especialmente aqueles que perderam pessoas queridas. As casas de muitas famílias lentamente começaram a funcionar como casas do povo (“Mala Gel”) que coordenam as necessidades da população: as pessoas vão até as casas das outras com suas crianças para criticar, ou discutir, ou sugerir ideias sobre como melhorar suas novas vidas. Os assuntos da mesa de jantar mudaram. Questões sociais literalmente viraram sociais, tornando-se responsabilidade de todos. Assim, todo membro da comunidade se torna um líder.

A lenta transição das tomadas de decisões sociais dos edifícios designados para as áreas do cotidiano é fruto do esforço em construir uma nova sociedade moral e política. Para pessoas de países capitalistas avançados essa forma direta de ser responsável pela própria vida pode parecer assustadora algumas vezes, especialmente quando coisas importantes como justiça, educação e segurança estão nas mãos da população, em vez de estarem sob o aparato anônimo do Estado.

O legado de resistência da comuna

Numa noite estou sentada próxima a Tell Mozan, antigamente conhecida como Urkesh, capital dos hurritas há 6 mil anos. A fronteira da Síria com a Turquia está próxima, com menos de um século de idade. Enquanto bebo chá com Meryem, uma

comandante de Kobane, observamos as luzes da cidade de Mardin, no Curdistão do Norte, do outro lado da fronteira.

“Nós lutamos em nome da comunidade, dos oprimidos, de todas as mulheres, pelas páginas não escritas da história”, diz a comandante. Meryem é uma das muitas mulheres que conheceram Abdullah Öcalan em sua juventude, quando ele chegou a Rojava nos anos 1980. Como milhares de mulheres, em uma questão de justiça para além da própria vida, um dia ela decidiu ser uma guerrilheira nesta região que é simultaneamente o local de milhares de crimes de honra e de milhares de deusas, veneradas em todos os formatos e tamanhos.

O que atraiu movimentos antissistêmicos ao redor do mundo para a histórica resistência em Kobane foi, talvez, a maneira como a defesa da cidade espelhou um milênio de luta humana; as formas que carregaram traços universais que ressoaram com imaginários coletivos de um mundo diferente. Muitas comparações foram feitas com a Comuna de Paris, a Batalha de Stalingrado, a Guerra Civil Espanhola e outras instâncias quase míticas da resistência popular.

Nos *zigurates* da Suméria, imensos complexos de templos da antiga Mesopotâmia, muitos mecanismos de hierarquização começaram a se institucionalizar pela primeira vez: o patriarcado, o Estado, a escravidão, o exército permanente e a propriedade privada — em outras palavras, o início de uma sociedade de classes formalizada. Essa Era trouxe uma ampla ruptura social caracterizada pela perda do *status* social das mulheres e a ascensão do masculino dominante, especialmente o sacerdote masculino, que conquistou o monopólio do conhecimento. Mas também é onde surgiu o *amargi* por volta de 2.300 a.C, a primeira palavra para o conceito de liberdade, literalmente “o retorno à mãe”.

Öcalan propõe a ideia de duas civilizações: ele argumenta que, perto do fim da Era Neolítica, com a ascensão das estruturas hierárquicas na antiga Suméria, uma civilização se desenvolveu baseada em hierarquia, violência, dominação e

monopólio — o “*establishment*” ou a “civilização dominante”. Em contraste, o que ele chama de “civilização democrática” representa as lutas históricas dos marginalizados, dos oprimidos, dos pobres e excluídos, especialmente as mulheres. O Con federalismo Democrático é, portanto, um produto político e a manifestação da idade de ouro dessa civilização democrática.

O modelo de autonomia democrática que pode florescer, por sua vez, não é apenas uma promissora perspectiva para uma solução justa e pacífica para os traumáticos conflitos da região; de muitas formas, a emergência da Revolução de Rojava ilustra como a autonomia democrática pode ser a única forma de sobrevivência. Nesse sentido, a comuna revolucionária é uma herança histórica, uma fonte de memória coletiva para as forças democráticas ao redor do mundo e um mecanismo consciente de autodefesa contra o sistema estatal. Carrega um legado milenar e hoje se manifesta por meio de novas formas.

O que une momentos históricos da resistência humana com o desejo de construir um novo mundo, dos primeiros guerreiros da liberdade na história à Comuna de Paris e ao levante dos zapatistas às praças da liberdade em Rojava, é o poder indestrutível de ousar imaginar. É a coragem de acreditar que a opressão não é o destino. E por isso lutamos pelo desejo mais ancestral da humanidade: a busca pela liberdade.

Biji komunên me! Vive la commune!

18 de março de 2016

PREFÁCIO

David Graeber³

Em 1937, meu pai se alistou como voluntário para lutar nas Brigadas Internacionais em defesa da República Espanhola. Uma tentativa de golpe de Estado fascista tinha sido temporariamente interrompida por uma revolta de trabalhadores, liderada por anarquistas e socialistas, enquanto na maior parte da Espanha estava se concretizando uma genuína revolução social, que levaria à autogestão democrática de cidades inteiras, ao controle dos trabalhadores sobre as indústrias e à ascensão radical das mulheres ao poder.

Os revolucionários espanhóis pretendiam criar a visão de uma sociedade livre que o mundo inteiro pudesse seguir. Em vez disso, as potências mundiais declararam uma política de “não-intervenção” e mantiveram um rigoroso bloqueio sobre a república, mesmo depois de Hitler e Mussolini, signatários ostensivos do bloqueio, terem começado a fornecer tropas e armas para reforçar o lado fascista. Essa atitude teve como resultado anos de guerra civil, que acabaram na derrota da revolução e em alguns dos massacres mais brutais de um século sangrento.

Eu nunca pensei que veria, durante a minha vida, a mesma situação acontecer novamente. Obviamente, nenhum acontecimento histórico se repete, de fato, duas vezes. Há mil diferenças entre o que se passou na Espanha em 1936 e o que está se passando hoje em Rojava, as três províncias de maioria curda do norte da Síria. Mas algumas das semelhanças são tão impactantes, e tão aflitivas, que sinto que fui incumbido (já que

³ David Graeber, antropólogo anarquista e professor no Colégio Goldsmith da Universidade de Londres. Artigo publicado no *The Guardian*, em <http://bit.ly/29PjhOJ>

cresci em uma família com uma visão política definida pela Revolução Espanhola) de dizer: não podemos deixar que termine da mesma maneira outra vez.

A região autônoma de Rojava, como existe hoje, é um dos poucos pontos de luz – se bem que uma luz muito brilhante – que emerge da tragédia da revolução síria. Tendo expulsado os agentes do regime de Assad em 2011, e apesar da hostilidade da maior parte de seus vizinhos, Rojava não apenas manteve sua independência como é também uma experiência democrática marcante. As assembleias populares foram criadas como órgãos de tomada de decisão em última instância, os conselhos foram selecionados a partir de um cuidadoso equilíbrio étnico (em cada município, por exemplo, entre os três principais conselheiros, precisa haver um curdo, um árabe e um cristão assírio ou armênio, e pelo menos um deles tem que ser mulher). Existem conselhos de jovens e de mulheres e, como um eco notável da organização armada *Mujeres Libres*⁴ da Espanha, um exército feminista: *Yekineyen Parastina Jinê* (YPJ), as Unidades de Defesa das Mulheres. São as milícias das mulheres de Rojava, criadas em 2013, que realizaram grande parte das operações de combate contra as forças do Estado Islâmico (ISIS).

Como algo semelhante pode acontecer e ser praticamente ignorado pela comunidade internacional e, inclusive, de forma ampla, pela esquerda internacional? Parece ser, sobretudo, porque o grupo revolucionário de Rojava, o Partido da União Democrática (PYD, na sigla em curdo), age em aliança com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK, na sigla em curdo) turco, um movimento de guerrilha marxista que desde os anos 1970 esteve envolvido em uma longa guerra contra a Turquia. A OTAN, os EUA e a União Europeia o classificam oficialmente como uma organização “terrorista”. Enquanto isso, são frequentemente tachados de stalinistas pela esquerda. Mas, de

⁴ Nota do Tradutor: *Mujeres Libres* foi uma organização feminista de orientação anarquista atuante no contexto da Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939.

fato, o próprio PKK não tem mais quase nada que se pareça com o antigo partido leninista verticalizado que um dia havia sido. A sua evolução interna, e a conversão intelectual de seu fundador, Abdullah Öcalan, aprisionado em uma ilha turca desde 1999, o levou a mudar completamente os seus objetivos e táticas.

O PKK declarou que já não quer criar um Estado curdo. Por conta disso, inspirado em parte pela visão do ecologista social e anarquista Murray Bookchin, adotou a perspectiva do “municipalismo libertário”, pregando entre os curdos a criação de comunidades livres e autônomas, baseadas nos princípios da democracia direta, que iriam juntas além das fronteiras nacionais – as quais, com o tempo, se espera que percam seu significado. Neste sentido, como propuseram, a luta curda poderia se tornar um modelo para um movimento mundial rumo a uma democracia genuína, uma economia cooperativa e a dissolução gradual do Estado-nação burocrático.

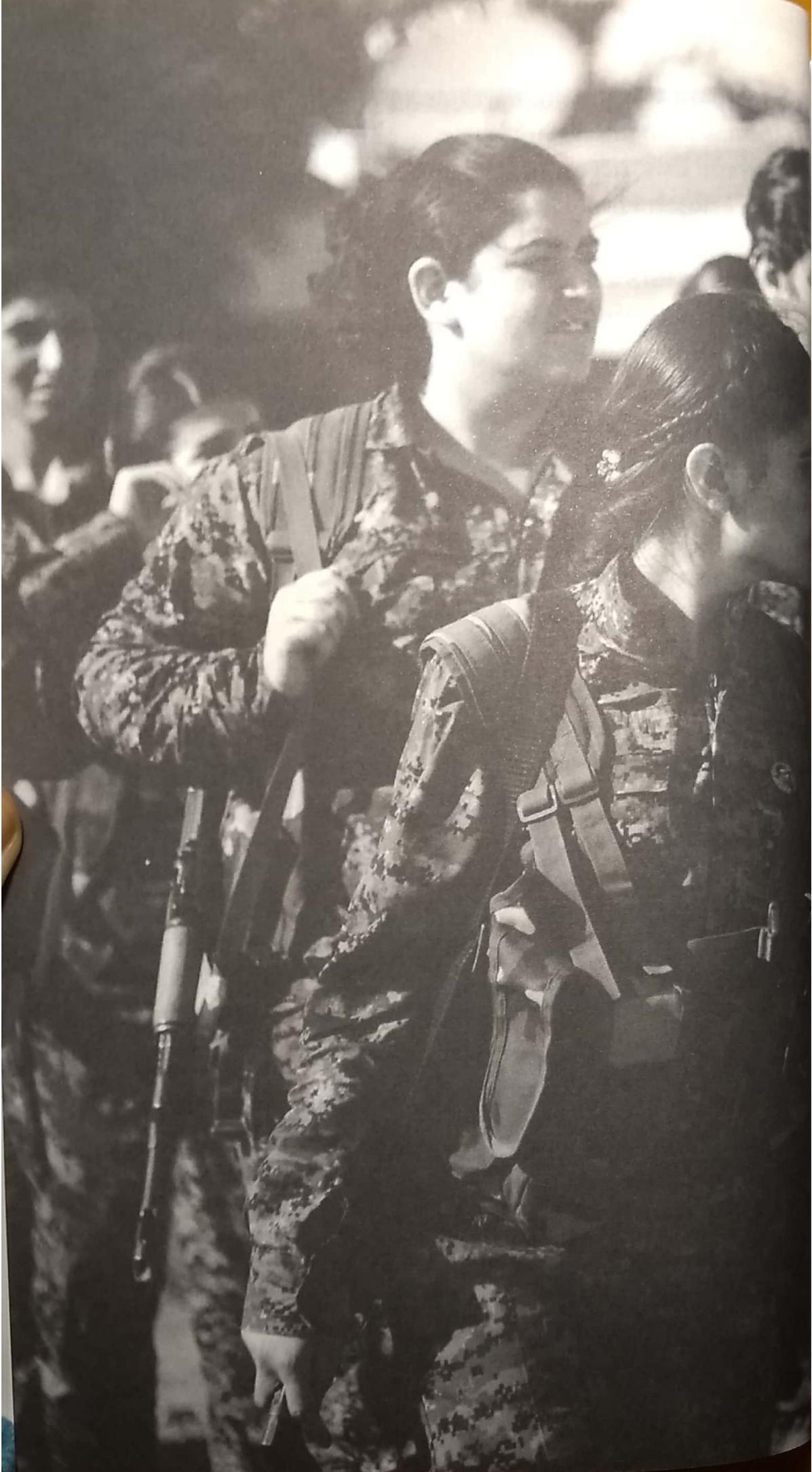
Desde 2005 o PKK, inspirado na estratégia dos revolucionários zapatistas em Chiapas, declarou um cessar-fogo unilateral com o Estado turco e começou a concentrar seus esforços no desenvolvimento de estruturas democráticas nos territórios que já controlava. Alguns questionaram o quão sério é realmente tudo isso. Claramente, persistem elementos autoritários. Mas o que se passou em Rojava, onde a revolução síria deu aos radicais curdos a oportunidade de concluir estas experiências em um território vasto e contíguo, sugere que se trata de qualquer coisa, menos de uma fachada.

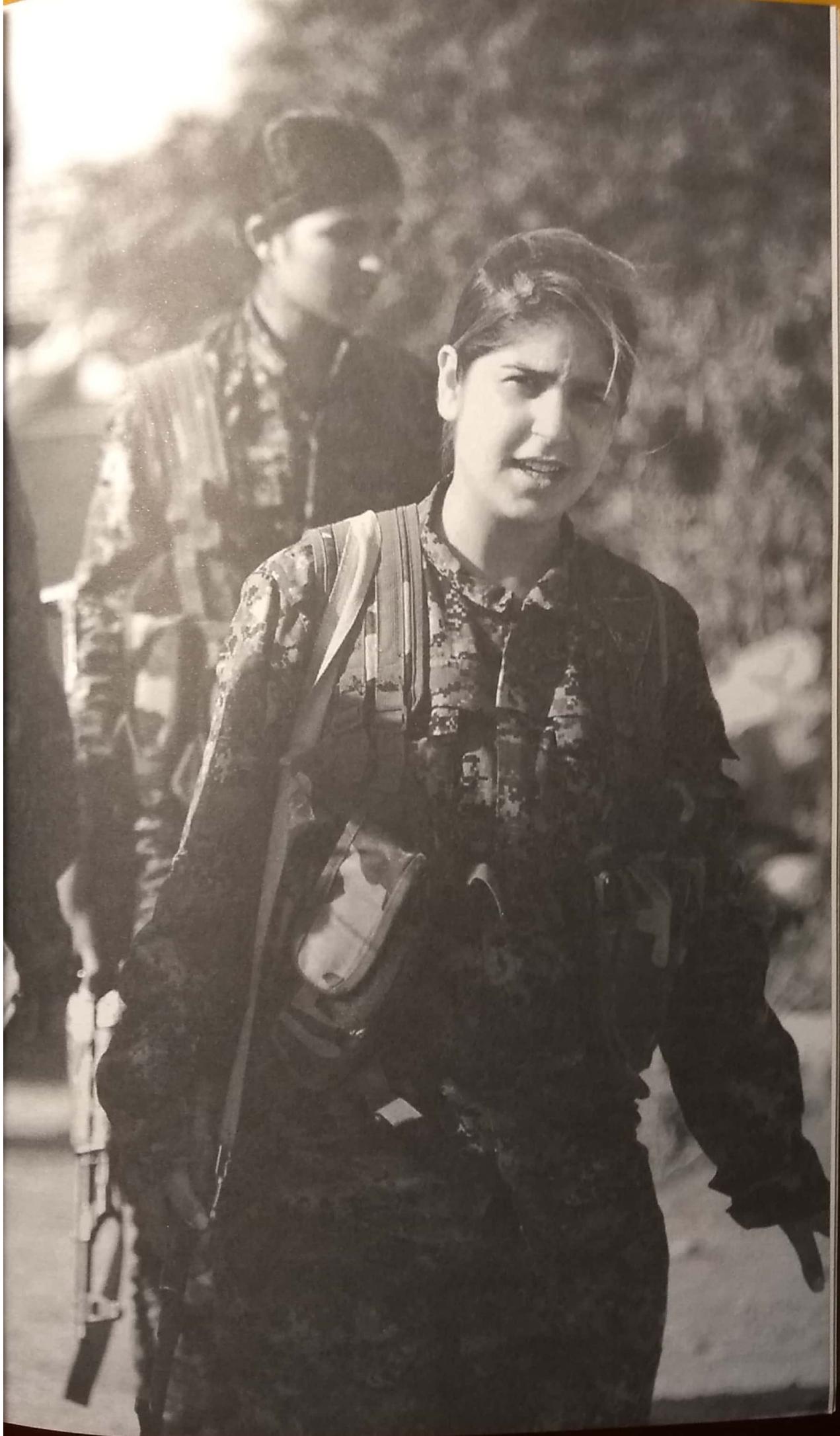
Foram formados conselhos, assembleias e milícias populares, o regime de propriedade se converteu em cooperativas geridas pelos trabalhadores, e tudo isso apesar dos ataques contínuos das forças de extrema direita do ISIS. Os resultados satisfazem qualquer definição de revolução social. No Oriente Médio, pelo menos, estes esforços foram percebidos: particularmente depois que o PKK e as forças de Rojava intervieram, abrindo caminho com êxito através do território do ISIS até o

Iraque para resgatar milhares de refugiados *yazidis* encurralados nas Montanhas Sinjar depois que os *peshmerga* locais se retiraram. Estas ações foram amplamente celebradas na região, mas “curiosamente” não motivaram nenhuma notícia na imprensa europeia e norte-americana.

Agora, o ISIS retornou, com dezenas de tanques produzidos nos EUA e artilharia pesada tomada das forças iraquianas, para se vingar daquelas mesmas milícias revolucionárias em Kobane, a declarar sua intenção de massacrar e escravizar – sim, literalmente escravizar – toda a população civil. Enquanto isso, o exército turco se mantém na fronteira, evitando que os reforços ou a munição possa chegar aos defensores, e os aviões dos EUA passam zunindo no alto com seus ataques pontuais, simbólicos e ocasionais, pelo que parece, apenas para poder dizer que tentaram de alguma maneira dar apoio aos defensores de um dos grandes experimentos democráticos do mundo.

Se há hoje um paralelo com os falsos devotos assassinos falangistas do Franco, quem seria senão o ISIS? Se há um paralelo com as *Mujeres Libres*, quem poderia ser senão as mulheres valentes que defendem as barricadas em Kobane? O mundo – e desta vez, ainda mais escandalosamente, a esquerda internacional – será realmente cúmplice ao deixar que a história volte a se repetir?





PARTE 1:
POR QUE LUTAM OS CURDOS?

CAPÍTULO 1

PINCELADAS SOBRE O CURDISTÃO

Jordi Vázquez

“Há muitos tipos de olhos. A Esfinge também tem olhos, consequentemente há muitos tipos de verdades, e consequentemente não há nenhuma verdade.” Assim Nietzsche definia a verdade. E ainda que essa dependa de cada olho, a realidade pode ser dissimulada até tornar-se irreconhecível. Até o ponto em que desapareça. É isso que acontece no Curdistão: a realidade desapareceu. É muito complexo descrevê-la, porque está embaçada e escondida.

Neste capítulo faremos uma pequena explanação do que é o Curdistão, quem são os curdos, quais são suas características culturais e uma breve introdução à sua história.

Geografia

De um ponto de vista geográfico, o Curdistão não será encontrado nos mapas geopolíticos. Quando muito uma província com este nome no Irã, que representa apenas uma pequena parte do Curdistão iraniano; e outra no Iraque, que tampouco compreende, nem de longe, todo o território curdo naquele país. Entretanto o Curdistão é a maior nação sem Estado do mundo: mede entre 435 mil e 500 mil quilômetros quadrados. Mas nem isso fica claro conforme se tenha em conta o Curdistão histórico ou o atual território de maioria curda. Para fazermos uma comparação, os Países Catalães⁵ têm pouco mais de 70 mil

5 N. do T.: A primeira edição de *A Revolução Ignorada* foi publicada em catalão, daí essa ser uma referência habitual entre os leitores espanhóis. No caso, Países Catalães é uma região histórica que compreende as atuais regiões da Catalunha, Valência e Ilhas Baleares, além de zonas fronteiriças com Aragão e a Catalunha Norte, já na França.

quilômetros quadrados. A maior parte do território curdo, geograficamente, é formada por montanhas de grande altitude, destacando a Cordilheira de Zagros, parte dos montes Tauro e Hamrin. Inclusive o bíblico Monte Ararat, onde foi ancorada a Arca de Noé, com mais de 5 mil metros de altitude. Hidrograficamente, os históricos rios Tigre e Eufrates, ao longo dos quais surgiram as primeiras civilizações, nascem e correm em boa parte por território curdo. O Curdistão não tem acesso a mares, mas sim a grandes lagos, como o de Van ou Úrmia. No primeiro foram afogados muitos militantes curdos pelas forças turcas e, nas margens do segundo, o dirigente Simko ergueu sua fortificação na luta contra a Pérsia na primeira metade do século XX.

Demografia

Do ponto de vista demográfico, os dados concretos são ainda menos palpáveis. Não há censo da população curda. O Curdistão, administrativamente, está dividido entre quatro Estados: Turquia, Irã, Iraque e Síria. No primeiro caso se supõe uns 215 mil quilômetros quadrados; no segundo, 125 mil; no Iraque, 76 mil; e na Síria, uns 19 mil. Há entre 11 e 25 milhões de curdos na República da Turquia, que se estima entre 16 e 30% da população. No Irã, há entre 6 e 10 milhões; algo entre 7 e 10% do total desse país. A demografia curda no Iraque é menor em termos absolutos: entre 6 e 8 milhões de pessoas, mas correspondem a algo entre 15 e 23% da população. Finalmente, há entre 2 e 3 milhões de curdos na Síria, onde são entre 9 e 13% do total. Além disso, há uma importante diáspora em lugares como Azerbaijão, Líbano, Anatólia turca, Armênia, Geórgia ou, de forma crescente e recente, na Europa. Neste último caso, as cifras são aproximadas. A comunidade mais importante está na Alemanha, com 800 mil pessoas, seguida da do Estado francês, com 150 mil.

Língua

Filologicamente, a língua curda pertence às indo-europeias, como o catalão, o espanhol ou o português. Em concreto, ao grupo indo-iraniano, e, dentro deste, ao ramo iraniano, do qual a língua mais importante é o farsi, ou persa. A língua curda está dividida em quatro dialetos principais, entre os quais se destaca o curmânji, ou *kurmanci*, utilizado por 75% do total dos falantes. A área onde é falado inclui o Curdistão da Turquia e Síria, as zonas da antiga União Soviética, o norte do Curdistão iraquiano e o noroeste do Irã. A sua primeira forma escrita conhecida data do século XVI e pode ser grafada em três alfabetos diferentes: em caracteres latinos, arábicos ou cirílicos.

Religiões

No âmbito religioso, aproximadamente 75% da população curda são fiéis muçulmanos sunitas. A prática religiosa não é tão rigorosa, mas bastante pessoal. A escola de jurisprudência⁶ sunita mais seguida pelos curdos é o chafeísmo, a mais aberta, moderada e moderna de todo o islã sunita. Outra característica é a presença das ordens místicas, também seguidas na África do Norte, e que são dirigidas por xeiques ou líderes espirituais. Este fato está, com frequência, ligado às estruturas tribais. Já a minoria xiita se concentra no Curdistão do Irã, que é um Estado xiita, e na República da Turquia. Neste último caso, inseridos na ampla abrangência dos alevitas, uma comunidade que, sobre uma base xiita, misturou a espiritualidade pré-islâmica – de culto à natureza e xamânica – com o sufismo. Este último é um movimento esotérico muçulmano impregnado de rituais espirituais e culto aos santos que não é aceito pelos sunitas mais radicais como parte do islã, sendo por eles considerado uma heresia.

6 N. do A.: As escolas de jurisprudência islâmicas são as diferentes tendências académicas dentro da religião islâmica que se dedicam a interpretar as indicações dos textos sagrados com o fim de convertê-los em leis concretas.

Na sua origem, o povo curdo não era muçulmano. De fato, ainda restam importantes resquícios da sua religião original no denominado yazidismo. Essa religião é um culto sincrético que está baseada no zoroastrismo, no mitraísmo e no culto solar com influências do citado sufismo. Os *yazidis* são uma minoria religiosa endogâmica que emprega o curdo, na sua variante curmânji, como língua sacra. O fato de terem se isolado permitiu que sua sobrevivência, apesar de sofrerem um grande número de perseguições genocidas, a última em agosto de 2014 em Sinjar (Curdistão do Iraque). Um grupo religioso similar é formado pelos *ahl-e haqq*, *kaka'i* ou *yarsanis*. Neste caso são mais claras as influências místicas e ocultistas oriundas do sufismo. Se os *yazidis* seriam no máximo 200 mil fiéis, os *ahl-e haqq* se aproximam de 1 milhão, dos quais uma imensa maioria vive no Curdistão iraniano.

Uma terceira minoria religiosa são os *shabaks*, denominação que literalmente quer dizer “entrelaçados”, uma vez que mesclam o islã com o cristianismo. Neste caso, eles usam a língua turcomana, da família do turco, como língua sagrada. Apesar de partirem do Alcorão, essa comunidade adaptou muitos elementos do cristianismo e do yazidismo.

Não existem curdos cristãos, e os curdos seguidores do judaísmo foram deslocados para Israel a partir dos anos 1960 do século XX. Ainda que o cristianismo não tenha sido adotado pelos curdos, é verdade que o foi por outras importantes minorias étnicas que igualmente vivem no Curdistão. Entre as quais os assírios, havendo ainda diversas igrejas cristãs distintas. Por um lado, as siríacas⁷: a Ortodoxa Siríaca e a Católica Siríaca; a primeira, independente, e a segunda, vinculada ao Vaticano. Por sua vez, há ainda a Assíria do Oriente, e a Antiga Igreja do Leste, que são independentes e seguidas pelos assírios. Por fim, existe a Católica Caldeia, que se mantém em comunhão com Roma e da qual os caldeus são os seguidores. Siríacos, assírios

⁷ Não confundir com as sírias. As siríacas fazem referência aos assírios.

e caldeus, porém, formam uma única comunidade de origem étnica, ainda que empreguem dialetos diversos e mantenham entre si relações frequentemente difíceis.

Minorias étnicas

Como se pôde comprovar, enfim, a população no Curdistão não é homogênea. Ainda que os curdos representem a imensa maioria, há uma grande diversidade de grupos étnicos diferentes que conservam sua própria idiossincrasia. No Iraque há mais de meio milhão de turcomanos. Essa comunidade normalmente se opõe ao autogoverno curdo e é financiada pelo governo turco. Apesar disso, em novembro de 2014, o parlamento autônomo curdo do Iraque reconheceu o turcomano como língua oficial e existem escolas que oferecem educação nesse idioma. No Curdistão iraniano e no turco, mas sobretudo no último, vivem mais de 60 mil armênios. Majoritariamente cristãos, os armênios estão divididos em três grandes confissões, uma evangélica, uma fiel a Roma e, finalmente, a Igreja Apostólica Armênia.

Outra comunidade cristã é a assíria. Eles se proclamam descendentes do antigo Império Assírio que subjugou os ancestrais do povo curdo. De fato, o ano novo curdo comemora uma vitória decisiva do povo medo que implicou o fim do Império Assírio. Os assírios, portanto, têm mantido relações tensas com os curdos. Os assírios falam diferentes línguas da família semita, como o árabe, em especial o aramaico e o siríaco, que são usadas como línguas litúrgicas e foram oficializadas em Rojava no início da revolução curda, que teve como um dos seus eixos o respeito a esta minoria etnorreligiosa. Por esse motivo, os assírios organizaram milícias próprias que atuam como aliadas das milícias curdas. Isso representa uma mudança de paradigma decisiva, já que os assírios foram objetos de perseguições religiosas desde o século XIV, e algumas delas foram concretizadas pela maioria curda. Apesar disso a principal mancha, tanto de armênios quanto de assírios, foi o denominado

Sayfo ou *Seyfo*, “genocídio”, nas mãos dos turcos. Neste caso foram documentados pelo menos 1,5 milhão de mortos. É por tudo isso que o PKK fez um grande esforço para atrair os assírios e as demais minorias étnicas para o seu projeto político. Fruto deste processo, o advogado Erol Dora tomou posse como o primeiro deputado cristão no parlamento turco, no ano de 2011, e no ano de 2013 foi escolhida a primeira prefeita na Turquia de origem assíria, Februniye Akyol.

Sociedade

Socialmente, dois elementos se sobressaem no âmbito estrutural: o tribal e o matriarcal. Por um lado, a força da estrutura tribal, de raízes ancestrais e de clã, como forma de organização social. As tribos constituem uma base estável e consolidada, ainda que nas zonas urbanas tenham perdido importância, porém, no Iraque, continuam firmemente estabelecidas. Tradicionalmente os curdos se organizaram de maneira descentralizada ao redor de agrupamentos semiformais de tribos. Este tipo de organização, internamente bastante hierárquica, tem sido mantido por centenas de anos, não obstante as convulsões em escala política e militar que a área tem vivido ao longo da história, fruto da sua posição estratégica. Os curdos se organizaram politicamente em torno destas tribos vinculadas de maneira frouxa, dando apoio a líderes tribais que favoreceram a si mesmos por motivos distintos dos da hereditariedade. Periodicamente, os curdos vêm formando grandes confederações temporais de tribos para organizar revoltas ou ações militares. Os partidos políticos, em geral, nunca tiveram o monopólio da organização política tal como se deu em outras partes do mundo, já o seu êxito esteve antes relacionado com a maneira como souberam se integrar às instituições políticas e sociais tradicionais.

Esta cultura tribal está acompanhada de uma fidelidade ao grupo e de um rígido código de normas coroado pela honra. Também se caracteriza por uma maneira conservadora de

vestir, quase folclórica, com turbantes e calças em forma de bombachas, tatuagens, inclusive faciais, e uma rica tradição de literatura oral cuja origem se perde nos tempos. Ademais, sobrevive, principalmente na parte iraquiana, uma estrutura feudal encabeçada pelos *agás*⁸, ou chefes, que explica a divisão em organizações políticas nem sempre causada pela ideologia. Alguns agás, por exemplo, na Turquia optaram por dar apoio às forças de ocupação, ao passo que outros chefiaram a resistência, perdendo frequentemente seu papel de possuidor de terras.

No que toca à questão de gênero, ao contrário, a sociedade curda hoje é bastante avançada, seguindo paradigmas ocidentais. Muitas mulheres foram chefes tribais e dirigiram a resistência armada curda. Atualmente são mulheres, muitas vezes de idade avançada, as que lideram as manifestações, por exemplo, no Curdistão turco. As mulheres são as que, conforme as tradições, recebem os estrangeiros no âmbito doméstico, dando início às conversas com eles. Jamais ocultam o rosto e a elas se reconhece o poder de impedir uma briga entre homens. O aspecto menos positivo são tradições ancestrais que persistem, embora diminuindo, como o dote das noivas, os casamentos arranjados ou a circuncisão feminina. No entanto, sobretudo com a irrupção do Confederalismo Democrático proposto por Abdullah Öcalan e com o aparecimento de uma ala militante de mulheres dentro do movimento curdo, o papel delas, outra vez, é de liderança. Dentro do amplo movimento de libertação curda, nenhuma organização pode ter uma direção exclusivamente masculina, o principal partido pró-curdo da Turquia, por exemplo, é o que se apresenta com mais candidatas em toda a república, além disso, foram criadas organizações femininas de todos os tipos, entre as quais se sobressaíram as milícias das YPJ (Yekiineyen Parastina Jinê – Unidades de Defesa das Mulheres). Nessa linha, no Curdistão iraquiano um terço do parlamento autônomo está

⁸ N. do E.: . Dignidade militar, comandante (na Turquia); 2. Título honorífico ou espiritual entre os muçulmanos; do turco “agá”, senhor/mestre

reservado às deputadas. O papel das mulheres na sociedade curda é comparativamente melhor que o da maioria das sociedades muçulmanas. No entanto, este feito é mérito unicamente do imenso esforço despendido pelo movimento das mulheres curdas, o qual veremos mais à frente.

Classes

Falar em termos de luta de classes no Curdistão implica inúmeros problemas. Por um lado, classe jamais foi um tema de tanta importância, uma vez que foi a tribo que sempre teve o papel predominante, pois, como podemos observar, as camadas mais altas da sociedade curda são compostas pelos chefes das tribos mais poderosas. Por outro, os Estados que oprimiram o povo curdo empregaram políticas de empobrecimento da população, de forma a mantê-la na pobreza. Isso não quer dizer que os curdos abastados não tenham colaborado nessas políticas, já que o Estado garantia a manutenção dos seus privilégios em troca da renúncia de suas reivindicações nacionais. Portanto, se fizéssemos a análise em termos de classe, poderíamos dizer que a grande maioria da população curda pertence à classe trabalhadora, com uma mínima porção pertencente à classe média, e caberia destacar, por fim, uma classe alta, que se fundamenta e se legitima nas estruturas tribais para continuar a manter seus privilégios, embora tenha adotado nos últimos anos, sem problemas, dinâmicas de classe burguesa ou a criação de estruturas de governo de tipo parlamentar como mais um meio de preservar seu controle. Entretanto, eles não foram os únicos que passaram a usar o conceito de classe, o PKK, na sua luta pela libertação, elevava a questão de classe ao nível de questão nacional, sendo que um dos seus objetivos em sua luta era acabar com a classe abastada curda.

A história: entre quatro Estados inimigos

A policromia religiosa, étnica e linguística do Curdistão é o resultado da sua história. Uma sobreposição de comunidades que produziram a originalidade de cores que brilha nas montanhas curdas, entre cumes majestosos coroados de neve e vales que dormem sob leitos de água. A população curda atual é resultado de algumas das culturas mais antigas da história, as de Halaf e Ubaid, dos hurritas, um povo indo-ariano, e dos medos, dos quais se consideram descendentes. Foi esse povo que derrotou o Império Assírio e constituiu um Estado independente, até que fosse subjugado pelos persas, no ano 550 a.C. Os persas foram os primeiros das três forças regionais que hoje ocupam o Curdistão a combater os curdos. Atualmente constituem o Estado do Irã, a antiga Pérsia.

Os principados curdos foram ocupados posteriormente em face da irrupção árabe que praticamente aniquilou a religião de raiz zoroástrica para impor o islã a partir do século VII. Hoje Iraque e Síria são Estados de maioria árabe, e seus governos implantaram, sobretudo na segunda metade do século XX, agressivas políticas contra a população autóctone, conhecidas como “planos de arabização”.

No século XI os turcos otomanos chegaram ao Oriente Médio, vindo a se estabelecer a oeste do Curdistão. Paulatinamente, foram incorporando ao seu reino todos os principados curdos, primeiro pactuando, depois conquistando. Mesmo com sua integração no Império Otomano, os curdos mantiveram certa autonomia até o século XX.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) representou uma ruptura no frágil equilíbrio entre persas, árabes e turcos. A hegemonia territorial destes últimos foi quebrada em razão de sua aliança com os impérios centrais, os perdedores da Grande Guerra. O Império Otomano foi desmontado pelo acordo Sykes-Picot, tendo sido a república turca reduzida ao seu território atual. A parte síria tor-

nou-se um protetorado francês, ao passo que a porção iraquiana passou a ser dependente do Império Britânico.

O Tratado de Sèvres (1920), entre os ganhadores da Primeira Guerra Mundial, incluía a promessa de um Estado curdo, o qual jamais chegou a se materializar. Todavia, quando parecia que os curdos poderiam finalmente ter um Estado próprio, houve uma grande traição por parte das potências ocidentais. Em Kirkuk, na região curda do atual Iraque, foi encontrado petróleo, o que levou Londres a incluir essa parte do Curdistão dentro do Iraque para poder controlar sua extração. Foi criado um Estado com uma constituição federal provisória que afirmava que o Iraque era composto por árabes e curdos, com igual estatuto, inclusive linguístico. Mas, na verdade, o que se deu foi a imposição da hegemonia árabe sobre a minoria curda. Os levantes curdos liderados por Mahmud Barzanji foram esmagados à força pelo exército britânico. A traição se consolidou com um novo tratado, o de Lausanne (1923), pelo qual se reconhecia internacionalmente que o Curdistão iraquiano estava incluído no território do Iraque. Um processo semelhante ocorreu na Síria, onde os curdos representavam uma décima parte da população, mas acabaram confinados em um Estado de uma evidente maioria árabe. No Irã, Simko, líder da tribo dos *shakak*, sublevou-se contra a Pérsia, chegando a constituir um território próprio, derrotando diversas vezes o exército persa, até que foi assassinado traiçoeiramente quando participava de conversações com o governo. Foi no pós-guerra que o Curdistão esteve mais próximo de conseguir um Estado próprio, mas os interesses das potências ocidentais eram contrários às reivindicações do povo curdo. Assim se concluiu o esquiteamento do Curdistão em quatro: o Curdistão do Norte (ou Bakur em curdo), situado na Turquia; o Curdistão do Sul (ou Bashur), no Iraque; o Curdistão Oriental (ou Rojhilat), no Irã; e, finalmente, o Curdistão Ocidental (ou Rojava), na Síria.

Sob a dominação do Irã

De fato, chegou a existir um Estado curdo durante o século XX. Foi no Irã, onde o líder Simko Shikak protagonizara duas guerras. A primeira entre 1918 e 1922, e a segunda em 1926. Uma terceira foi liderada por Jafar Sultan em 1929. Mas foi por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando a Pérsia se aliou à Alemanha nacional-socialista, que foi proclamada a República de Mahabad por ação do Partido Democrático do Curdistão do Irã (PDKI). Esta foi a primeira organização política curda moderna, tendo estabelecido entre 1945 e 1946 um governo que dignificou a língua curda e repartiu as terras dos proprietários fiéis ao xá entre os camponeses. A república, porém, dependia do apoio da União Soviética, que havia ocupado parcialmente a Pérsia. Quando os soviéticos se retiraram, a República de Mahabad entrou em colapso, e os seus dirigentes acabaram executados. O PDKI continua a existir, todavia hoje dividido em duas facções. O partido tem protagonizado diversas guerras contra o atual Irã. A primeira por ocasião da Revolução Islâmica. A guerra se estendeu entre 1979 e 1983, matando 10 mil pessoas. A segunda, entre 1989 e 1996, em sequência ao assassinato, em Viena, do presidente do PDKI, Abdul Rahman Ghassemlou, pelas mãos dos agentes secretos iranianos. Já a terceira, entre 2004 e 2011, foi promovida pelo PJAK (Partiya Jiyana Azad a Kurdistane – Partido por uma Vida Livre no Curdistão), ligado ao PKK turco.

Sob a dominação da Turquia

A situação no Curdistão sob a administração turca foi ainda pior. O movimento reformador de Kemal Atatürk substituiu o califado do Império Otomano por uma república ultranacionalista turca de face laica. O seu regime massacrou as minorias da Anatólia. A população grega foi expulsa para a Grécia, e a minoria turca da Grécia foi instalada no novo Estado turco em

uma espetacular troca de população para se estabelecer Estados monoétnicos. As minorias assíria e armênia foram exterminadas em uma campanha genocida, e só a minoria curda impedia a absoluta hegemonia étnica turca. A partir de então teve início um processo de supressão da identidade curda que persiste até hoje. Entre 1921 e 1936 o Curdistão turco foi cenário de um conjunto de guerras, qualificadas como revoltas, onde o exército turco cometeu crimes horríveis contra a população civil. Ainda hoje é difícil quantificar as vítimas, porém superam com sobra os 100 mil mortos. Algumas das principais são: a denominada revolta de Koçgiri (1921), que vitimou os alevitas; a do Sheik Said (1925), que chegou a controlar um terço do Curdistão turco e na qual morreram entre 15 mil e 40 mil pessoas; a do Monte Ararat (1926-1930), que, ao ser sufocada, deixou entre 5 mil e 47 mil vítimas; e, finalmente, a revolta de Dersim (1937-1938). Esta foi a mais cruel. O governo de Atatürk estava alinhado então com o regime fascista italiano e o nazista alemão e considerava as execuções em massa um método político. Na região de Dersim, a Turquia praticou uma política de terra arrasada. Entre outras selvagerias que praticaram incluía-se afogar mães e filhos nos rios ou prender civis em grutas e ali os queimar vivos. Mais de 1,5 milhão de curdos foram assassinados, aprisionados ou deportados. Efetivamente, na Anatólia central hoje vivem os seus descendentes, desenraizados da terra curda, porém mantendo em muitos casos a sua identidade. Em Dersim morreram pelo menos 50 mil curdos. A região ficou quase desabitada, e o Curdistão, subjugado ou “aniquilado”, como dizia um dos dirigentes curdos, Nureddin Pasha.

Além da eliminação física houve um genocídio cultural e legislativo. Simplesmente o Curdistão e seus habitantes passaram a ser proibidos. No ano de 1924 foi proibida a língua curda e todas as suas expressões, o Curdistão foi transformado em “províncias do Leste”, a toponímia local foi anulada, os sobrenomes curdos foram obrigatoriamente convertidos em turcos (por isso

muitos curdos hoje têm como sobrenome a palavra “Turk”) e os curdos passaram a ser denominados “turcos das montanhas”.

Sob a dominação árabe no Iraque

Parte dos refugiados que fugiram desta imensa onda represiva seguiram para a Síria ou para o Iraque. Neste segundo caso, a resistência curda protagonizou um embate constante com Bagdá. Embate que, de fato, ainda se mantém até hoje. Os irmãos Barzani – Ahmed e Mustafá – são venerados por grande parte da população curdo-iraquiana como heróis da liberdade. Haviam participado das revoltas de Mahmud Barzanji quando os curdos ainda sonhavam que os britânicos não os trairiam. Ahmed, da poderosa tribo dos Barzani, liderou uma grande insurreição entre 1931 e 1937. A sua figura é de suma importância, pois é reconhecido como o primeiro ecologista curdo. A despeito de ser um chefe tribal era também um líder religioso, tendo pregado o respeito à natureza e aos animais, seguindo uma filosofia de vínculos com a terra de forma muito semelhante ao dos indígenas norte-americanos. Também foi um reformador social, pôs em dúvida as lideranças tribais ainda que ele mesmo fosse um dirigente desse tipo. Promoveu a meritocracia e lutou contra a corrupção.

A figura de Ahmed Barzani teria ficado como referência indiscutível para a nação curda se não fosse por seu irmão o haver superado indiscutivelmente no aspecto tático e militar. Mustafá Barzani recebeu o bastão e dirigiu diplomaticamente uma aliança entre as tribos curdas do Iraque. Assumiu o posto de general na República de Mahabad, onde se destacou por suas habilidades como dirigente militar. Com efeito, protagonizou uma fuga lendária, evitando ao mesmo tempo as tropas turcas, iranianas e britânicas, conseguindo levar os seus *peshmerga* (nome dos guerrilheiros curdos, que significa “aquele que enfrenta a morte”) até a União Soviética. Lá viveu como refugiado com o reconhecimento militar até que retornou

como herói no princípio da Revolução Iraquiana de 1958. Com um partido próprio e hegemônico, o Partido Democrático do Curdistão (PDK), Barzani reconstruiu os laços da sociedade curda no âmbito cultural, nacional e militar. Por fim, o governo central resolveu esmagar seu projeto sociopolítico. Para concretizá-lo, optou pela via militar.

A primeira guerra curdo-iraquiana se prolongou de 1961 a 1970, havendo as tropas de Barzani protagonizado verdadeiras façanhas, como a vitória do Monte Hendrin, onde eliminaram toda uma brigada do exército iraquiano. Bagdá, por não conseguir derrotá-lo, acabou aceitando uma autonomia limitada. Mas a partir do momento em que o governo central recuperou suas forças, retomou a opção bélica. A segunda guerra curdo-iraquiana (1974-1979) terminou com a derrota de Barzani, que se refugiou no Irã. O governo, então, pôs em andamento o denominado "programa de arabização" do território curdo do Iraque, que procurava substituir a população original curda por colonos árabes. As deportações afetaram mais de 200 mil pessoas, e zonas como Kirkuk sofreram uma mudança demográfica, passando de maioria curda para maioria árabe.

Mustafá não era um reformador social como o seu irmão. Era um conservador, partidário das tradições curdas e da liderança tribal. Isso lhe permitiu ter o suporte da maioria das tribos curdas, exceto os *zibari*, inimigos tradicionais dos *barzani*. Após a morte de Mustafá, seu filho Massoud o sucedeu, encontrando uma nova oportunidade de lutar pela liberdade curda no contexto da guerra entre Irã e Iraque. Massoud Barzani comandou a terceira guerra curdo-iraquiana (1983-1988), a mais cruel de todas. Ainda que contasse com o suporte iraniano, acabou sendo derrotado, não militarmente, senão pela brutalidade do governo iraquiano. Sob Saddam Hussein foram praticados os piores crimes contra a população curda, que são conhecidos pelo nome de Anfal (uma *sura*, ou capítulo, do Alcorão que significa "saques de guerra"). Saddam

usou armas químicas contra a população civil, assassinando 182 mil pessoas em uma guerra selvagem e genocida. Houve 250 ataques químicos e foram destruídos 4.500 povoados de forma sistemática. Massoud se viu obrigado a se render diante da brutalidade contra a população civil. Uma vez acabada a guerra, foram deportadas outras 300 mil pessoas.

Um ano depois, a ocupação iraquiana do Kuwait se desdobrou na conhecida guerra do Golfo (1990-1991), entre o governo iraquiano e uma coalizão internacional. A derrota clara (e contundente) de Saddam Hussein animou a população civil a se revoltar. Quando Saddam voltou a lançar toda sua artilharia contra o Curdistão, a ONU aprovou a resolução 688 de exclusão aérea e recebeu uma resposta militar sob os auspícios da ONU liderada pelos EUA. A partir de então, foi constituída uma autonomia curda de fato, liderada pelo Governo Regional do Curdistão (KRG em sua sigla em inglês). O comando ficou a cargo do PDK e de uma dissidência deste, a União Patriótica do Curdistão (YNK, *Yakêti Nishtimani Kurdistan*). Foram instituídos ainda um parlamento e um governo autônomo, que desde então administram parte, não todo, do Curdistão iraquiano. Apesar de uma lamentável guerra civil entre o PDK e o YNK (1994-1997), a autonomia vem se consolidando. A língua curda é oficial e floresce, a economia se recuperou depois de décadas de destruição, até o aparecimento do Estado Islâmico, no verão de 2014, a zona vivia uma relativa calma. O Curdistão iraquiano ainda está longe de ser um modelo exemplar. A corrupção e o nepotismo estão alastrados, o autogoverno foi negado aos *yazidis*, e a filial local do PKK tem sido perseguida, entretanto, ainda assim, um terço do parlamento está reservado às deputadas e há cadeiras concedidas para as minorias que desfrutam de um respeito admirável. Por exemplo, as diferentes línguas dos grupos minoritários não curdos foram oficializadas e incentivadas, e 11 das 111 cadei-

ras do parlamento são reservadas para os turcomanos, assírios, caldeus, siríacos e armênios.

Sob a dominação árabe na Síria

A Síria foi o segundo destino onde se refugiou a maioria dos curdos que fugiam da repressão turca nos anos 1920 e 1930. Lá muitos se incorporaram ao movimento que desde 1924 reivindicava a autonomia de Rojava, literalmente "Oeste", o Curdistão da Síria. Enquanto a Síria se manteve como um protetorado francês, a população curda não sofreu nenhuma perseguição, mas, quando se proclamou a independência, as coisas mudaram. A maioria árabe levou em frente a chamada "espoliação". Os curdos e curdas perderam a nacionalidade síria por meio do Decreto 93 e foram considerados "estrangeiros" ou "ocultos". Cerca de 30 mil pessoas perderam suas propriedades e depois foram expulsas de seus povoados e enviadas para Damasco ou Aleppo. Desde então, e sobretudo sob o governo dos Assad, foi aplicado um conjunto de leis que proibiu a língua e qualquer traço da identidade curda.

CAPÍTULO 2

PKK - DO MARXISMO-LENINISMO AO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

Por Diversos Autores

Este capítulo se dedica a compreender a história da principal organização a levantar as bandeiras desse povo. Trata-se do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, o PKK, que desde a década de 1970 vem travando uma luta incessante contra o estado turco, enquanto influencia e ajuda a organizar as lutas dos curdos nos quatro países em que estão espalhados. Considerado terrorista pela Turquia e pelos países do Ocidente, o PKK era marxista-leninista em sua origem, mas passou por um processo de autocrítica que resultou num dos mais completos programas revolucionários do nosso tempo: o Confederalismo Democrático. Nos três artigos compilados a seguir neste capítulo, veremos um pouco mais da história desse partido.

Breve história do PKK *(por Jordi Vázquez)*

A fundação do *Partiya Karkerên Kurdistanê* (PKK) no final de novembro de 1978 fora precedida por um intenso trabalho para evitar improvisações. A preparação, tanto ideológica como organizacional, era uma obsessão das poucas dezenas de militantes que fundaram aquele que acabaria por se converter no partido hegemônico da luta curda.

As suas origens podem ser encontradas no surgimento da esquerda revolucionária turca do final dos anos sessenta e setenta do século XX. A maioria dos grupos criados naquele cenário se extinguiu em decorrência de crises internas, fossem de tipo teórico, fossem de tipo prático, ou por ser brutalmente reprimido.

mida por passar, sem preparação, para a luta corpo a corpo com o Estado. Naquela ocasião foi criado, em 1975, um grupo sem nome que seria conhecido como Revolucionários do Curdistão. Este núcleo havia se separado de uma organização mais ampla de estudantes de esquerda turcos de Ancara. Eles ainda seriam conhecidos como "Apocu", os seguidores de Apo ("tio"), apelido do seu dirigente Abdullah Öcalan. Dois membros deste núcleo, Kemal Pir e Haki Karer, fixaram o lema principal do grupo: "A revolução turca tem que passar pelo Curdistão".

Nos três anos seguintes se dedicaram à tarefa titânica de fundar outros núcleos operacionais em diversas cidades. Numa destas ações de proselitismo, Haki Karer foi assassinado em Gaziantep por um grupo contrarrevolucionário possivelmente controlado pelo serviço secreto turco. Karer era turco e foi o primeiro mártir da organização que se chamaria PKK. O segundo mártir, de uma longa lista, foi Halil Çavgun, assassinado por proprietários de terra enquanto colava cartazes. Nos dois casos, os Revolucionários do Curdistão vingaram seus mortos.

Com uma estrutura já estabelecida, em 1978, seria fundado o PKK, aprovando-se o "Manifesto", o caminho da revolução no Curdistão. O lema do congresso inaugural foi "Curdistão independente, unido e democrático". Cabe destacar que o PKK não era um partido de libertação nacional clássico. O partido foi fundado em Ancara, capital da Turquia, portanto, fora do território curdo, e ademais entre os membros fundadores havia diversos turcos com muita influência dentro do partido. Aliás, os primeiros ataques do PKK não foram contra alvos turcos, mas sim contra senhores feudais curdos que colaboravam com o Estado turco. Portanto, percebe-se já em seus princípios que a questão nacional não estava ligada a um confronto com outra nacionalidade, mas sim contra um Estado opressor. Apesar das reivindicações nacionais, a outra reivindicação do PKK é a construção de um Estado socialista, espelhado nas revoluções russa e chinesa.

Alguns meses depois, Öcalan se refugiava na Síria por prever um golpe de Estado que acabou por se concretizar em 1980, o qual desarticulou as diversas forças da esquerda turca e curda. O PKK, emergente, foi o mais afetado, com 1.790 detidos, mas, ao contrário dos demais, sobreviveu por ter previsto o golpe repressivo. O Comitê Central do PKK decidiu estabelecer um núcleo de operações do partido no Líbano. Com o golpe de Estado começou a proibição total de qualquer elemento de identidade curda e a clandestinidade do movimento se tornou absoluta.

No exílio, o PKK teve a permissão do regime da Síria para que se instalasse no Vale do Beca, no acampamento de Ain al-Hilweh (no Líbano). Essa base estava abandonada tempos antes pela Frente Democrática para a Libertação da Palestina de Nayef Hawatmeh, e ali começaram a formar as guerrilhas do PKK. O partido recebeu suporte do Fatah, do Partido Comunista Libanês e dos partidos palestinos FPLP-CG, FPLP e FLPP⁹. Quando Israel invadiu o Líbano em 1982, o PKK pôs à prova sua formação militar combatendo ao lado das milícias palestinas. Doze ativistas curdos morreram em combate. Paralelamente, foi ativada a frente de luta nas prisões, convertidas em centros de tortura do governo turco, e, tendo como modelo a greve de fome dos presos do IRA¹⁰ personificada no ativista Bobby Sands, os presos do PKK iniciaram protestos pelos seus direitos como presos políticos, culminando nas imolações, em suas celas, dos presos Mazlum Doğan, Ferhan Kurtay, Necmi Önen, Mahmut Zengin e Eşref Anyık, que se atearam fogo na prisão da cidade de Diabaquir (Amed em curdo). Na mesma linha, começaram greves de fome que levaram à morte de um dos fundadores do partido, Kemal Pir, também em 1982, seguido de outros companheiros, como Hayri Durmuş, Akif Yilmaze Ali Çiçek. Po-

9 N. do E.: FPLP – Frente Popular pela Libertação da Palestina, FPLP-CG – FPLP-Comando Geral e FLPP – Frente de Luta Popular Palestina.

10 N. do E.: *Irish Republican Army* ou Exército Republicano Irlandês, grupo que buscava tornar a Irlanda do Norte independente do Reino Unido.

rém, nenhuma dessas ações fez o governo turco ceder quanto às reivindicações do povo curdo e dos presos políticos.

Em face da incapacidade de levar adiante uma luta política em igualdade de condições, o segundo congresso do PKK decidiu organizar um levante militar, que começou em 15 de agosto de 1984 com ataques a delegacias de Şemdinli (na província de Hakkâri, Shemzinan em curdo) e de Eruh (na província de Siirt, Dih em curdo). Isso tudo depois de anos de preparação de uma infraestrutura de guerrilha nas montanhas onde se destacou a capacidade organizativa de Mahsum Korkmaz, "Agit", que morreria em combate dois anos mais tarde.

As Hêzên Rizgariya Kurdistanê (HRK, Forças para a Libertação do Curdistão) foram fundadas como a ala militar do partido. Durante aqueles anos ocorreram numerosos ataques, como o de outubro de 1984, em uma visita do próprio primeiro-ministro turco ao Curdistão. Começou, de fato, uma guerra que dura até hoje. Em 1986 as HRK foram transformadas em um exército, o Artêşa Rizgariya Gelê Kurdistan (ARGK, Exército de Libertação Popular do Curdistão) que passou da guerra de guerrilha para guerra móvel. Para fazer frente à campanha armada, a Turquia minou as fronteiras e fundou o Corpo de Guardas de Vilas, recrutando curdos aos quais pagavam 70 liras¹¹ mensais para combater o PKK. Em 1985 já havia 13 mil guardas de vilas, contudo chegariam a ser 40 mil. As alternativas de muitos curdos das zonas rurais eram unir-se à guerrilha, ser guarda de vila ou ser prisioneiro. Como toda a repressão foi inútil para parar o PKK, em 1987, a Turquia declarou estado de emergência nas províncias curdas.

No âmbito político, em 1985 foi criada a *Eniya Rizgariya Neteweyi ya Kurdistanê* (ERNK), isto é, Frente de Libertação Nacional do Curdistão para organizar a base popular primeiro na Turquia e depois entre a comunidade curda refugiada na Europa. Também enviou militantes às áreas urbanas onde foram tecendo uma extensa rede política. Com essa base, o

¹¹ N. do E.: Lira é a moeda turca desde 1844.

conflito deu um salto em 1990. Por um lado, o ARGK passou a controlar algumas zonas e, por outro, o intenso trabalho de difusão e agitação que o PKK vinha concretizando entre a população curda desde 1974 começou a dar resultados. Durante aqueles anos eclodiram diversas revoltas populares contra a opressão do governo turco.

Durante os anos 1990 a repressão contra a população foi brutal. Os mortos entre os civis contam-se em dezenas de milhares. Mesmo que o PKK tenha alcançado êxitos militares, a guerra contra o Estado turco não parece progredir nem o regime parece disposto a ceder em qualquer reivindicação. Assim o PKK começa a cogitar que a via da luta armada estaria esgotada e que para evitar o sofrimento inútil da população civil deveria empregar outras estratégias de luta e outras concepções para avançar (ainda que em caso algum se cogite renunciar ao uso das armas).

É neste contexto que se começa a mudança de paradigma político que será explicado nas próximas páginas.

A transformação do PKK¹² (por Joaquín Martínez Martínez)¹³

Em julho de 2006 morreu Murray Bookchin¹⁴, e entre as mensagens que circularam em lembrança do importante teórico libertário havia uma que poderia surpreender àqueles que tinham apenas um conhecimento superficial da causa curda e da sua luta anti-imperialista.

O PKK expressava, diante da morte de Bookchin, o seu reconhecimento como um dos “maiores cientistas sociais do

¹² Publicado originalmente no Periódico CNT 416 – Fevereiro de 2015, versão revisada para A Revolução Ignorada.

¹³ Historiador especializado na questão curda e membro do Solidariedad Kurdistán.

¹⁴ Intelectual anarquista, ideólogo do municipalismo libertário.

século XX”¹⁵, também reconhecia a contribuição que as suas ideias haviam dado ao desenvolvimento da teoria socialista e expressava que suas “teses sobre o Estado, o poder e a hierarquia serão implantadas e realizadas por meio da nossa luta”¹⁶, e seguindo essas ideias o PKK prometia pôr em prática o Confederalismo Democrático.

O que teria acontecido para que, dos primeiros textos que citavam Stalin, Lenin ou Mao, a ênfase agora se voltasse para o libertário Murray Bookchin?

Em 1978 era criado no Curdistão, sob o domínio turco, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Este grupo político surgia com ideias muito claras: a formação de um Estado curdo independente e socialista. O PKK, nos primeiros documentos, expunha esse ideário. No seu Manifesto se definia como “uma organização política sob a linha do socialismo científico”¹⁷ e até mesmo crítico de algumas políticas que consideravam oportunistas e revisionistas da União Soviética daquele momento. O PKK se apresentava como adepto da luta socialista e da libertação nacional sobre os auspícios da União Soviética.

Contudo o desenvolvimento tanto da luta que o PKK levará em frente quanto das mudanças na geopolítica internacional afetará profundamente o programa e a estrutura do partido curdo. Diferentemente de outros movimentos políticos, o PKK foi capaz de realizar uma leitura crítica da realidade, e capaz de analisar os acontecimentos ocorridos em torno do sistema soviético, das ideias do socialismo real e dos movimentos de libertação nacional. Neste sentido o Congresso do Partido de 1995 exemplificará pela primeira vez de forma mais evidente as

15 BIEHL, Janet. “Bookchin, Öcalan, and the Dialectics of Democracy”, discurso proferido na conferência *Challenging Capitalist Modernity – Alternative Concepts and the Kurdish Quest*, organizada pela Network for an Alternative Quest em Hamburgo, fevereiro de 2012. *Apud.* Cologne: International Initiative Edition; Bonn: Pahl-Rugenstein, p. 17, 2012.

16 *Ibidem*

17 ÖCALLAN, Abdullah. *Kürdistan Devriminin Yolu (Manifesto)*, Weşanênserxwebûn, Köln, p. 122, 1978-1993.

transformações que vinham se produzindo. A resolução programática deste Congresso qualifica o período do socialismo dominado pela influência soviética como uma fase de “socialismo primitivo e brutal”¹⁸ e propõe um novo período na luta socialista. Não apenas isso, mas também que o abandono da bandeira da foice e do martelo ou a substituição do “Comité Central” pela “Assembleia do Partido” evidenciarão este processo de evolução na concepção de socialismo do movimento de libertação curdo que se dá nos anos 1990.

As mudanças mais importantes, todavia, chegam no final dos anos 1990, o processo de evolução ideológica do partido continua principalmente nas mãos de seu líder Abdullah Öcalan, e sua prisão em 1999 é um importante marco na história do movimento de libertação curdo.

A nova situação de Öcalan será aproveitada pelo líder curdo como um espaço de negociação com o Estado turco e ao mesmo tempo será um alto-falante para as novas ideias que estavam sendo gestadas no PKK e sobre as quais Öcalan está trabalhando. Os documentos de defesa elaborados pelo líder do PKK são documentos de análise histórica e política onde começam a se desenvolver os novos paradigmas do movimento de libertação curda.

Mas ainda passarão alguns anos até que o novo corpo teórico estivesse totalmente desenvolvido e amadurecido por Abdullah Öcalan. Entre 1999 e 2004, anos em que se consolidam tanto as novas ideias quanto a nova estrutura do movimento de libertação curdo, haverá um elemento fundamental que permitirá precisamente ao novo paradigma do movimento curdo se desenvolver tal como agora o conhecemos.

Em 2002, Öcalan começou a estudar a obra de Bookchin, encontrando nela uma grande inspiração e recomendando sua

18 PKK (Partiya Karkerên Kurdistanê) *Program veTüzü ü*, Weşanên Serxwebûn, Köln, p.13, 1995.

leitura aos militantes e políticos curdos¹⁹, e já em 2004 Öcalan mostra sua evidente afinidade em torno das ideias desenvolvidas por Bookchin em sua obra²⁰. Tão somente um ano mais tarde o novo ideário do movimento de libertação curdo já está maduro e é publicado oficialmente em paralelo à reconstrução organizacional do movimento.

Em 20 de março de 2005 é anunciada a formação da *Koma Komalên Kurdistan* (que depois mudará de nome para *Koma Civakên Kurdistanê* – União das Comunidades do Curdistão, KCK) e o Confederalismo Democrático passa a ser definido como o ideário desta nova organização e também o modelo para a libertação do povo curdo e dos povos do Oriente Médio.

O Confederalismo Democrático já é um sistema completo que conclui este processo de mudanças e impasse em que tanto o ideário como a estrutura do PKK pareciam se encontrar; e começa um novo período marcado por estes novos paradigmas.

O Confederalismo Democrático não interpreta o direito de autodeterminação dos povos como um direito ao estabelecimento de um Estado-nação curdo, mas considera que este não faria mais que “substituir as velhas cadeias por novas”²¹. Em face disso é proposto um modelo de autogoverno que se constrói sobre “a autogestão das comunidades locais e se organiza em conselhos

19 ÖCALLAN, Abdullah. “Prison Notes”, (28 de agosto de 2002), (*apud* JONGERDEN, Joost; HAMDIAKKAYA, Ahmet, “Democratic Confederalism as a Kurdish Spring: The PKK and the quest for Radical Democracy”, *in* AHMET, Mohammed y GUNTER, Michael (eds.), *The Kurdish Spring: Geopolitical Changes and the Kurds*, Mazda Publishers, p. 175-176); BIELH, Janet, *op. cit.*, p. 170, 2013.

20 *Ibidem* p. 170.

21 ÖCALLAN, Abdullah. *Democratic Confederalism*, International Initiative Edition “Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan”, Cologne, p. 19, 2011.

abertos [...]. Os próprios cidadãos são os atores de um governo deste tipo, não as autoridades estatais²², nas palavras de Öcalan.

Como visão total da libertação da sociedade, o Confederalismo Democrático é em essência anticapitalista. Em oposição à economia capitalista propõe um sistema econômico baseado nas “comunidades ecológicas e econômicas”²³, bases para a criação de um sistema econômico voltado a dar resposta às necessidades fundamentais da sociedade e não à obtenção de benefícios, e que seja capaz de proteger o meio ambiente. A importância de se criar uma sociedade ecológica é outro dos pilares do Confederalismo Democrático e é uma mostra clara da influência exercida por Bookchin. O último dos pilares sobre o qual devemos falar é a libertação da mulher; a auto-organização das mulheres dentro do movimento é um elemento fundamental, e a luta contra o patriarcado é parte fundamental do programa dos revolucionários curdos, tal como Öcalan diz “sem a libertação da mulher não pode haver um Curdistão livre”²⁴.

Nas quatro partes do Curdistão, o movimento de libertação curdo está lutando para construir uma sociedade livre, mas o Curdistão do Norte e Rojava são os exemplos mais claros, onde, a despeito da enorme repressão e da guerra, o Confederalismo Democrático está em marcha.

O movimento revolucionário curdo, junto com os seus povos irmãos, está dando uma lição ao mundo. A modernidade democrática frente a frente com a modernidade capitalista; frente a frente com a história da ocupação, do colonialismo e

22 ÖCALLAN, Abdullah. *War and Peace in Kurdistan. Perspectives for a political solution of the Kurdish question*, International Initiative Edition “Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan”, Cologne, p. 32, 2009.

23 ÖCALLAN, Abdullah. *Hoja de ruta hacia la paz en el Kurdistan*, Txalaparta, Tafalla, p. 133, 2012.

24 ÖCALLAN, Abdullah. “La revolución es femenina”, Gara, 9 de março de 2010. Consultado em 22 de março de 2016: <<http://gara.naiz.eus/paperezkoa/20100309/187143/es/La-revolucion-es-femenina>>

da invasão, o povo curdo está construindo uma sociedade democrática, igualitária e livre.

O Confederalismo Democrático²⁵ (por Solidaridad Kurdistán)

O Confederalismo Democrático do Curdistão não é um sistema estatal, mas sim um sistema democrático das pessoas sem um Estado. Com as mulheres e a juventude na vanguarda, é um sistema no qual todos os setores da sociedade desenvolverão organizações democráticas próprias. É uma política exercida pelos cidadãos livres confederados, iguais na escolha de seus representantes regionais. Está fundado na sua própria força e habilidade. O seu poder deriva das pessoas e em todas as áreas, incluindo-se aí a economia, buscará a autossuficiência.

Abdullah Öcalan, ao Povo Curdo e à Comunidade Internacional

O Confederalismo Democrático é a proposta de Abdullah Öcalan para uma solução da questão curda, dos problemas do Oriente Médio, considerando, para além disso, que essa prática política pode ser a chave para a libertação e a verdadeira democratização para os povos do mundo. O Confederalismo Democrático é o programa e a meta dos partidos e demais coletivos que se agrupam ao redor da *Koma Civakên Kurdistanê* (KCK).

Por mais que em sua origem o PKK e Öcalan, como seu principal ideólogo, lutassem a partir de uma perspectiva marxista-leninista pela criação de um Estado curdo, com o passar do tempo se fizeram nítidos os erros desta concepção de libertação social e nacional, e Abdullah Öcalan, influenciado por pensadores como o anarquista e ecologista social Murray Bookchin ou o sociólogo Immanuel Wallerstein, passou de um socialismo de viés centralizador e estatista para um socialismo de influência libertária, um socialismo democrático cujo tipo

²⁵ Artigo divulgado em <https://solidaridadkurdistan.wordpress.com/confederalismo-democratico/>.

de administração “pode ser chamada de administração política não estatal ou democracia sem Estado”.

Öcalan desenvolveu uma crítica ao Estado-nação que o levou a interpretar o direito dos povos à autodeterminação como “a base para o estabelecimento de uma democracia de base, sem necessidade de buscar novas fronteiras políticas”.

Em sua publicação o *Confederalismo Democrático*, Öcalan apresenta essa forma de organização social da seguinte maneira:

“Este tipo de autoridade ou administração pode ser chamada de administração política não estatal ou democrática sem Estado. Os processos de tomada de decisão democrática não devem ser confundidos com os conhecidos processos de administração pública. Os Estados só administram, ao passo que as democracias governam. Os Estados estão fundados no poder, enquanto as democracias estão baseadas no consenso coletivo. O mandato do Estado está determinado por decreto, ainda que possa ser legitimado por meio de eleições. As democracias empregam eleições diretas. O Estado emprega a coerção como meio legítimo. As democracias se apoiam sobre a participação voluntária.”

“O Confederalismo Democrático está aberto a outros grupos e agremiações políticas. É flexível, multicultural, antimonopolista e orientado para o consenso. A ecologia e o feminismo são pilares centrais. Na definição deste tipo de autoadministração, uma economia alternativa se torna algo necessário, o que amplia os recursos da sociedade em vez de explorá-los e assim faz justiça às múltiplas necessidades da sociedade.”

O Confederalismo Democrático propõe a rejeição do centralismo e embasa seu confederalismo na tradição e herança coletiva que entre o povo curdo se encontra na organização dos clãs e das tribos. Este tipo de organização sempre se opôs aos impérios e Estados que buscaram centralizar o poder. Entretanto, como bem exposto por Öcalan, essas formas sociais tribais podem se converter em instituições parasitárias e, como meio de impedir esse processo, devem ser integradas na luta pela mudança democrática.

No tocante ao Estado, Öcalan é um profundo crítico deste, porém entende que sua abolição total não é hoje possível. Nesse sentido, o Confederalismo Democrático é a ferramenta que, por meio da organização de base e democrática à margem do controle estatal, possibilitará a sua superação, uma vez que sejam demonstradas as vantagens dessa organização política. Mas essa convivência que pode se dar com o Estado não significa uma subordinação a este, pois, ainda que o Confederalismo Democrático proponha uma política de paz, as confederações democráticas deverão manter suas forças de autodefesa para se proteger dos ataques do Estado (o qual Öcalan define como uma entidade militarmente estruturada, para a qual a guerra e a militarização da sociedade são questões-chaves), exercendo assim seu legítimo direito de defesa.

Como se vê no trecho citado da obra de Öcalan, essa organização política não estatal requer também uma organização econômica alternativa ao capitalismo, sendo que no caso do Confederalismo Democrático essa alternativa é o socialismo. Nas origens do pensamento de Öcalan e do PKK, como já dito, estava o marxismo-leninismo, mas essa concepção da libertação social foi abandonada e criticada por Öcalan, que propôs o socialismo democrático como alternativa à economia atual. Esse socialismo tem um forte caráter local e de autogestão, como não podia ser de outra maneira em uma proposta política que rejeita o Estado ao defender a democracia direta como seu caminho.

Portanto, em face da barbárie capitalista e da centralização do socialismo estatal, o Confederalismo Democrático propõe a necessidade do controle dos recursos econômicos não pelo Estado, mas sim pela sociedade. A economia deve visar à redistribuição justa dos recursos econômicos e o seu objetivo deve ser os benefícios sociais e não a acumulação de riqueza ou o excesso de produção. Tal como expressa Öcalan:

Uma das principais razões da deterioração da sociedade se encontra nos efeitos nocivos dos mercados financeiros. A produção de necessidades artificiais, a busca interminável por novos mercados de consumo e a cobiça sem limites de benefícios cada vez maiores são os responsáveis pela diferença cada vez mais abismal entre pobres e ricos, engrossando diariamente o batalhão dos que vivem abaixo da linha da pobreza ou, inclusive, dos que passam fome. Uma política econômica desse tipo não pode mais ser tolerada. Esse é, seguramente, o maior desafio do projeto socialista: implantar uma política econômica alternativa que não aspire unicamente ao benefício pelo benefício, mas sim a uma distribuição justa dos recursos e a plena satisfação das necessidades básicas do conjunto da sociedade.²⁶

Mas o socialismo não é apenas uma alternativa econômica para a distribuição justa de recursos ou para que esses estejam nas mãos da sociedade e não do Estado ou das corporações, senão que a alternativa socialista se faz, além disso, necessária, pois é a única que pode conservar o meio ambiente, sendo, logo, a única compatível com outro dos pilares do Confederalismo Democrático, o ecologismo. Essa importância do ecologismo e sua relação com o socialismo é resumida em um fragmento de *Guerra e Paz no Curdistão*:

Um modelo ecológico de sociedade é em essência um modelo socialista. Um equilíbrio ecológico só será possível com a transição de uma sociedade alienada baseada no despotismo para uma sociedade socialista. Seria ilusório crer que a preservação do meio ambiente é compatível com o sistema capitalista. Pelo contrário, o sistema capitalista contribui avidamente com a devastação do meio ambiente. Deve-se levar seriamente em conta a proteção ecológica no processo de mudança social.²⁷

²⁶ ÖCALLAN, Abdullah. *Guerra e paz no Curdistão*, pág. 36.

²⁷ *Ibidem* pág. 35.

Outra das questões que o Confederalismo Democrático defende como primordial e também um pilar de sua proposta é a libertação da mulher.

Em sua crítica ao Estado, Öcalan assinala o sexismo como um dos pilares ideológicos do Estado, realçando como este e o capitalismo convertem a mulher tanto em objeto sexual como em mercadoria e que só permitem seu desenvolvimento para convertê-la em um acessório da sociedade patriarcal. Estabelece, enfim, uma relação entre o poder, o estatismo e o sexismo. Portanto um dos pilares do Confederalismo Democrático é o feminismo. Essa necessidade da luta pela emancipação da mulher aumenta ainda mais quando o islamismo sexista se impõe sobre os Estados que dominam o Curdistão, como é o caso da ditadura islâmica do Irã. Compreende-se então por que o Partido pela Vida Livre no Curdistão (PJAK), vinculado à KCK e cujo âmbito de atuação é o território iraniano, seja formado por inúmeras mulheres que, como elas mesmas indicam, lutam tanto pela libertação nacional quanto pela libertação feminina.

As liberdades individuais, como as de expressão ou de escolha, são outras bases do Confederalismo Democrático pelas quais luta a KCK e, que junto aos demais pontos mencionados, compõem essa proposta para a libertação do Curdistão, a qual é um exemplo para os povos do mundo.

CAPÍTULO 3

O MOVIMENTO FEMINISTA CURDO

*Por Movimento das Mulheres do Curdistão*²⁸

O movimento pela libertação das mulheres curdas começa no fim dos anos 1980 com a criação de uma organização de mulheres no exílio, e se articula atualmente ao redor do *Koma Jinên Bilind* (Alto Conselho de Mulheres – KJB), que é seu centro.

A premissa de Abdullah Öcalan que diz que “o povo curdo não será livre enquanto as mulheres não o forem” pressupõe um ponto inicial para a entrada das mulheres nos diferentes campos da luta (armada, política e social) e propicia a existência das primeiras revoltas populares lideradas por mulheres no Curdistão. O tempo vivido nas montanhas as distanciou dos valores e papéis conservadores, quando então experimentaram novas formas de entender a vida no plano individual e coletivo. O fato de seu envolvimento na luta armada ter encontrado resistência por parte de seus companheiros de luta as levou a concluir que era preciso levar a cabo uma luta feminista dentro do Movimento de Libertação Nacional Curdo e, ao mesmo tempo, para além deste. A auto-organização das mulheres, que foi a fórmula na qual apostaram, permitiu a elas fazer um trabalho feminista que não fosse limitado por outras questões, o que possibilitou desenvolver um discurso específico de como o conflito armado e político afeta as mulheres curdas. Pode-se dizer que a auto-organização foi uma garantia para que o movimento curdo escutasse e assumisse os argumentos para avançar na derrota do patriarcado. Argumentos elaborados primeiro por mulheres

²⁸ Traduzido no original do curdo para o catalão, por Gatamaula, Coletivo de Mulheres Feministas.

com consciência feminina, ecologista, socialista e nacional, e depois acatados pela totalidade do Movimento.

Hoje, a auto-organização das mulheres no Curdistão, além de se materializar com uma estrutura fora do Movimento de Libertação Nacional, toma uma dimensão real no seio deste. Nos procedimentos decisórios, as mulheres têm um espaço próprio para fazer suas análises, que depois são submetidas ao conjunto da militância. Da mesma maneira, nos meios de comunicação afiliados, primeiro as mulheres fazem suas avaliações e só depois outra em conjunto com os demais companheiros. Desta maneira a auto-organização se converte numa prática transversal.

De forma paralela, no terreno ideológico, Abdullah Öcalan idealizou uma teoria que implicava uma ruptura com o sistema de dominação patriarcal e com a escravidão da mulher: A Teoria da Ruptura. Esta teoria define a ruptura mental, espiritual e cultural com o sistema de poder. Contribui para uma compreensão e uma identificação mais profunda de como o sistema funciona, assim como para um aumento da consciência, da coragem e da atitude de luta contra as formas de opressão. Essa teoria foi posta em prática mediante a ocupação de espaços de onde as mulheres haviam sido retiradas e comprovaram que podiam ser competentes e que eram capazes de se autogerir.

De forma complementar, as mulheres têm desenvolvido outras atividades para potencializar a autorreflexão e a libertação dos homens, como no projeto Transformação dos Homens.

Cronologia do movimento feminista curdo

Em 1987 é criada em Hannover (Alemanha) a *Yêkitiya Jinên Welatparêzên Kurdistanê* (União das Mulheres Patrióticas do Curdistão), a primeira organização de mulheres curdas, criada no exílio em razão das proibições do governo turco, com o objetivo de desenvolver a auto-organização e a luta pela libertação das mulheres.

A pressão que o Estado turco exerce sobre a população nos anos 1990 fomenta a intensidade com que as mulheres se

envolvem na guerrilha. À medida que milhares de mulheres aderem à luta armada, era necessário um novo tipo de organização, e assim foi criado o Exército de Mulheres. Os papéis que estavam acostumadas a assumir pelo fato de serem mulheres e o impacto da sociedade feudal curda criaram dificuldades no funcionamento organizacional do exército devido a uma carência de autoconfiança. Apesar disso, graças a sua força, convicção e empoderamento conseguidos por meio da experiência na tomada de decisões cotidianas em meios antes exclusivamente masculinos, conseguiram um rápido avanço em sua autonomia ideológica, política, militar e social. Desse modo motivaram uma mudança nas estruturas mentais dos homens e, por consequência, de toda a sociedade curda, fato que enriqueceu sem dúvida a revolução democrática que o Movimento de Libertação Nacional Curdo quer levar em frente.

A atividade social e política concluída pelas guerrilhas, como parte do programa de formação do Exército de Mulheres, deu oportunidade para que as mulheres se organizassem em vilarejos e cidades. Isso levou à consideração de se estabelecer uma organização mais ampla de mulheres, arregimentando mulheres do exército, associações e coletivos políticos e sociais. Assim, em 1995, na sequência do Primeiro Congresso da Libertação das Mulheres do Curdistão, foi fundada a *Yekitiya Azadiya Jinên Kurdistan* (União de Mulheres Livres do Curdistão – YAJK). Foi um processo muito importante para as mulheres, uma vez que permitiu o desdobramento de uma perspectiva política e social própria, evitando reproduzir características masculinas ou adotar papéis de maneira forçada. Além disso, pela primeira vez investiu-se na construção de pontes com os movimentos feministas ao redor do mundo, o que possibilitou a YAJK a participar da Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, realizada em Pequim em 1995.

O primeiro partido de mulheres curdas foi criado em 8 de março de 1999 e foi denominado *Partiya Jinên Karkerên Kurdis-*

tan (Partido de Mulheres Trabalhadoras do Curdistão - PJKK), para oferecer uma ferramenta prática à ideologia da luta das mulheres. Foi um passo importante para se adquirir uma nova percepção no desafio ao sistema patriarcal em todas suas facetas e mecanismos. A organização de um partido de mulheres estendeu as formas e os conteúdos de luta e permitiu avançar na ideia da luta pela libertação constante, interagindo com o nível de consciência e com a formação da sociedade. No III Congresso do partido em 2000, o nome é mudado, e nasce o Partido da Libertação das Mulheres (Partiya Jina Azad - PJA), com o objetivo de assumir responsabilidade universal e de aglutinar experiências de mulheres curdas e mulheres de outras nações. Em 2002, une-se ao debate da Constituição das Mulheres do Mundo, defendendo o Projeto de Contrato Social da Mulher.

O PJA tem contatos com organizações revolucionárias, organizações pelos direitos humanos das mulheres, organizações que trabalham pela cultura da Paz em todo o mundo. Em 2004 é criado o *Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê* (Partido da Libertação das Mulheres do Curdistão - PAJK), que se tornou um guarda-chuva para reunir mulheres que lutavam em diferentes frentes e aproximá-las do Movimento de Libertação Curdo. Mesmo assim, dentro do Curdistão, onde ocorria um ressurgimento do movimento feminista, eram requeridas outras fórmulas de organização mais flexíveis e amplas. Deste modo, investe-se em um modelo confederativo que chama à participação tanto dos indivíduos quanto das organizações de mulheres provenientes dos quatro territórios curdos ocupados e das mulheres que viviam no exílio. Nasce assim, em 2005, o KJB.

As mulheres curdas, que conheceram a si mesmas e sua força por meio da luta pela sua libertação, assumindo o papel de poder de vanguarda da sociedade, garantiram um progresso significativo na revolução social no Curdistão. Com o estabelecimento do KJB, as guerreiras curdas adquiriram ainda mais coragem e papéis ativos. As experiências descritas do processo revolucionário do

Movimento de Libertação das Mulheres do Curdistão tornaram-se uma garantia para a transformação da sociedade e implicaram nesta um maior grau de libertação individual e coletiva.

KJB: Princípios e modo organizativo

O seu nome provém do termo curdo *Kom*, que define a organização social e comunal do período neolítico. Está aberta a todos os indivíduos e organizações que busquem a liberdade em meio às contradições patriarcais, bem como a solução e a expressão das contradições do sistema capitalista.

O KJB expõe a necessidade de um modelo atual confederativo de organização da sociedade em detrimento de todos os modos históricos de produção patriarcais e se nutre das experiências e valores sociais das sociedades neolíticas na Mesopotâmia. A aspiração do KJB é ampliar a organização confederativa das mulheres para que tenham um papel central na construção de uma confederação democrática, uma vez que se acredita ser aquela que permitirá a construção de uma sociedade ecológica e democrática baseada na liberdade de gênero. A base fundamental para essa luta é o desenvolvimento de uma identidade libertadora para as mulheres em todas as áreas da vida. O KJB trabalha para efetivar uma transformação que não seja androcêntrica e foca seus esforços no campo ideológico, social, político e da legítima defesa. Neste contexto, o KJB coordena as mulheres que trabalham em diferentes frentes de luta.

Tanto no Curdistão quanto no Oriente Médio sempre conviveram povos com diferentes culturas e crenças, e as relações que estabeleceram entre si sempre estiveram baseadas na livre associação e confederação. A colonização do século XX por parte das potências ocidentais destruiu as estruturas históricas e impôs o modelo político de Estado nacional. Por sua vez, o nacionalismo e o centralismo deterioraram a situação geral e concreta das mulheres, levando-as a um nível de exclusão social sem precedentes. Portanto, segundo o KJB, a consolidação

de um Confederalismo Democrático é a solução mais efetiva para os povos do Oriente Médio.

O KJB defende que o nível de liberdade de uma sociedade está diretamente ligado ao nível de liberdade das mulheres e, por extensão, que uma democratização real somente pode ser assegurada e garantida por meio da libertação das mulheres. Acredita-se ser necessário posicionar a libertação de gênero no centro dos movimentos de transformação social. A região da Mesopotâmia, onde uma vez houve uma organização social comunal da vida, tem o potencial para realizar um renascimento das mulheres liderado por elas próprias. Ao mesmo tempo, o KJB recupera a postura respeitosa com os recursos naturais que tinham os povos antigos e situa no núcleo do discurso a vontade de acabar com a exploração insustentável da natureza. Por fim, o objetivo do KJB é o estabelecimento de uma democracia radical mediante uma revolução ecológica e de gênero que atribui um valor estratégico ao estabelecimento de um autogoverno democrático de mulheres e povos.

Como foi comentado anteriormente, o KJB está formado por um leque muito diverso, desde coletivos sociais até unidades de legítima defesa. Cada agente conserva sua autonomia, mas em questões que afetam a totalidade do movimento de mulheres buscam-se os pontos em comum e trata-se de chegar ao consenso. Cada organização tem representação no Conselho Executivo mediante a eleição de representantes.

O KJB procura transportar para a realidade curda as experiências de movimentos feministas de todo o mundo e concomitantemente trabalha em diversas frentes para estabelecer vínculos que propiciem o intercâmbio e a solidariedade entre as mulheres. Vê-se a si mesmo como mais uma peça no movimento feminista mundial. Tece alianças entre as mulheres em luta (em projetos democráticos, ecologistas ou socialistas), promove a criação de uniões estratégicas transnacionais e coopera com movimentos feministas globais.

Em sua órbita existem organizações ideológicas, organizações políticas e sociais de massas, assim como organizações que trabalham no âmbito da legítima defesa. Inclui a participação do PAJK no campo ideológico, da YJA no campo das organizações políticas e sociais e da YJA Star no campo da legítima defesa e do comitê de mulheres jovens. A YJA Star assume a luta ideológica e as formas organizativas do movimento de Libertação da Mulher do Curdistão. No entanto, mantém-se à margem da organização confederativa do KJB e ao mesmo tempo possui uma estrutura militar independente dentro das Forças de Defesa do Povo. As relações entre o KJB e a YJA Star são garantidas mediante a participação de membros do KJB dentro do Comitê de Defesa do Povo.

Uma vez por ano são realizadas as Assembleias pela Liberdade das Mulheres, que é o mais importante órgão de tomada de decisões. Durante o restante do ano, é o Conselho Executivo o ente que coordena e implementa essas decisões. Compõe-se de 23 representantes, sete das quais são as coordenadoras do KJB. No funcionamento rotineiro do KJB há uma forte demanda por participação democrática, abertura e transparência. A tomada de decisões leva em conta as especificidades e a necessidade de espaços por parte de coletivos que assim solicitem. Qualquer membro do KJB pode fazer chegar suas exigências ou sugestões à Assembleia no tocante à gestão do Conselho Executivo.

PAJK

O PAJK marca o caminho ideológico do KJB e é o responsável por levar a perspectiva feminista a todas as áreas de trabalho, assim como a formação dos quadros políticos. Sistemáticamente leva a cabo atividades centradas no desenvolvimento ideológico, filosófico, teórico, acadêmico, cultural e artístico das mulheres. Fomenta os debates respeitosos e as relações livres entre as mulheres e as formas para que enfrentem seu compromisso nas diferentes áreas de luta do KJB. É o motor

ideológico do movimento de Libertação das Mulheres. A tarefa do PAJK é a de estender a ideologia feminista e formar os quadros de mulheres. Assim:

- Põe em prática atividades que incluem a investigação, publicações e estudos ideológicos, para conseguir padrões académicos independentes.

- Promove a auto-organização das mulheres nos âmbitos de comunicação, cultura, arte, literatura, economia e política para desenvolver conteúdos democráticos que incorporem a visão feminista destes campos.

- Promove o estabelecimento de academias de mulheres que eliminem as características antissociais e elitistas da ciência que são impostas pela mentalidade dominante masculina do sistema educativo hegemónico.

- Trabalha para desenvolver a *Jineoloji*, termo curdo para descrever a “ciência da mulher”, que busca uma perspectiva livre, democrática feminista em detrimento dos enfoques patriarcais clássicos. A chave é oferecer uma visão interdisciplinar que inclua uma combinação de todas as ciências sociais e a interação entre indivíduos, sociedades, natureza e universo.

YJA

Do ponto de vista da transformação feminista, a missão da YJA é a democratização da sociedade por meio da organização autónoma das mulheres. A YJA é composta por organizações locais e regionais que unem as mulheres do Curdistão e do Oriente Médio. Tem a responsabilidade de desenvolver e pôr em prática políticas para o estabelecimento de uma sociedade democrática e da unidade nacional no Curdistão, tendo como base a organização confederativa de mulheres.

Começando pelos menores assentamentos (povoados, bairros, distritos, províncias etc.), a YJA mantém a auto-organização e a consciência das mulheres por meio da formação de assem-

bleias, conselhos, comunas etc. A YJA trabalha coordenando o trabalho, tarefas, decisões, cooperação e solidariedade da menor das associações até os órgãos supralocais da Assembleia.

A YJA procura fomentar a solidariedade e a consciência coletiva para fortalecer as estruturas de base comunais e democráticas. Desenvolve e coordena comunas e cooperativas que respondem às necessidades das mulheres e da sociedade. Em matéria de saúde, a YJA colabora para implementar instituições que se responsabilizem pelos problemas de saúde próprios das mulheres.

A YJA também luta contra os feminicídios. Os assassinatos de mulheres sob o pretexto da “honra” ainda são tabus e assustam as vidas das mulheres no Oriente Médio e no Curdistão. Ao mesmo tempo, a YJA procura instruir a sociedade e desenvolve métodos radicais de luta para se contrapor às formas físicas e estruturais nas quais a violência contra as mulheres se manifesta (violações, circuncisões, lapidações, execuções, poligamia, suicídio etc.).

A YJA também luta contra massacres culturais e sociais perpetrados contra a língua e a cultura curda patrocinadas pelas políticas de assimilação dos Estados coloniais. Tem projetos de promoção da cultura curda dentro e fora do seu território.

Legítima defesa e a YJA STAR

A YJA Star define-se a si mesma como a responsável pelo desenvolvimento da consciência da legítima defesa e da autodefesa. Herdeira da criação do exército de mulheres em 1993, a YJA Star tem uma estrutura autônoma hoje em dia. Toda mulher do Curdistão ou do Oriente Médio enfrenta medos, ataques e violações dos Direitos Humanos diariamente. Inclusive hoje, as curdas e a sociedade curda topam com o perigo do genocídio e dos massacres. Portanto, a existência da YJA Star é essencial. Outra definição a que se atribui é a de ser uma força de defesa e de proteção do KJB e de todos os valores que adquiriram na luta pela liberdade. De maneira específica, desenvolve uma

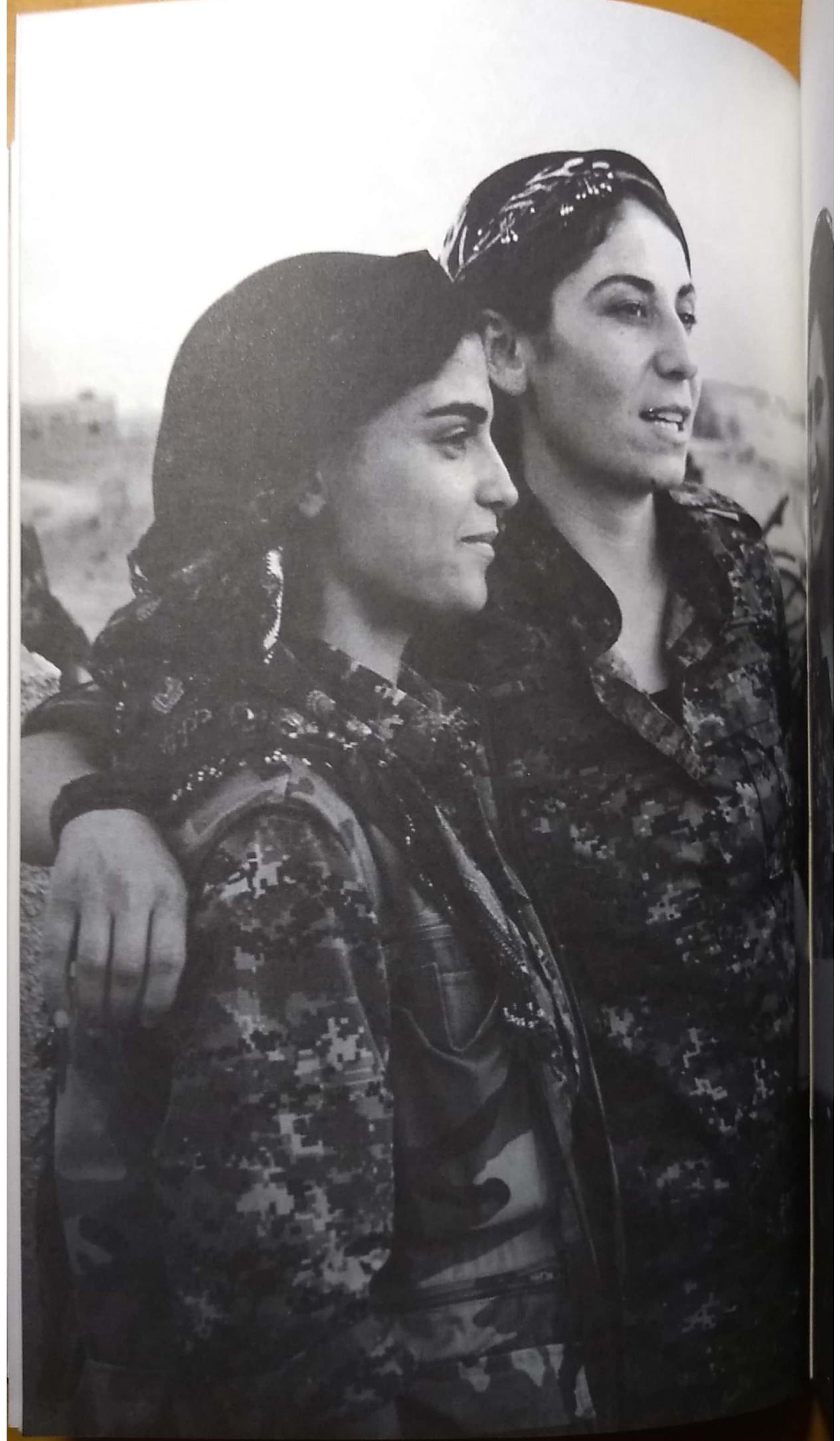
consciência, organização e luta de autodefesa contra todo tipo de opressão e violência em relação às mulheres.

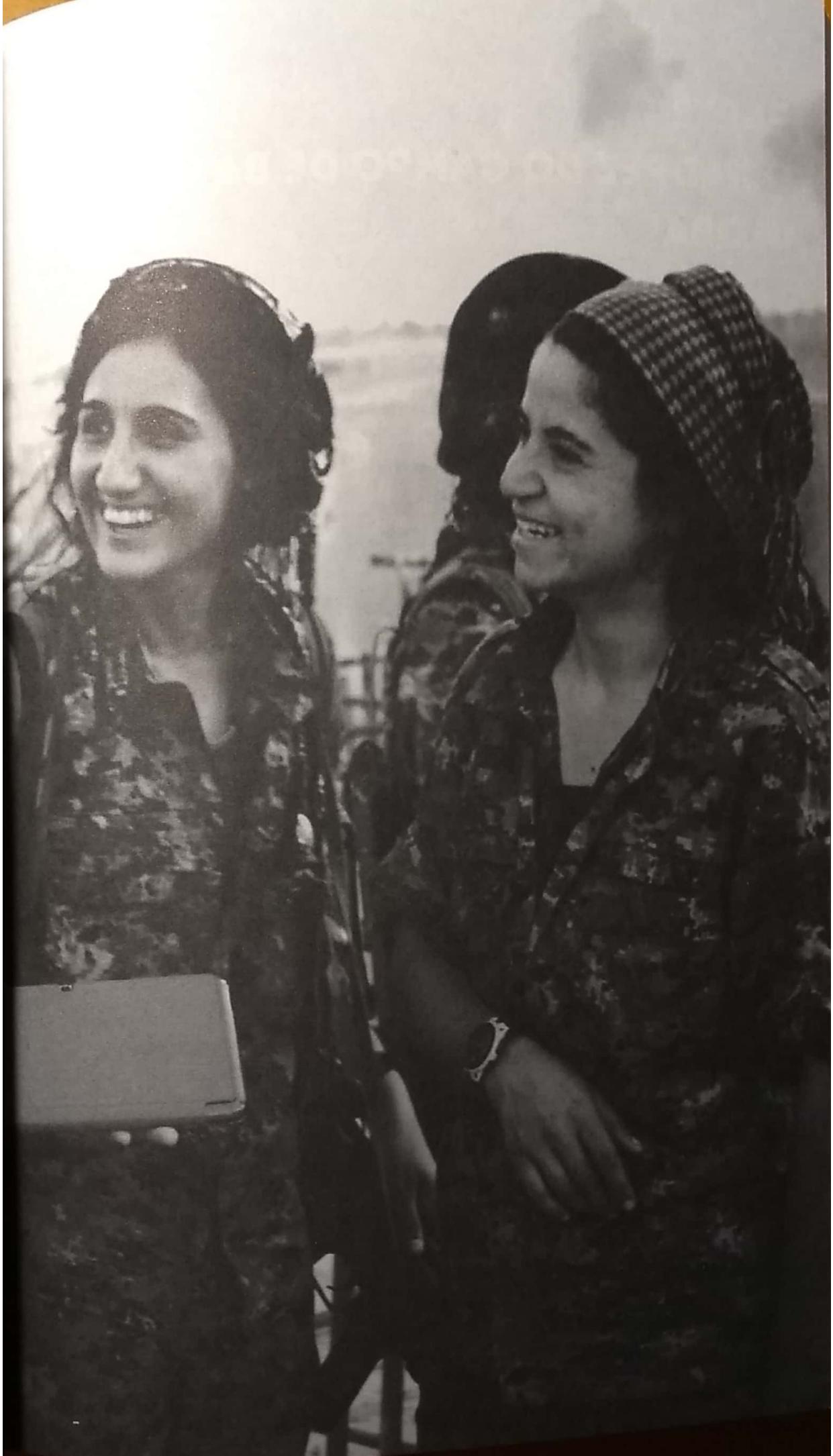
Comitê de mulheres jovens

A juventude e em especial as mulheres jovens precisam de organizações específicas para serem capazes de se proteger dos ataques ideológicos, políticos, psicológicos e físicos. Por essa razão, o KJB organizou o comitê de mulheres jovens no contexto do movimento juvenil e das organizações de base. O dinamismo da juventude é um fator que pode contribuir para a transformação social, por isso entendem ser estratégico que assumam um papel ativo na luta. As jovens lutam contra a opressão econômica e cultural às quais são expostas por parte dos agentes reacionários do sistema e da sociedade. Resistem contra a supremacia dos adultos que tentam usar a energia transformadora própria dos jovens em seus interesses particulares. Concretamente, procuram mobilizar mulheres jovens contra o crescimento da prostituição, as drogas, o tráfico de mulheres e crianças, o recrutamento de jovens para atuar como informantes dos serviços secretos ou a exploração laboral.

O modelo do KJB se converteu em um sistema alternativo e funcional de organização de mulheres. Um dos resultados mais visíveis é a grande participação e autoconfiança das mulheres no campo da política e em todos os círculos da sociedade.

Hoje o lema "*Jin, Jiyan, Azadi!*" ("Mulheres, Vida, Liberdade!"), que está presente em todas as manifestações e parlamentos, se converteu em uma forma de compreender a vida no Curdistão.





PARTE II
O XADREZ DO CAMPO DE BATALHA
GLOBAL

CAPÍTULO 4 O CONTEXTO GEOPOLÍTICO

Por @BlackSpartak

Destrinchando o grande jogo. Análise da situação atual do Oriente Médio.²⁹

Da distante e aparente tranquilidade europeia contemplo com certo espanto e fascinação o cenário regional do chamado Oriente Médio ou Oriente Próximo (para a Europa). Neste momento, conflitos armados estão ocorrendo na Síria, no Iraque, no Líbano, na Palestina, no Iêmen e na Líbia. Todavia, se olharmos um pouco mais longe, também poderemos escutar ecos dos conflitos da Somália, do Sudão do Sul, de Mali, da Nigéria, da República Centro-Africana, do Afeganistão, do Paquistão e o recente choque entre a Armênia e o Azerbaijão.

O ano de 2014 foi um ano especialmente turbulento, e a situação ameaça francamente se converter em uma grande catástrofe mundial se o caos imperante não for contido. Em minhas visitas cibernéticas, sigo diariamente diversos conflitos com muitos pormenores. Com este artigo pretendemos analisar o que está ocorrendo nesses territórios e por quê. Vamos nos concentrar nos conflitos que relacionei no começo, deixando os do Iêmen e da Líbia para outra ocasião. Tentarei desenhar um cenário compreensível para que quem ler este artigo tenha um pouco mais de luz sobre estes conflitos tão complexos.

Todas estas guerras que nos parecem descontextualizadas e até mesmo irracionais, na realidade refletem um delicado

²⁹ Artigo de @BlackSpartak disponibilizado em <http://embat.info/desen-tranyant-el-gran-joc-analisi-de-la-situacio-actual-dorient-mitja/>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

conflito de interesses entre as grandes potências mundiais e também entre as potências que disputam a região. A guerra é a política por outros meios. Não trago nada de novo ao dizer que se trata da região mais estratégica do planeta, uma vez que nesta região se encontram as mais importantes reservas de petróleo do mundo. Do seu controle depende, em boa medida, o destino dos Estados Unidos, da China ou da Rússia como superpotências globais. Assim, com vista em seus interesses, utilizam seus aliados locais, como Turquia, Arábia Saudita, Irã ou Israel. Que esses países sejam ocasionalmente usados pelos grandes blocos não quer dizer que não tenham uma agenda própria que às vezes escapa do controle de seus protetores.

O fato é que na região se dá, como digo, uma longa luta de poder entre muitos atores. Trata-se de uma aposta no longo prazo, na qual cada um tenta obter a hegemonia. Fatores econômicos e políticos se misturam com a complexa composição étnica, linguística e religiosa da região. Felizmente, os povos também devem ser levados em conta, uma vez que com frequência são capazes de mobilizar organizações de massa que podem desafiar Estados, como é o caso do Hamas palestino, do Hezbollah libanês e do PKK curdo.

Analisando globalmente os conflitos, vem-nos a tentação de crer que alguém decidiu acabar com tudo de uma vez e destruir todas as tensões e frustrações que foram se acumulando durante décadas. Num momento como o atual, quando o Hamas lança mísseis contra o Centro de Pesquisas Nucleares de Neguev a dez quilômetros da cidade de Dimona, assumindo publicamente a autoria, indica que a guerra é para valer – buscando-se a destruição total do inimigo. O que se vê também com as execuções em massa cometidas pelo Estado Islâmico no Iraque e na Síria cada vez que conquistam um território. Chegou-se a um ponto do caminho onde não há volta. Não esperam sobreviver à guerra e assim se mostram. O desespero se mistura

com a crueldade, e vai para o campo de batalha. E ninguém dá a vida dessa maneira por motivos que lhe sejam alheios.

Contexto global

Como disse, temos uma guerra em potencial de interesses entre os Estados Unidos e a Rússia pelo controle da região. Na realidade, a Rússia não está fazendo grande esforço para prevalecer. Mas os erros políticos dos EUA acabaram por dar de bandeja uma série de situações que a beneficiaram. Por enquanto a Rússia é a principal fiadora do presidente Bashar Al Assad, que governa a Síria. A única base militar utilizada pela Rússia no exterior tem servido para que o governo de Assad não tenha sido varrido pela primavera que viveu o país em 2011 e pela guerra que lhe seguiu.

Da mesma maneira, com os anos, o Irã tem se aproximado dos interesses da Rússia. Com o antigo presidente Ahmadinejad, o Irã se converteu em uma potência regional que deve ser levada em conta. Mas sua política agressiva ameaçava arrastar o país à guerra com os EUA, o que certos setores não queriam de jeito algum. Já as ações menos agressivas e mais conciliadoras do presidente Rohani fizeram com que fossem suspensas as sanções econômicas impostas ao país por parte do Ocidente. Mas isso não aproximou politicamente o Irã da Europa e dos EUA. O Irã sabe perfeitamente quais são seus parceiros estratégicos: Rússia e China. De tal sorte que tenta entrar no bloco euroasiático composto por esses dois grandes países.

Justamente a entrada em cena da China no jogo não foi inócua. Teve o condão de mudar as lealdades. Há alguns anos a China se converteu no principal importador de petróleo da Arábia Saudita. E também não é por acaso que desde essa mesma época a política dos Al Saud tenha ficado mais “independente” dos EUA. Nos últimos anos os árabes fizeram diversos desaforos contra governos europeus e americanos, que chegaram a lhes trazer alguns problemas diplomáticos. Igualmente não é por acaso que nos meios de comunicação ocidentais apareçam

cada vez com maior frequência notícias e informações sobre a Arábia Saudita, algo que praticamente jamais ocorria nos anos 1980 e 1990. O desprendimento é cada vez maior.

A política energética de Obama, com a experiência de explorar o combustível fóssil norte-americano por meio do fracking (óleo de xisto), fez dos EUA mais autônomos em relação ao óleo saudita. Mas, por outro lado, a crescente voracidade do colosso chinês fez com que suas importações crescessem ano após ano. Tudo isso se traduz em um processo de mudança. De todo modo, a Arábia Saudita provavelmente não terminará aliada da China, pois tem no momento outras preocupações, como ampliar a Jihad, da qual é a principal financiadora.

A Arábia Saudita tem um sério conflito de interesses com o Irã. A onda de guerras atuais tem muito a ver com a guerra política entre essas duas potências regionais. Não querem se enfrentar diretamente, mas o fazem por meio de terceiros, do mesmo modo que a União Soviética e os EUA se enfrentavam na Guerra Fria. A Arábia Saudita faz valer a Jihad, ao passo que o Irã emprega milícias xiitas, como o Hezbollah, por exemplo, ou como agora milicianos xiitas do Iraque. Ambos têm seus aliados na região, mas também seus adversários. Em razão deste embate, levar adiante uma política independente torna-se bastante complicado. Neste contexto se encontram os curdos, com o seu projeto nacional e social, ou os verdadeiros revolucionários em outros países que não passam pelo seu melhor momento.

Israel joga numa posição diferente. Trata-se de um guardião da região. Aliado ocidental, também tem seus momentos de atuação autônoma sem prestar contas a ninguém, e às vezes, inclusive, contrariando interesses norte-americanos. A aliança estratégica entre Israel e a monarquia saudita manteve a região pacificada até recentemente. Nos anos 1960 os dois foram os bastiões do capitalismo numa região que era ameaçada pelo socialismo árabe e pan-arabista de Nasser e outros, por Muammar Gaddafi, ou pelos

comunistas. Mas depois se viu que o socialismo árabe não era tão socialista e que o movimento comunista foi a pique.

Síria

Começamos com este país, já que é o que está há mais tempo em guerra. O conflito ali começou em 2011, quando eclodiu a Primavera Árabe. A primeira onda havia derrocado os governos do Egito e da Tunísia e, em seguida, se estendeu por Síria e Iêmen. Ameaçava abalar também esses regimes autoritários (os quais, todavia, celebram eleições, o que não os faz menos autoritários), porém, como esses governos conseguiram resistir, ambos os conflitos se converteram em guerra.

Os EUA tinham a Síria em sua mira desde 2001, pois era um dos três “Estados terroristas” dos quais falava George Bush, ao lado do Irã e da Coreia do Norte, ou seja, estava sugerindo que poderia haver alguma operação contra o país. Tanto que quando eclodiu a Primavera Árabe ocorreu a alguém que também poderia organizar uma “revolução colorida”, ou seja, provocar uma mudança de regime por meio de protestos controlados e promovidos por uma oposição favorável aos interesses ocidentais.

As revoluções coloridas serviram para mudar os governos na Ucrânia e em uma série de países da Ásia Central. Agora se repetiria a operação na Síria e na Líbia, países inimigos do Ocidente. Mais tarde soube-se do papel central que teve a Irmandade Muçulmana nas primaveras árabes. Esse partido de tendência islamita moderada e democrática foi utilizado como instrumento para mudar os regimes do Oriente Médio e assim deixá-los a serviço do Ocidente. Era financiado pelo Qatar, país extremamente rico do Golfo Pérsico, e que neste caso tinha interesse em derrubar o regime sírio, pois queria controlar seus gasodutos e oleodutos.

O fato é que os protestos se tornaram uma guerra aberta. Havia agitadores profissionais, tanto com afinidades com a Irmandade Muçulmana (controlados pelo Qatar e Turquia)

como integrantes de serviços secretos ocidentais. Mas os protestos também desembocaram em um processo revolucionário. Muitos bairros e povoados acabaram controlados por comitês populares que passaram a controlar seu território.

Porém a tomada de territórios também produziu a entrada paulatina de combatentes mercenários e aventureiros pela Jordânia e Turquia, que no começo estavam sob as ordens do Qatar e da Turquia, mas também da França e Grã-Bretanha. Nessa primeira etapa, Israel e Arábia Saudita permaneciam como espectadores, colaborando, mas sem ter um papel de relevância. O suborno de certos generais e oficiais do exército sírio provocou numerosas deserções de soldados sunitas, que a partir de então se puseram a serviço da revolução. De imediato se criou o Exército Sírio Livre (FSA em inglês), e, mais tarde, um governo provisório no exterior.

O governo sírio, entretanto, conseguiu resistir. Fechou-se nas cidades e abandonou o campo que foi tomado pelas milícias (ver a análise da revista *Amor y Rabia*, número 66, julho de 2013³⁰). A Síria começou a receber ajuda militar da Rússia, e assim sobreviveu ao ano de 2012, com grandes reveses, mas resistindo. Os partidários do governo geralmente se concentravam nas regiões povoadas por minorias cristã, drusa e xiita. Já seus adversários predominavam na maioria sunita.

No ano seguinte, a guerra ganhou novas proporções. As ofensivas estavam mais bem realizadas, com melhor material bélico e com um maior número de tropas envolvidas. O exército sírio tinha se refeito, e o Exército Livre era cada vez maior. Nesse momento, estavam entrando no país, pouco a pouco, jihadistas contratados pelos governos da Arábia Saudita, Qatar e Turquia. Procuravam ter um exército de milicianos capaz de derrotar o governo de Damasco. Já não bastavam mercenários. Já não se

30 N. do T.: O PDF da revista está disponível no endereço <http://revistaamoryrabia.blogspot.com.es/2013/07/amor-y-rabia-n-66-siria-neoliberalismo.html>, acesso em 02/02/2016.

alistavam novos voluntários locais no contingente necessário, por isso deviam ser trazidos de fora. Os primeiros "voluntários" foram 1.500 condenados à morte na Arábia Saudita. Mais tarde enviaram todos os islamitas radicais da península arábica que puderam recrutar. E, quando o fluxo de pessoas parava, se somavam os vindos de outros países. Fundamentalistas islâmicos da Líbia, da Tunísia, do Egito, da Jordânia e, inclusive, da Palestina.

Desta forma a revolução política no país foi afundando. Os revolucionários iam sendo afastados de todas as frentes de batalha, sendo substituídos por uma horda de fanáticos dispostos a tudo. Também, pouco a pouco, começaram as execuções dos líderes laicos, aqueles que não aderiam às ordens dos fundamentalistas islâmicos. O controle passou às mãos da Jihad, que começou no verão de 2013 com um ataque sistemático contra o território curdo. Desta forma entrou em jogo o PYD (partido irmanado ao PKK do Curdistão turco) e as suas milícias YPG e YPJ (esta última de mulheres curdas).

Os curdos até então tinham tentado se manter à margem do conflito. A partir de então, criaram milícias de autodefesa para controlar seu território e se dedicaram a implementar um processo de transformação social e cultural. Enquanto mantiveram o domínio de seu território deram andamento a uma nova administração curda. E quando a Jihad os atacou, eles se defenderam. As milícias foram crescendo e ganhando experiência. Contavam com muitos milicianos experientes da Turquia que haviam lutado ao lado do PKK. Conseguiram derrotar todos os adversários que os atacaram e começaram a conquistar todos os territórios de maioria curda que puderam, a região conhecida como Rojava. Quando tiveram seu controle, estabeleceram três cantões que permanecem como ilhotas independentes³¹.

31 N. do E.: Hoje, dois cantões já se juntaram e o terceiro (de Efrin) está expandindo. O de Kobane conseguiu atravessar o Rio Eufrates e conquistar a cidade de Manbij, estando Rojava prestes a se integrar completamente nas mãos dos curdos.

No Curdistão sírio funciona uma espécie de administração democrática e revolucionária baseada no Confederalismo Democrático de Abdullah Öcalan, o líder do PKK preso na Turquia. São hoje os territórios com maior liberdade da Síria, e são célebres por suas numerosas milicianas que combatem ombro a ombro com os homens, situação que contrasta com o machismo predominante na região. De fato, são a única força de esquerda que controla um território (já que considerar Assad de esquerda, a despeito de que se diga anti-imperialista e seja apoiado por comunistas sírios, é um exagero). A revolução curda segue seu curso atualmente e já começa, inclusive, a se estender pelo Iraque.

O ano de 2013, contudo, também assistiu à entrada no conflito sírio do Hezbollah. Esse partido-milícia decidiu apoiar militarmente o governo sírio. Enviaram milhares de milicianos e de imediato já fizeram a diferença. Aparentemente as tropas do Hezbollah têm uma preparação militar bastante competente e foram utilizadas como tropa de choque em vários combates importantes. Os sírios governistas recuperaram vastos territórios ao longo desse ano.

Como a direção que a guerra na Síria estava tomando não agradava aos EUA, em setembro de 2013 tramaram uma farsa baseada em um ataque com armas químicas. Os russos foram capazes de desmascarar toda a farsa e ofereceram uma saída diplomática que livrou a cara inclusive dos americanos, que haviam feito um papel ridículo. A Síria se salvava assim de uma intervenção internacional.

Nessa mesma época, no campo fundamentalista, veio se destacando um grupo denominado Estado Islâmico do Iraque e Síria. Em torno desse período foi desencadeada uma série de oito enormes fugas de prisioneiros no Iraque, no Paquistão, na Líbia, na Tunísia. Eram fugas muito suspeitas, já que se deram no mesmo período. Era claro que alguém havia orquestrado tudo. A culpa recaía sobre a Al-Qaeda, mas a operação foi gerida a partir da Arábia Saudita. Alguns acusavam Bandar Bin Sultan, um dos homens mais poderosos da Arábia Saudita e chefe do serviço de

inteligência de seu país, de ser a cabeça da Al-Qaeda. O fato é que Bin Sultan estava encarregado da guerra suja na Síria.

Por outro lado, o golpe de Estado no Egito do general Al-Sisi foi a punhalada fatal contra a Irmandade Muçulmana. Isso ocasionou uma crise política no Qatar. A via do islamismo democrático foi interrompida definitivamente. Discretamente, o Qatar foi se afastando da guerra na Síria.

No início de 2014 estourava uma guerra na retaguarda do bando rebelde. Este movimento egoísta e suicida não estava sendo compreendido, situação que poderia levar à vitória da facção governista. Mas vimos, no transcurso dos meses, que o ISIS se consolidou como um exército sério num amplo território. Até então o bando rebelde era uma coalizão instável de até 800 grupos distintos de milícias.

O ISIS, na Síria, é formado por uma plêiade de combatentes estrangeiros de todo o mundo. Há chechenos e daguestaneses. Há paquistaneses, tadjiques, chineses muçulmanos, uzbeques, indonésios, malaios. Há muitos integrantes dos países do Golfo Pérsico, da Líbia, da Tunísia, do Egito, do Marrocos. Porém também há europeus e norte-americanos. Vide a detenção de duas garotas de Melilla ao tentarem se unir à Jihad. Há rumores de que combatem na Síria e no Iraque até 10 mil cidadãos europeus.

O fato é que preocupa a recente onda de manifestações a favor do Estado Islâmico em cidades como Amsterdã, Manchester e Berlim. Os muçulmanos da Europa estão se inclinando para a Jihad, coisa que ainda trará graves problemas no futuro. Sobretudo, preocupa o retorno para a Europa de todo esse contingente. Como um caso rocambolesco, no qual um grupo de 6 mil jihadistas tunisianos teria sido expulso em 2014 da Turquia e teria acabado na Itália. E esse pode ser só o começo.

Mas a Jihad é o grande monstro que levou a Síria à sua atual situação. É o exército concebido estrategicamente pelos EUA e pela Arábia Saudita para eventualmente enfrentar o Irã, no caso de ganhar as guerras da Síria e do Iraque. Porém, ultimamente parece

haver tomado um caminho autônomo, sem dar muita satisfação às condenações internacionais, de um lado provocando um afastamento da Arábia Saudita e, de outro, os bombardeios aéreos pelos EUA. Curiosamente os jihadistas não fazem nada contra Israel, mesmo quando este atacou Gaza. Todos os seus esforços se centram em consolidar o Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Esta situação dá lugar a um bom número de teorias conspiratórias.

Quem mais sofre com guerra é, logicamente, o povo sírio. Em meados de 2014 já se calculava em cerca de 170 mil os mortos³² e existem mais de 7 milhões de pessoas expulsas de suas casas pelo conflito, uma boa parte dispersa pelos países da região. O Líbano, por exemplo, tem um problema sério no tocante à quantidade de refugiados, já que eles representam quase um quarto da população do país. Os campos de refugiados no exterior foram lugares de recrutamento de milicianos rebeldes. Era lógico que existia um ódio contra Assad, em especial entre a população sunita. Mas com o tempo esse fluxo foi se reduzindo.

O conflito superou as fronteiras do Estado sírio. Espalhou-se pelo Iraque e pelo Líbano, e fez com que a Jordânia e a Turquia reformulassem seu apoio total aos rebeldes. De fato, percebeu-se uma retração desses Estados. No entanto, até há pouco tempo a Turquia continuava permitindo a passagem de jihadistas pelo seu território. Alguns bem armados. E inclusive cruzavam a fronteira verdadeiros comboios com vários tanques que passavam rumo à Síria. Aparentemente, a Turquia pretende se desfazer de todos os jihadistas e enviá-los à Síria.

Na primavera de 2014 participou diretamente da operação de invasão de Latakia, na costa síria. Os rebeldes atravessaram alguns quilômetros da Turquia para surpreender os soldados sírios da retaguarda. Essa operação não terminou tão bem, pois o governo sírio reconquistou o território perdido, impondo pesa-

32 N. do T.: Atualizando os dados para fevereiro de 2016, chegamos à trágica cifra de 470 mil mortos, conforme dados divulgados por *Syrian Center for Policy Research*.

das perdas aos rebeldes, o que também contribuiu para que os turcos fossem se retirando discretamente do cenário. É preciso que se diga que foi uma invasão que partiu do território turco contra a Síria. Se fosse o contrário, uma ação da Síria, a comunidade internacional já a teria invadido. Israel também chegou a bombardear o território sírio em algumas ocasiões para proteger os rebeldes. Porém os sírios estão suficientemente envolvidos em ganhar a guerra na qual estão metidos para atacar Israel.

Nesses momentos os atores principais são três. O governo de Assad com seu exército, suas milícias de voluntários e seu grande aliado, o Hezbollah; o Estado Islâmico, que está derrotando todos os grupos rebeldes e que em alguns meses pode vir a ser a única força capaz de enfrentar o governo; e os curdos, que controlam o norte do país, e que combatem tanto os jihadistas quanto o governo.

Não se pode descartar a possibilidade de um pacto entre o governo sírio e os curdos num médio prazo. Contudo, teria que haver mediação do Irã nesse processo, porém sua política é bastante anticurda. De qualquer forma, se a guerra se prolongar por muito mais tempo, talvez os curdos possam se assentar definitivamente. Outro ponto está em qual a força real que o Estado Islâmico possui e se é capaz de manter a energia que tem tido até agora. Foram tantos os inimigos feitos que em algum momento esgotará sua fonte. Finalmente há que se dizer que o governo sírio continua ampliando suas conquistas e está retomando territórios cada vez mais difíceis. Continua vencendo a guerra, mas muito lentamente. Sua força aérea está causando verdadeiros estragos entre os fundamentalistas islâmicos. E, ao final de tudo, o Hezbollah tem se mostrado como o mais potente exército da região.

Iraque

O segundo conflito a ser analisado é o do Iraque. A respeito do que se passou em 2003, não falarei mais que o suficiente para res-

saltar que a derrubada de Saddam Hussein abriu nada menos que as portas do caos. A longa guerra de resistência árabe contra os ocupantes norte-americanos criou o embrião de uma milícia vinculada à Al-Qaeda que ultimamente tomou forma mais concreta. A frustração da população sunita é tanta que não titubeiam em se unir às milícias jihadistas. Milhares de milicianos foram para o Iraque. E o país é agora um verdadeiro campo de batalha.

É evidente que a responsabilidade não é apenas da Al-Qaeda. Em uma sociedade livre, o Estado Islâmico não deveria ter adeptos. O Iraque não é esse tipo de sociedade. Desde a invasão norte-americana os líderes da maioria xiita governavam o país, dividindo sua lealdade aos EUA e ao Irã, conforme a direção do vento. A corrupção é endêmica, e os assassinatos são frequentes. O Iraque já era um dos países mais violentos do mundo, e isso que não havia uma guerra formal. Mas desde meados de 2013 a violência cresceu mais que o habitual. Várias tribos árabes se aliaram ao Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Alguns voltaram da Síria para cravar as bases da nova milícia.

Em junho de 2014 lançaram a ofensiva. Tratava-se tanto de uma operação preparada pela Arábia Saudita para derrubar o governo do primeiro ministro Al-Maliki (pró-Irã) como de uma rebelião islamita da população sunita, o fato é que ocorreu há pouco tempo de se celebrar as eleições iraquianas. O momento foi escolhido a dedo, já que depois das eleições o poder ficou em suspenso devido a impugnações e ao desgoverno, o que deve ter estimulado vários líderes de outras tribos a se aliar definitivamente à Al-Qaeda.

A ofensiva não podia ser parada. Rapidamente tomaram a zona do Eufrates, e depois se lançaram sobre Mossul. Nesta cidade, a segunda maior do Iraque, o exército se desintegrou. Num par de dias os jihadistas tomaram a cidade, comovendo o mundo. E rapidamente se lançaram sobre outras cidades, como Tikrit ou Samarra, ameaçando chegar a Bagdá. O pânico tomou

conta de todos. O exército havia naufragado, com alguns oficiais sunitas tendo se aliado aos islamitas, como depois se soube.

De imediato se formou uma milícia pró-governo organizada pelos xiitas. O Irã enviou uma delegação militar que começou a comandar os esforços de guerra do Iraque, devolvendo-lhe os aviões que “guardavam” desde 1991, quando Saddam Hussein enviou toda sua força aérea para salvá-la da destruição da Guerra do Golfo. A Rússia enviou mais outros aviões, o que foi um claro apoio ao lado governista. Muito provavelmente o governo de Bagdá ainda procurará os rusos como aliados no futuro. A Síria também bombardeou diversas posições islamitas no Iraque. Nesses momentos, as fronteiras já não têm tanta importância assim.

Outro fator que ainda não foi falado são os curdos. O Curdistão iraquiano vive desde 2003 uma independência de fato. Governam um território que tratam como próprio, do qual, inclusive, começaram a exportar seu petróleo. A custo de muito esforço, conseguiram finalmente que a Turquia aceitasse se converter em uma saída natural para os mercados internacionais. Aliás, o Curdistão iraquiano, Bashur, em curdo, é governado por um partido pró-Turquia e que representa os interesses dos EUA e de Israel na região. O principal partido da oposição curda, por sua vez, representa os interesses do Irã. E ambos governam o Curdistão sem dar ouvidos a qualquer força revolucionária do estilo do PKK, que teve que se conformar, até então, em permanecer isolado nas montanhas de Qandil, uma zona fronteira entre Iraque, Turquia e Irã, onde estão as bases do PKK.

Desta forma, quando estourou a revolta sunita jihadista (pode-se dizer que são as duas faces da mesma moeda), o Curdistão enviou suas forças militares, os *peshmerga*, para ocupar todo o território historicamente reivindicado pelo Curdistão no Iraque e que ainda permanecia nas mãos do governo central. Foi assim que tomaram a cidade estratégica de Kirkuk e

seus poços de petróleo e oleodutos. A região do Curdistão controlada pelos curdos cresceu uns 40% em uma só tacada.

Se o Curdistão até o momento permanece semi-independente, foi por que não tentou proclamar a independência de forma unilateral. Os governos curdos têm sido cuidadosos em não criar inimizades com seus aliados turcos, norte-americanos e israelenses. Mas o cenário passa a ser outro. Já não havia muitas desculpas. A Jihad havia começado, e o Iraque afundava em uma guerra civil. A população curda comemorou essa situação entendendo-a como o momento que haviam esperado por toda a vida. Mas o presidente curdo Massoud Barzani se negou a declarar a independência, erodindo, por enquanto, sua imagem.

O desdobrar dos conflitos no Iraque indicam que, por um lado, está se formando um grande exército iraquiano baseado em tropas de xiitas, de outras etnias e mesmo de algumas tribos e populações sunitas que não querem a Jihad. Foram recrutados pelo menos 60 mil voluntários em junho de 2014 e uma cifra semelhante em julho. Os iranianos enviaram alguns agentes para ajudar a organizar e comandar esse exército, e o Hezbollah novamente surgiu para ajustar militarmente a milícia. O Hezbollah é visto com muito respeito e admiração pelos xiitas em razão de seu importante papel na Síria, de onde também chegou uma milícia formada por voluntários xiitas iraquianos que estavam combatendo em solo sírio. São forças altamente motivadas e treinadas.

Contudo, o enorme avanço do Estado Islâmico é difícil de ser revertido no curto prazo, uma vez que conta com o apoio tácito ou declarado da população sunita que vê nele uma forma de se opor ao governo de Bagdá.

Uma ofensiva islamita contra o território curdo e turcomano provocou a entrada definitiva do Curdistão na guerra, que até então procurava se manter à margem. Trata-se de um evento-chave para o desdobramento da guerra. Mas aconteceu algo que ninguém esperava. A falta de vontade com que as forças da

Peshmerga atuaram até então provocou uma espetacular derrota na população curda de Sinjar. As imagens de 50 mil curdos de religião yazidi vagando por montanhas sem água nem comida deram a volta ao mundo. Milhares de pessoas morreram de inanição. E os islamitas assassinaram pelo menos outras 3 mil.

Os fundamentalistas islâmicos obtiveram uma vitória fácil e avançaram o quanto puderam. Chegaram à fronteira com a Síria e ameaçavam entrar em Rojava, no Curdistão Sírio. Chegou, então, a reação. As forças revolucionárias do PYD, e suas milícias YPG e YPJ entraram no Iraque. O contra-ataque destroçou os jihadistas, tendo praticamente recuperado Sinjar. YPG resgatou dezenas de milhares de yazidis, enviando cerca de 20 mil para Rojava enquanto ainda buscam soluções para a situação.

Outro movimento inesperado foi o do PKK. Suas milícias HDP (de homens) e YJA Star (de mulheres), por fim, saíram das montanhas de Qandil e chegaram tanto à região de Sinjar como à de Makhmur, outra área curda atacada pelos fundamentalistas. Em seus esforços combatem ombro a ombro com os peshmerga. Muitos deles estão se unindo agora a essas tropas revolucionárias, uma vez que seu governo não está preparado para essa delicada situação. Além disso, os revolucionários organizaram uma milícia autônoma formada por centenas de voluntários de Sinjar. Inclusive o partido irmão do PKK e do PYD, mas para o Curdistão iraquiano, divulgou a criação de sua milícia. Veremos no futuro mudanças drásticas no Curdistão.

Os peshmerga começaram a atacar a região de Mossul, tomando novos povoados habitados por curdos e turcomanos. Todavia os cristãos da região se queixam do autoritarismo da ocupação curda e por sua vez reivindicam independência ou autonomia. Tendo em vista o que os islamitas fazem, estar com os curdos parece melhor. É uma situação complicada, uma vez que os islamitas sempre têm condições para surpreender, como se deu com a tomada da represa mais importante do Iraque, em princípios de agosto de 2014, que é a maior fonte de água do país.

Todo este caos no norte do Iraque provocou duas reações. Por um lado, finalmente os norte-americanos “fizeram algo” pelo Iraque. Começaram a bombardear as posições islamitas. Imagino que por pouco tempo. Os Estados Unidos têm agido em razão de um pedido expresso de Barzani, presidente do Curdistão que vê seu prestígio ir ao chão e sente a necessidade de “fazer algo”. Por outro, Turquia e Irã atacaram os revolucionários curdos nas montanhas. Não foi casual. Se a esses países custa tolerar um Curdistão controlado pela nova burguesia curda, imaginemos o que devem pensar se ainda por cima os curdos fizerem uma revolução, porque agora é provável que os territórios libertados pelas tropas revolucionárias elejam suas administrações no mesmo molde do Curdistão Sírio.

O que mais me chama atenção é o comportamento do Estado Islâmico. Está levando adiante atrocidades contra todas as minorias: execuções em massa, decapitações, chicotadas em praça pública. Até vende pessoas como escravas, mulheres e meninas, depois de assassinar os homens das famílias. Instituiu castigos medievais que colidem com o que entendemos por guerra moderna. O terror é uma arma muito poderosa e faz com que as tropas adversárias, caso não estejam totalmente seguras de sua vitória, tenham como provável atitude sair correndo. Foi assim que se passou em diversos povoados que caíram sem um disparo.

Mas, ao mesmo tempo, esse comportamento pode produzir uma espécie de efeito bumerangue, já que o ódio que está suscitando não fará com que seus inimigos sintam muita piedade na hora de liquidá-lo. Atualmente combate na Síria contra rebeldes, contra os curdos e contra o governo sírio. No Iraque combate contra o governo, contra os xiitas, o Irã, o Hezbollah e contra os curdos. Parece que está fazendo inimigos demais. Todos procuram chegar a uma aliança contra os fundamentalistas islâmicos, o que está começando a se concretizar. Mesmo os EUA ameaçam entrar em cena, porém o mais provável é que se recusem entrar em uma guerra de resultado tão incerto como esta.

Outro efeito secundário causado por essa situação do Iraque foi a retirada do apoio formal dado pela Jordânia aos rebeldes sírios, que assistem como a frente sul está naufragando pouco a pouco diante das tropas governistas. Em uma cidade jordaniana houve manifestações a favor do Estado Islâmico, fato que deixa o país em alerta, distanciando-se dos conflitos internacionais.

Líbano

Se o caos sírio e iraquiano parecia pequeno, acrescenta-se agora a situação de conflito bélico no Líbano, país que há anos não possui um governo estável. De fato, a instabilidade teve início em 2006 quando Israel enfrentou o Hezbollah, que resistiu de forma surpreendente. Desde então a milícia xiita se converteu na principal força armada do Líbano, superior mesmo ao exército nacional.

A guerra da Síria fez com que desde 2013 o Hezbollah siga enviando milhares de milicianos para a zona de conflito. Agora mesmo os está enviando ao Iraque para combater o Estado Islâmico e comandar os esforços do novo exército iraquiano. Por ser uma organização extremamente odiada pelos muçulmanos sunitas de todas as tendências, nos últimos anos têm crescido os ataques terroristas contra seus partidários e representantes. Especialmente no norte do país, um território povoado por muçulmanos sunitas.

A guerra síria atingiu definitivamente o Líbano. Nas montanhas Qalamun, que traça a fronteira entre a Síria e o Líbano, se refugiava um contingente de cerca de 4 mil (outras fontes dizem 10 mil) milicianos. Pertenciam, sobretudo, à Frente Al-Nusra, nada menos que o ramo do Al-Qaeda na Síria, que proclamou outro califado islâmico na Síria, mas ainda não é sabido se se consolidará sobre o território como seu rival iraquiano.

O fato é que o exército sírio começou em agosto de 2014 operações destinadas a limpar as montanhas, uma vez que a presença dessa milícia ameaçava a estabilidade na região. O exército sírio

tinha apoio do Hezbollah, que podia atuar de ambos os lados da fronteira. Mas a situação teve uma reviravolta quando os fundamentalistas (aproximadamente metade da milícia) cruzaram a fronteira e tomaram um município inteiro, chamado Aarsal. Trata-se de um dos maiores municípios do Líbano, e é povoado por sunitas. Também tem um número expressivo de refugiados sírios igualmente sunitas. Em resumo, esta ocupação militar fez com que entre 1.000 e 1.500 voluntários locais se unissem aos jihadistas.

O exército libanês chamou para si a responsabilidade ao enviar o grosso de suas tropas para a região. Logo após, o Hezbollah se retirou discretamente do cenário para não dar motivos para que se falasse de uma guerra entre xiitas e sunitas. O exército libanês é composto predominantemente por sunitas, comandados por cristãos e drusos. Após uma semana de ocupação, o exército libanês finalmente entrou em Aarsal, entretanto agora há milhares de milicianos islamitas armados nas montanhas do Líbano. É preciso esperar para conferir se não atinge Trípoli, a capital sunita do Líbano. Por ora parece que o surto está controlado. Os islamitas são relativamente poucos, e agora estão sendo atacados por todas as partes. Sua operação acabou em derrota.

A França e a Arábia Saudita se ofereceram para enviar ajuda militar e econômica ao Líbano. Na sequência acontecem as declarações de apoio ao governo iraquiano ao Líbano (as ações de apoio são muito mais escassas). Mas ninguém apoiava a Síria³³. É provável que se Ahmadinejad continuasse no poder também estaria se envolvendo nesses conflitos de maneira mais clara e decidida. Mas o Irã, ainda que de forma bastante discreta, está

33 N. do T.: O único apoio explícito de uma potência militar ao governo de Assad veio da Rússia, que desde o início atuara como um garantidor da integridade territorial da Síria, coibindo ações dos EUA, e em 2015 passou a agir belicamente em seu favor, obtendo vitórias tanto em relação ao EI quanto em relação aos rebeldes, chegando mesmo a colidir com o interesse de outros atores do conflito, como a Turquia, que chegou a abater um caça russo em novembro daquele ano.

dando apoio a seus aliados. Essa situação no Líbano pôs o exército diretamente como aliado do Hezbollah e do exército sírio.

Palestina

E chegamos, finalmente, ao conflito de Gaza. É este que a maior parte da população ocidental acompanha, e por isso será tratado aqui sucintamente. Trata-se de um longuíssimo conflito que explode de tempos em tempos. Neste caso o grupo Hamas tem desempenhado o papel principal.

Antigo aliado da Irmandade Muçulmana, o Hamas teve um momento de tensão com o governo sírio, quando chegou a enviar voluntários para o campo de batalha. Mas a troca do governo egípcio o isolou politicamente. Ao entrar no conflito, o Hamas perdeu o apoio do Irã, ainda que por um tempo tenha recebido ajuda do Egito governado pela Irmandade Muçulmana, que tinha à frente Mohamed Morsi. Quando esse governo foi derrubado pelos militares, o Hamas perdeu todos os seus protetores. Desse jeito, não teve outro remédio senão voltar para casa e pedir ajuda ao Irã. Com isso teria que retirar sua gente da Síria.

Israel, pelo seu lado, não quis se envolver em excesso nos conflitos da região. Apoia algumas facções dos rebeldes sírios, mas não apoiou em nenhum caso nada parecido com o Estado Islâmico. Apoia os curdos do Iraque, o grupo de Barzani. Tanto é que a primeira remessa de petróleo curdo teve Israel como destino.

A extrema-direita israelense exigia há um bom tempo uma guerra contra os palestinos. Seu objetivo não era outro que não os exterminar ou fazer com que saíssem da Palestina por vontade própria. Tanto que fazem suas vidas se tornarem invisíveis. Mas isto não desanima os palestinos, que radicalizam cada vez mais. Desta forma, o Fatah foi substituído pelo Hamas. E agora há uma célula da Al-Qaeda que começa a tomar corpo também em Gaza.

O governo israelense de Netanyahu decidiu provocar a guerra. Para isso empregou um *causus belli* bastante suspeito,

como foi o sequestro e assassinato de três adolescentes israelenses. Logo se demonstrou que não foi o Hamas que os havia sequestrado. Mas dava no mesmo, tratava-se de uma desculpa para detonar a guerra.³⁴

Começaram os bombardeios que duraram semanas. Entretanto, o Hamas havia se preparado para esse momento, acumulou um arsenal de mísseis. Muitos mísseis. O Hamas os lançou sobre Israel, com péssima pontaria, mas indicando que estava disposto a ir até o fim. O lançamento dos mísseis só foi interrompido com o fim do conflito em 26 de agosto de 2014, até então eram lançados de qualquer lugar, túneis, casas, quintais, etc. E eram introduzidos em seu território por meio de uma ampla rede de túneis que iam do Egito até Gaza. Os palestinos estavam esperando este choque com muita vontade. Por volta de 150 soldados israelenses, entre mortos e feridos, foram tirados de serviço.

Este número pequeno de baixas parece não ter importado ao Hamas, pois embora seu inimigo tenha provocado a morte de mais de 2 mil palestinos (dos quais ao menos quinhentos meninos e meninas), seguiu até onde possível com sua guerra particular lançando mísseis em solo israelense. Apostavam na hipótese de que quanto mais durasse o conflito pior seria para a imagem de Israel, pois menos aliados lhe restaria, mais cresceria a dissidência interna contra o sionismo, mais probabilidade haveria dessa dissidência crescer também no exército. Porém, os grupos revolucionários, tanto em Israel como na Palestina, são desgraçadamente uma ínfima minoria.

Da mesma forma que em 2006 com o Hezbollah, o vencedor moral dessa guerra foi o Hamas. Um Hamas novamente inclinado ao Irã.

34 No fim de agosto de 2014, um líder do Hamas exilado na Turquia teria confirmado a responsabilidade do grupo pelo sequestro e morte dos adolescentes.

Cenários

Como se nota existe uma evidente aliança encabeçada pelo Irã, que inclui o governo sírio, o governo iraquiano, o exército iraquiano e o Hezbollah. Agora talvez comece a se aproximar também o Hamas. Mas também o Irã representa a "pátria" dos xiitas no mundo, como os que vivem no Bahrein, no Qatar e no Iêmen. A guerra no Iêmen também tem seus combatentes xiitas, sua Al-Qaeda e seus independentistas. É outro ponto do caos no qual a região está afundada.

Contra este bloco de poder que ameaça controlar o Oriente Médio levantam-se os interesses da Arábia Saudita, que possui uma série de aliados como Israel, Kuwait e os Emirados Árabes. Mas, acima de tudo, sua verdadeira força de choque é o Estado Islâmico, o qual financiou por anos. É o único exército hoje na região que pode pôr em perigo a hegemonia iraniana.

Como se esse equilíbrio fosse pouco, o Egito também vê a Rússia como um aliado estratégico. Rússia se opunha a uma guerra contra a Líbia, mas esta foi concretizada apesar de seus protestos. E a Líbia acabou se tornando mais um país em decomposição, vive um caos total. Os militares egípcios eram conscientes de que o país estava se islamizando rapidamente, e decidiram depor à força o governo de Morsi. Mas, como o golpe de Estado não é muito popular hoje em dia, foram condenados pelo Ocidente, que pareciam à vontade com o governo da Irmandade Muçulmana. De tal forma que o único país que apoiou a nova ditadura foi a Rússia, pensando que o que estava faltando era uma mão pesada. E mão pesada foi o que empregou o ditador Al-Sisi, que destruiu as bases dos fundamentalistas na península do Sinai. E continua sua lenta aproximação da Rússia e eventualmente do Irã.

Se existe esse caos no Oriente Médio é precisamente porque os EUA estão em plena decadência. Se tivessem demonstrado a força de antigamente, nenhum dos conflitos teria chegado ao

ponto que chegou. Israel não é capaz de obter vitórias militares contundentes. A Arábia Saudita joga às vezes contra os interesses dos EUA. O Qatar tem se sentido totalmente livre. A Turquia ameaça aproximar-se da Rússia algumas vezes, embora membro da Otan, mas, na maioria dos casos é uma aliada fiel da Arábia Saudita e de Israel, e assim deixa bem claro.

Os tempos caóticos em que vivemos ressuscitaram o movimento de libertação curdo. É o maior problema da Turquia e mal está começando. A única solução seria a concessão da autonomia e a desmilitarização da região, coisa que não acredito que Erdoğan aceitará neste momento. Mas os curdos estão ganhando poder aos poucos, e as vitórias na Síria e no Iraque vão nesse sentido. Em algum momento, turcos e curdos terão que se sentar para falar do futuro do território.

E o Estado Islâmico? Aparentemente, fez muitos inimigos em pouquíssimo tempo. Agora todos eles conspiram e se aliam para acabar com ele. É questão de tempo até que caiam. A não ser que seja fortemente apoiado pela Arábia Saudita ou por algum de seus aliados.

Quanto à Revolução, até o momento ela vem se consolidando em apenas uma parte do Curdistão. Veremos o que há por vir no Iraque, já que a sua situação tende a estourar na cara dos curdos neoliberais por sua falta de apoio às minorias. Em breve um Curdistão socialista ou confederalista democrático vai transformar tudo na região, e os curdos serão vistos como uma autêntica vanguarda revolucionária internacional. E com eles chegará ao fim o auge dos movimentos do fundamentalismo islâmico? A queda da União Soviética permitiu o surgimento dos movimentos islamitas que poderiam ser postos na extrema-direita quanto ao aspecto social. Assim, caso houvesse uma clara vitória da revolução, por pouco que durasse, na região que seguiriam o modelo curdo.

CAPÍTULO 5

BREVE HISTÓRIA DE ROJAVA

*Por Editora Descontrol*³⁵

Nos capítulos anteriores pudemos observar algumas das causas que possibilitaram a oportunidade da experiência social que está sendo vivida em Rojava. Pudemos, ainda, ver quais foram as razões da opressão do povo curdo e quais suas referências de resistência, analisando a determinante evolução ideológica do PKK com suas propostas políticas e, finalmente, fizemos uma pequena aproximação do complicado contexto político do Oriente Médio. Em todos estes pontos é possível se aprofundar nas explicações, assim como analisá-los com mais detalhes, mas o objetivo era poder estabelecer algumas bases para entender o fenômeno do que está acontecendo em Rojava.

Antes de passar para a análise dessas mudanças sociais, cabe explicar quais foram os precedentes no âmbito local. Como nos capítulos anteriores já foram dadas algumas pinceladas sobre a situação dos curdos e quais foram os mecanismos de repressão dos últimos anos na Síria, passamos agora a explicar brevemente a evolução do movimento de contestação nesse Estado.

A Síria dos Assad

No momento do estopim das revoltas de 2011, o regime do partido Baath já havia completado cinquenta anos, sendo que quarenta deles sob o comando absoluto dos Assad, pai e filho. Este regime de natureza autoritária havia se mantido no poder durante todo o tempo mediante um mescla de políticas

³⁵ Editora anarquista catalã que publicou originalmente o livro *A Revolução Ignorada*.

repressivas, relações clientelistas, nacionalismo pan-arabista e algumas políticas de cunho social. Os crimes do regime durante esse tempo são incontáveis, e as violações de direitos humanos, constantes. Praticam detenções, torturas, desaparecimentos e assassinatos de milhares de opositores, sejam políticos, ativistas, comunistas, curdos ou muçulmanos. Qualquer sombra de resistência é duramente reprimida.

Por outro lado, eram praticadas políticas de divisão desigual da riqueza, favorecendo certas etnias e tribos mais afinadas ao regime, criando tensões que ajudam a manter o controle da população. O lema do governo para essas questões é: “uma religião, uma língua, uma nação, um Estado, uma bandeira”.

Os curdos na Síria vivem basicamente em três zonas: Efrin, Kobane e Cizire, havendo ainda uma grande quantidade na cidade de Aleppo. No total são entre 2 e 3 milhões. A política da família Assad em relação a eles tem sido ambivalente. Mesmo que tenha dado certo apoio à luta do PKK durante alguns anos por interesses geoestratégicos (a Turquia, o Estado contra o qual lutava o PKK, é um rival da Síria na região), permitindo que tivessem algumas bases na Síria, a principal posição a respeito dos curdos tem sido a de hostilidade. Tanto o é que sua existência foi negada, como a de qualquer minoria étnica do país, sob a afirmação de que todos os cidadãos sírios eram árabes. Para isso o governo sempre se esforçou para desprover os curdos de sua cultura, língua e identidade. Alguns exemplos disto são a proibição de falar em sua língua ou a de dar nomes curdos a seus filhos. Mas não apenas curdos sofriam essas políticas: assírios, caldeus, turcomanos ou qualquer outra etnia ou religião minoritária sofria as políticas homogeneizadoras do regime.

Foram aplicadas políticas de repressão e assimilação em todos os âmbitos, assim como uma política de arabização da região, confiscando as terras dos curdos, que eram concedidas aos árabes para que repovoassem áreas tradicionalmente curdas. Com essa política buscava-se criar um “cinturão árabe”

para controlar melhor a população curda. Além desses confiscos de terra, o regime impôs uma série de leis, a última delas aprovada em 2008, que fazia com que a vida dos curdos na região fosse péssima, obrigando-os a imigrar para as cidades ou outras regiões. Foi determinado basicamente que Rojava só poderia produzir trigo e petróleo, e que estaria impedida de desenvolver qualquer outra atividade. Isso foi levado adiante proibindo-se a implantação de indústrias ou de qualquer atividade econômica que não fosse a agricultura de trigo.

Rojava se converteu no celeiro da Síria, produzindo 70%³⁶ das necessidades de trigo do país. Apesar disso, o governo não permitiu que nenhum moinho fosse construído para moer o trigo ou processá-lo. Isto é, era feito o impossível para manter a atividade econômica tão somente no âmbito da agricultura, devendo as demais etapas do processo serem concluídas em outras partes do país. Além do trigo, em Rojava também se extraía petróleo, já que é onde se concentram as principais reservas do país, mas novamente as refinarias se situam fora do território curdo. Inclusive chegou-se a promulgar uma lei que proibia a construção de qualquer edifício de grandes dimensões. O resultado de tudo isso é que antes da revolução não havia nenhum tipo de infraestrutura industrial.

Por outro lado, no tocante aos serviços também foi imposta uma política de empobrecimento. As infraestruturas hospitalares de ponta tiveram sua construção negligenciada, enquanto, no âmbito educacional, eram permitidas escolas de nível primário e secundário, mas, por razões de assimilação e arabiização, as escolas superiores estavam proibidas³⁷.

36 BAHER, Zaher. *El experimento de Rojava. Feminismo, anti-fundamentalismo y colectivismo en la revolución Siria*, Editora Descontrol, 2014.

37 YOUSEF, Dr. Ahmad. "Efrin Economy Minister: Rojava Challenging Norms Of Class, Gender And Power" in <https://rojavareport.wordpress.com/2014/12/22/efrin-economy-minister-rojava-challenging-norms-of-class-gender-and-power>. Acesso em 23 de abril de 2016.

Todas essas políticas fizeram com que a população curda passasse a viver na miséria e que muitos tivessem que imigrar. Em Aleppo, por exemplo, antes da revolução, viviam 1 milhão de curdos³⁸, aos quais eram reservados os piores trabalhos, os mais pesados e os mais mal remunerados. Calcula-se que antes da revolução 60% dos pobres da Síria eram curdos, em que pese representarem aproximadamente apenas 15% da população.

Não obstante a tudo isso, a pobreza e a miséria não eram exclusividade dos curdos. O restante da população síria também as sofria, fruto dos altíssimos níveis de corrupção do governo e das relações clientelistas deste com a burguesia nacional. A situação foi se agravando durante os últimos anos, já que começaram a ser adotadas reformas neoliberais de privatização e desregulamentação, eliminando as poucas políticas sociais que o regime havia mantido até esse momento, como, por exemplo, os subsídios à gasolina e aos alimentos. A pobre e atrasada economia produtiva do país foi destruída em favor da economia dos bancos, das seguradoras, das imobiliárias e das grandes corporações. O resultado foi um aumento do custo de vida, o aumento do nível de pobreza para 33% da população em 2010 e o aumento da sub-moradia em 220%.³⁹

Fruto das dinâmicas de funcionamento da economia capitalista, foi gerada uma concentração mais elevada do poder econômico nas mãos de poucos. Calculava-se que 60% da economia do país estava controlada pelas empresas de apenas um homem, Rami Makhlof, primo do presidente Assad. Apesar disso, começaram a aplicar políticas neoliberais e a desprover a classe média e trabalhadora dos poucos direitos sociais dos quais desfrutavam até essa ocasião.

A despeito desta complicada situação os curdos se mantêm ativos ao longo da ditadura. Ao mesmo tempo que oprime os curdos de seu país, o regime permite, até o ano de 1998, que o

38 *Ibidem*

39 CÁMARA NEGRA, "Resistencia en la Revolución Siria" em: <http://camaranegra.espivblogs.net/fanzine-syria>. Acesso em 23 de abril de 2016.

PKK atue em seu território e ali estabeleça suas bases. Como consequência muitos curdos da Síria se uniram à guerrilha. Isso teve um forte efeito nos últimos anos, pois muitos dos milicianos que estiveram lutando em defesa de Rojava já tinham uma longa experiência devido a essa atuação no PKK. Por outro lado, no nível ideológico influenciará muito no movimento curdo da Síria esse contato com o PKK e com Abdullah Öcalan, que por muitos anos esteve refugiado na Síria.⁴⁰

Em 1999, como explicado nos capítulos anteriores, acabaram as concessões ao PKK por parte da Síria, já que o regime dos Assad recebe o ultimato por parte da Turquia: ou expulsava o PKK de seu território, ou o exército turco entraria para cumprir a tarefa. O regime cede, logo o PKK e Abdullah Öcalan têm que desmontar suas bases e abandonar o país, o que acaba provocando o sequestro e a prisão de Öcalan em uma ação do serviço secreto turco. Na Síria, por outro lado, se intensifica a repressão contra o povo curdo. Isto provoca o efeito contrário do esperado, o povo curdo começa a se reorganizar e a criar estruturas de contrapoder, seguindo o paradigma e o esquema político do Confederalismo Democrático. Em 2003 é formado o *Partiya Yekitiya Demokrat* (Partido da União Democrática – PYD), que rapidamente ganha muita força e se torna a organização de referência na região.

Em 2004 ocorrem graves distúrbios em Qamişlo (Al-Qamishli em árabe) que acabam em um massacre por parte do regime, no qual morreram cerca de trinta curdos desarmados. A partir de então o movimento curdo passou a ser bastante ativo, e foi quando começaram a formar as primeiras unidades armadas de autodefesa, as *Yekineyên Parastina Gel* (Unidades de Defesa Popular – YPG). Nos últimos anos antes do início das revoltas na Síria, os curdos já haviam criado os primeiros conselhos e comitês de base. Apesar da repressão, já

⁴⁰ KNAPP, Michael “Democratic Autonomy in Rojava” in *New Compass*, 10 outubro de 2014 in: <http://new-compass.net/articles/revolution-rojava>. Acesso em 23 de abril de 2016.

estavam pondo em prática as propostas do Confederalismo Democrático⁴¹. Fazem, sobretudo, grandes esforços para incluir a população local ao projeto. Os próprios curdos falaram desse tema, explicando que foi um processo longo e ao qual dedicaram muita energia, para eles a educação e a agitação foram os pilares fundamentais do êxito.

É preciso educar 24 horas por dia para aprender a discutir, para aprender a decidir de forma coletiva. É preciso repudiar a ideia de que temos que esperar a chegada de um líder que diga às pessoas o que elas têm que fazer, em vez disso devem aprender a exercer a autogestão como uma prática coletiva. Os aspectos diários que nos tocam precisam ser explicados, criticados e compartilhados coletivamente. Desde a geopolítica da região até valores humanitários básicos, estas matérias precisam ser discutidas em comunidade. É preciso que haja educação coletiva para saber quem somos, por que enfrentamos certos inimigos e por qual razão lutamos.⁴²

Para entender todo o processo de Rojava é importante destacar este último ponto; o movimento curdo já estava organizado antes do início das revoltas, ao passo que no resto do Estado não havia nenhum tipo de organização de contestação. Este fato é um dos fatores determinantes para entender o resultado que teve a revolução nas diferentes regiões da Síria. Adiante falaremos com mais detalhes deste aspecto.

A Primavera Árabe chega à Síria

Sobre esse ponto poderíamos nos estender bastante. O conflito da Síria requer um livro inteiro dedicado ao tema. Dedicaremos aqui apenas algumas páginas para situar seu contexto.

41 *Idem*.

42 Saleh Muslim, entrevistado por Jonas Staal. 10 de novembro de 2014 em <http://tenk.cc/2014/11/a-revolution-of-life>. Acesso em 23 de abril de 2016.

No começo de 2011 os efeitos da Primavera Árabe começam a ser percebidos. Na Tunísia e no Egito as revoltas haviam tido muita força, e o povo sírio as vê como uma referência. O acontecimento que faz estourar a revolta é a brutal detenção, durante dias, de meninos em Daraa por parte da polícia. Eles tinham sido acusados de fazer algumas pinturas em sua escola em solidariedade às revoltas do Egito e da Tunísia. Estando sob custódia, foram severamente torturados, ao passo que seus familiares que exigiam sua libertação foram humilhados.

Na sequência desses acontecimentos os protestos se espalham por todo o país. Milhares de pessoas saem às ruas exigindo liberdade e justiça. O regime responde com uma repressão feroz, disparando contra os manifestantes desarmados, chegando, inclusive, a bombardear as manifestações. As mortes de civis vão se acumulando. Desde o começo das revoltas até maio do mesmo ano morreram cerca de mil civis. Apesar disso, as manifestações se mantiveram pacíficas durante esse período. A partir de junho de 2011, todavia, tem início a organização de milícias para se defenderem dos ataques durante as manifestações. Ao mesmo tempo começaram a ocorrer deserções no exército, formando o que se chamou de Exército Livre da Síria (o FSA, conforme a sigla em inglês para Free Syrian Army). Por todo o país se organizam milícias, e são criados milhares de grupos de autodefesa. Esse conglomerado de grupos, de natureza muito diversa, é o que em um primeiro momento forma o FSA. Estes grupos começam a libertar regiões do país, que sucumbe inteiro numa guerra civil.

O último ponto a se destacar do conflito da Síria é que, em um primeiro momento, os protestos e a luta armada foram conduzidos pelo povo auto-organizado e por setores progressistas da sociedade. Contudo, por conta dos interesses geoestratégicos de algumas potências internacionais e regionais, como, por exemplo, os EUA ou o Qatar, certos grupos fundamentalistas islâmicos dentro do FSA receberam apoio e mesmo patrocínio; grupos que pouco a pouco foram tirando o espaço dos demais grupos opositores, cau-

sando uma fagocitose do FSA por parte desses setores tão ou mais reacionários que o próprio regime de Assad. Além disso, vemos que grupos como o ISIS participaram da guerra civil da Síria, atacando praticamente só zonas e grupos não governistas.⁴³

É aqui, talvez, onde a prévia organização do movimento curdo tenha sido uma peça-chave, já que lhe permitiu enfrentar a revolta com alguns objetivos claros, com algumas formas organizacionais já sedimentadas e com uma coesão interna que lhe permitiu se defender com êxito tanto dos ataques dos elementos externos quanto para evitar lutas internas. Uma das principais diferenças em relação ao resto dos protestos da Primavera Árabe e do resto da Síria é que as reivindicações destes protestos eram excessivamente abstratas: “liberdade, igualdade, justiça...” Mas não existia um programa claro de como colocá-las em prática. Eram exigências que faziam ao governo, sem um programa de como implementar as demandas. Pedia-se uma mudança de governo, mas não de sistema. Entretanto o movimento curdo tinha algumas demandas bem concretas e um projeto político de aplicação prática bastante claro – o Confederalismo Democrático –, sabia que a revolução tinha que se construir a partir da base, não do alto, e sabia que ninguém lhes outorgaria nada e que, portanto, tinham que fazer eles mesmos agrupando-se na esfera local. Estavam preparados, sabiam o que queriam, sabiam como fazer possível e estavam determinados a conseguir.

A posição dos curdos, a terceira via

Quando estourou a guerra civil na Síria, os curdos se viram na dicotomia de ter que escolher entre apoiar o regime sírio ou a oposição. Nenhuma das duas opções inspirava boas

⁴³ Quanto ao total de combates ocorridos até fevereiro de 2014, 55% deles tinham se dado entre o FSA e as forças do regime, 23% entre o FSA e o ISIS, 13% entre as YPG/YPJ e o ISIS. Por outro lado, apenas 5% havia se dado entre o ISIS e as forças do regime. Fonte: *Ecos do rompimento*, documentário sobre a guerra civil na Síria.

perspectivas para os curdos. Por um lado, o regime os vinha oprimindo ao longo de décadas, por outro, a opinião da maioria dos grupos que compunham o FSA sobre a questão curda não era muito distinta da do regime e já estava sofrendo com o processo de islamização radical e com a cooptação da revolta por parte dos interesses ocidentais. A opção que fizeram para seguir em frente foi a “terceira via”, isto é, não apoiar a nenhum dos dois, declarar autonomia da região e defendê-la dos ataques externos. Nas palavras do ministro da economia de Efrin:

Os árabes nos diziam: ‘estamos esperando por vocês. Rebellem-se, nós estamos preparados, derrubaremos o regime’. Nós respondíamos: ‘Não, nós somos 15% da Síria, já vocês são 85%. Quando 50% de vocês se levantarem, 100% de nós o fará’. Eram uns mentirosos. Se tivéssemos feito como pediram, o regime teria dito: ‘eles querem romper a unidade da Síria’ e teriam organizado todos os árabes contra nós. Então nós, os curdos de Rojava, estaríamos vivendo um genocídio. Percebemos o risco. Respondíamos que nós implementaríamos o nosso modelo de fundação democrática sem derramamento de sangue e que nossa porta estava aberta àqueles que quisessem se unir.⁴⁴

Durante os primeiros meses da revolta na região curda foram criadas duas grandes coalizões opositoras ao regime, formada por diferentes partidos e grupos. Uma das coalizões era a capitaneada pelo PYD, a outra, pelos partidos pró-Barzani. No começo de 2012 a tensão entre os grupos próximos ao Confederalismo Democrático e aqueles aliados ao Governo Regional do Curdistão Iraquiano era bastante alta e havia o risco de um conflito armado. Sob a liderança de membros proeminentes do PKK e

44 YOUSEF, Dr. Amaal. “Efrin Economy Minister: Rojava Challenging Norms Of Class, Gender And Power” *in*: <https://rojavareport.wordpress.com/2014/12/22/efrin-economy-minister-rojava-challenging-norms-of-class-gender-and-power>. Acesso em 23 de abril de 2016.

do presidente Massoud Barzani, foi celebrada uma reunião para evitar confrontos inúteis em que deliberaram pela criação do *Supreme Kurdish Council* (Supremo Conselho Curdo - SKC), no qual cada uma das duas alas teria metade dos representantes. A partir deste momento as YPG eram postas sob o comando do SKC com a missão de defender a população de Rojava e se proibia que os diferentes grupos políticos, religiosos ou étnicos tivessem grupos armados próprios, com o objetivo de evitar lutas internas.

No verão de 2012 as regiões curdas foram libertadas do controle governamental por parte das YPG. Na maioria dos casos isso foi feito de forma relativamente pacífica, as unidades de autodefesa avançaram nas áreas curdas e ofereceram aos soldados do regime a chance de se retirar de suas posições sem armas, mas sem risco para suas vidas. Só houve combates em Derika Hemko, com algumas poucas baixas para os dois lados.

Neste ponto há certa controvérsia, há quem diga que os curdos chegaram a um pacto com o regime e há quem diga que a força das milícias curdas impôs tanto respeito ao regime que este não teve outro remédio que não fosse bater em retirada. A conclusão de alguns analistas, como Zaher Baher, é que na realidade foi um meio termo. Para o regime não era a mesma coisa entrar em confronto com os diferentes grupos do FSA que com as YPG. As forças de autodefesa curdas eram mais numerosas, estavam mais bem organizadas e tinham mais experiência de combate que a maioria dos grupos do FSA, em consequência, quando estas começaram a liberar a região, não foi difícil convencer os funcionários do regime que saíssem sem violência e que o governo retirasse, por fim, suas tropas de forma pacífica.

Há outras duas razões que explicam por que o regime agiu dessa forma: por um lado previa que os curdos não entrariam em conflito fora das áreas de maioria curda e tampouco apoiariam o FSA; por outro lado, podia utilizar as tropas nas outras áreas onde eram mais necessárias (como Damasco, onde havia uma importante ofensiva dos rebeldes nesse momento), evitando

assim o custo econômico e humano que se supunha ao abrir duas frentes de combate, provavelmente deixando para mais tarde o problema curdo. Criava-se assim uma situação de “nem paz, nem guerra”. De fato, na principal cidade do cantão de Cizire, Qamişlo, ainda há entre 7 mil soldados governistas, que mantêm o controle de alguns bairros (nos quais a população apoia o regime) e do aeroporto sem que tenha havido combates significativos.

A partir deste momento a administração da região é conduzida pelo SKC. Começam a aparecer grupos no âmbito local por iniciativa do PYD e outros grupos afins para autoadministrar o território. Ao longo dos meses, estes grupos irão se ampliando e ganhando peso, chegando a anular o SKC.

Esta vitória no plano local e o fato de ter alcançado a autonomia não significa que se tenha reivindicado a independência em relação ao restante do país, pois desde o começo foi estipulado como objetivo uma solução pacífica, democrática para o conjunto de toda a Síria. Neste sentido procurou-se firmar alianças com os elementos afins da oposição síria para estender o projeto do Confederalismo Democrático a todo o país.

Quando as tropas do governo se retiraram foi a vez de expulsar as estruturas do regime, seus funcionários e organizações. Contudo não houve retaliação contra seus partidários, já que desde o princípio se fizeram muitos esforços para evitar vinganças contra os governistas e outros incidentes que pudessem afetar a coesão social. O objetivo era manter o povo unido dentro da própria diversidade.

O Confederalismo Democrático sai da clandestinidade

Graças aos anos de preparação e de agitação conduzidos pelos partidários do Confederalismo Democrático, quando as estruturas estatais desapareceram da região, a situação não se encaminhou para o caos. Os grupos que atuavam na clandestinidade agora podiam fazê-lo de forma pública. A esses grupos se somavam os que vinham se formando nos últimos meses.

Para coordenar os grupos e agregar todo o potencial foi criado o *Tevgera Civaka Demokratik* (Movimento para uma Sociedade Democrática – Tev-Dem). O Tev-Dem era uma coalizão de organizações e indivíduos que tinham como objetivo comum a implementação do Confederalismo Democrático. Incluíam o PYD, outros partidos com as mesmas afinidades, cooperativas, academias, sindicatos, organizações de mulheres e de jovens. O objetivo era abranger todas as áreas da vida para responder de forma coletiva a todos os temas que pudessem surgir. Foram feitos muitos esforços para incluir toda a população, independentemente de sua origem, fossem curdos, árabes, *yazidis*, etc. E independentemente de sua religião. Do mesmo modo procurou a inclusão das mulheres e dos jovens ao movimento⁴⁵. Em todos estes aspectos tiveram bastante êxito. Mais adiante analisaremos melhor como chegaram a esse ponto.

Por conta disso, em seguida, por iniciativa do Tev-Dem, se formou um sistema de conselhos populares com todo tipo de grupos, assembleias, comitês, comunas que abarcavam todos os aspectos possíveis, mulher, economia, saúde, educação e um longo *et cetera*. Porém a base dos conselhos populares era a Comuna, o espaço onde a população local se organizava em assembleia para tratar da maioria dos temas. Deve-se destacar que se conseguiu criar um sistema de democracia direta e de poder a partir da base muito eficiente e que, apesar dos problemas, pôde satisfazer as necessidades básicas da população. O Confederalismo Democrático vinha à luz nesta região da Síria.

Depois de alguns meses de trabalho, em janeiro de 2014, foi declarada a Autonomia Democrática e foi proclamada a criação de três cantões: Efrin, Kobane e Cizire, cada um com independência para tomar suas decisões. Além disso, o Tev-Dem decidiu criar a *Democratic Self Administration* (Autoadministração Democrática – DAS), uma espécie de corpo executivo destinado a pôr em prá-

45 BAHER, Zaher, *El experimento de Rojava. Feminismo, anti-fundamentalismo y colectivismo en la revolución Siria*, Editora Descontrol, 2014.

tica algumas das decisões do Tev-Dem. Sobre o sistema de tomada de decisões em Rojava falaremos com mais detalhes adiante.

A guerra chega a Rojava

Ao longo de 2013 as YPG e YPJ (o corpo feminino das YPG) expulsam as forças governamentais de diversas áreas e há também pequenos confrontos com alguns setores do FSA, mas em geral foi mantida uma posição de neutralidade.

Contudo, Rojava não estava livre de ameaças. Por um lado, a Turquia vê como um risco a existência de uma região libertada de maioria curda na fronteira com seu território, tendo em vista, sobretudo, que as referências da população em Rojava são o PKK e Abdullah Öcalan, contra os quais o Estado turco vem lutando há trinta anos. A Turquia afirma que o PYD e o restante do movimento curdo em Rojava são terroristas e, por isso, fecha suas fronteiras e declara um embargo. Reprime ainda toda e qualquer demonstração de solidariedade no território turco, provocando os incidentes mais graves dos últimos anos, com quarenta civis mortos. Além disso, passa a apoiar os grupos islamitas radicais para que acabem com a autonomia⁴⁶.

Por outro lado, o governo do Curdistão do Iraque, liderado por Barzani, tampouco vê com bons olhos o projeto de Rojava. Tem vários motivos para se opor, entre eles o fato de os partidos políticos curdos ligados a Barzani em Rojava serem minoritários e não terem nenhuma influência política, já que o SKC não tem peso político real, devido ao aumento de poder dos conselhos populares. Também vê que o projeto político de Rojava é liderado por seus rivais políticos dentro do movimento de libertação curda. Ademais, Barzani é um importante aliado da Turquia⁴⁷. Portanto também procura isolar Rojava e

⁴⁶ PHILLIPS, David L., *Research Paper: ISIS-Turkey*.

⁴⁷ A Turquia é um dos principais compradores do petróleo que é produzido no Curdistão Iraquiano e também financiou os curdos do Iraque para que colaborem na luta contra o PKK.

se soma ao embargo turco, chegando inclusive a escavar um fosso ao longo da fronteira para evitar contatos. Essa atitude gera um forte impacto na população de todo o Curdistão, já que ninguém compreende como um curdo participa da divisão de seu povo, que passa a chamar a obra de o “fosso da vergonha”. Rojava, portanto, vive rodeada por forças hostis, em um embargo econômico e absolutamente isolada do mundo exterior, vendo-se obrigada à autossuficiência.

Porém, sem dúvida, o principal perigo são os grupos *jiha-distas*. Durante o ano de 2013 os ataques por parte da Frente al-Nusra e do ISIS são constantes. Como já visto, estes grupos concentram suas forças no ataque aos demais grupos rebeldes e não enfrentam Bashar Al Assad. Os combates se concentram nos cantões de Cizire e Kobane. A luta é desigual, o ISIS supera tanto em número quanto em armamento as forças de autodefesa; tem armamentos pesados como tanque e artilharia, que foram capturados das forças iraquianas e *peshmerga* ou recebidos de seus aliados, como Qatar e Turquia. Já as forças das YPG e YPJ, ao contrário, contam apenas com armamento leve, principalmente antigos AK47 e alguns projéteis antitanque RPG. Além disso, não contam com o apoio de nenhuma potência regional ou internacional. Contam apenas com a solidariedade popular. Nessas condições as forças de autodefesa conseguem repelir os ataques dos *jiha-distas*, a custo de muitos sacrifícios.

As YPG e YPJ não se dedicam apenas a defender seus territórios, também intervêm na região iraquiana de Sinjar em agosto de 2014. Essa região do Iraque é habitada pela minoria *yazidi* e está dentro do Governo Regional do Curdistão. Durante o verão daquele ano as forças do ISIS atacam Sinjar, e as forças dos *peshmerga* se retiram deixando sem proteção a população⁴⁸. O ISIS avança massacrando

48 O Governo Regional do Curdistão do Iraque pôs em andamento políticas de assimilação das minorias étnicas, sobretudo contra os *yazidis* e *shabaks*. Não espanta que quando ISIS atacou, estas minorias tenham sido abandonadas sem qualquer proteção.

os *yazidis* e capturando as mulheres para vendê-las como escravas sexuais. Nesse momento as forças das YPG e YPJ penetram no território iraquiano, lutando contra o ISIS e abrindo um corredor humanitário pelos quais permitem a fuga da população civil. Graças a ele, por volta de 100 mil *yazidis* conseguem fugir para Rojava.

O ISIS não perdoará esse fato, e em setembro de 2014 desferiu um ataque contra Kobane, mas dessa vez envia sua tropa de elite: chechenos e daguestaneses calejados de luta contra a Rússia, armados com o melhor armamento disponível, incluindo-se tanques, morteiros etc. Quando começam os combates todos os prognósticos dizem que Kobane cairá em questão de dias. Mosul, uma cidade de quase 2 milhões de pessoas, caiu nas mãos do ISIS em dois dias. Kobane tem pouco mais de 60 mil habitantes, que com os refugiados de guerra somam um total de 300 mil civis.

Por volta de 9 mil milicianos do ISIS participarão da investida contra escassos 2 mil guerrilheiros das YPG e YPJ. Nada permite supor que Kobane possa resistir, mas as forças das YPG e YPJ resistem aos ataques dos *jihadistas* dia após dia. Isso tem um custo muito alto, mal armados, às vezes só lhes resta morrer lutando para manter sua posição. Houve atos de heroísmo incríveis, algumas militantes da YPJ se sacrificam com explosivos jogando-se debaixo dos tanques para deter seu avanço. Todos esses atos fazem com que a cidade resista. Às forças de defesa se somam algumas unidades da FSA, devendo também se levar em conta alguns bombardeios da coalizão internacional contra o ISIS liderada pelos EUA; esses bombardeios ocorreram de forma limitada, já que a Turquia faz muita pressão diplomática para evitar qualquer tipo de apoio a Rojava.

Embora a defesa seja sangrenta, o ISIS ganha terreno, e no começo de novembro controla 60% da cidade. Nessa ocasião chegam também alguns *peshmerga* do Governo Regional para ajudar na defesa da cidade e, o que é mais importante, trazem armamento pesado, necessário para combater os blindados do ISIS. Além disso, os bombardeios contra as posições dos *jihadistas* se intensificam. Pouco a pouco vão recuperando terreno. Depois de meses

de luta, em 27 de janeiro Kobane pôde se declarar vitoriosa, as forças do ISIS se retiraram, mas os combates continuam em outras partes de seu cantão e também no de Cizire. A guerra não terminou para as YPG e YPJ, mas conseguiram vencer em Kobane, e o que ganharam não foi apenas a cidade, tal como disse Meryem Kobane, uma das comandantes das YPJ: "Travaram esta batalha com a consciência e a certeza de que defenderíamos e protegeríamos valores comuns de toda a humanidade"⁴⁹.

Por tudo isso no cantão de Kobane ainda não se concluiu muitas transformações sociais nem puderam realizar muitos de seus projetos.

Os outros cantões⁵⁰

Contudo, nos demais cantões a situação não foi tão desesperada como em Kobane. Em Efrin houve mais ou menos tranquilidade durante essa época. O principal problema foi a chegada em massa de refugiados de guerra, mais de 500 mil pessoas chegaram naqueles meses no cantão, procurando uma área tranquila.

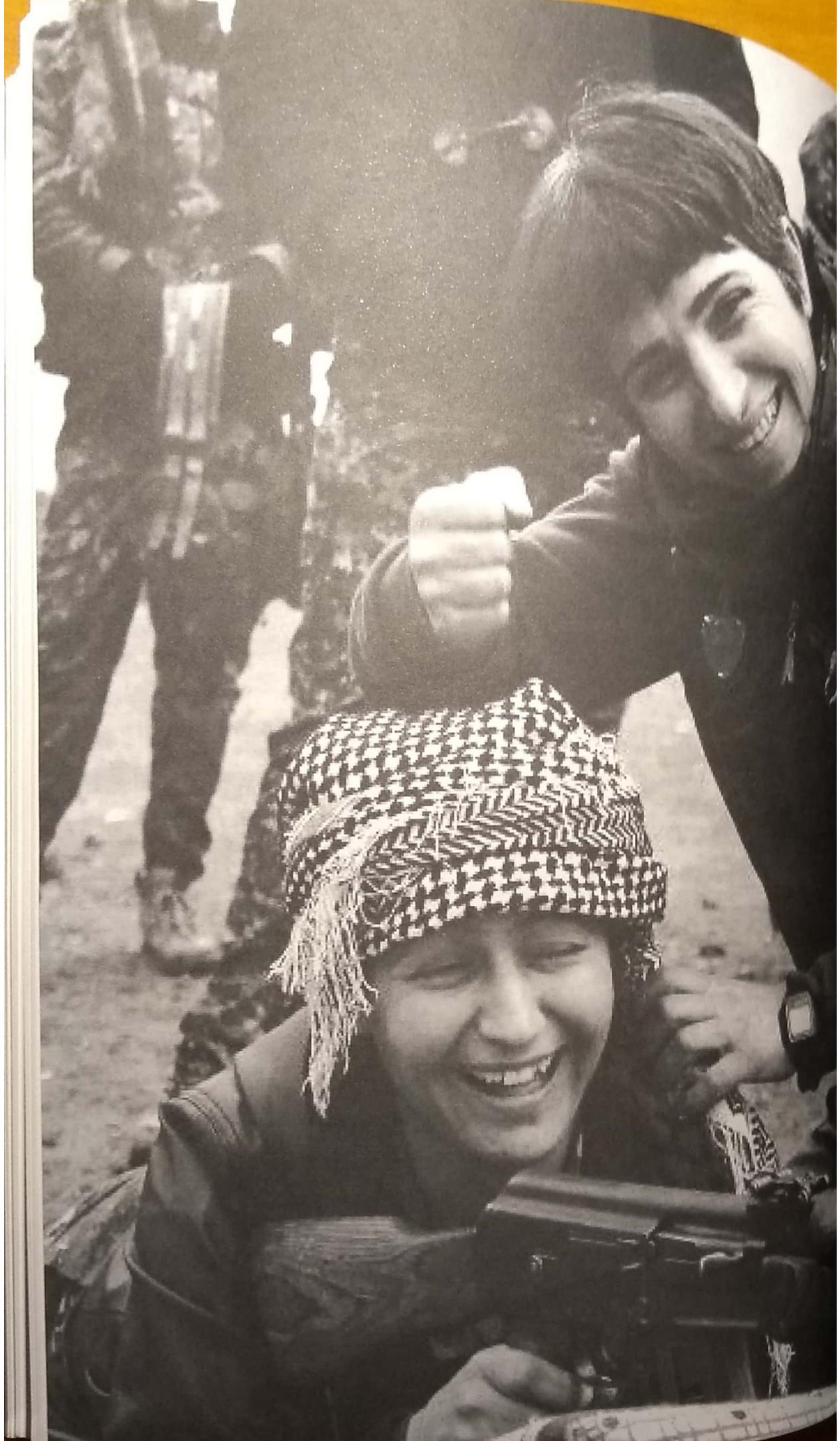
No cantão de Cizire até a vitória de Kobane os combates contra os *jihadistas* não tinham sido tão relevantes, mas a partir daquele momento as YPG e YPJ aproveitaram para recuperar o terreno perdido nos últimos meses. Também houve combates na cidade de Hesice contra as forças governistas.

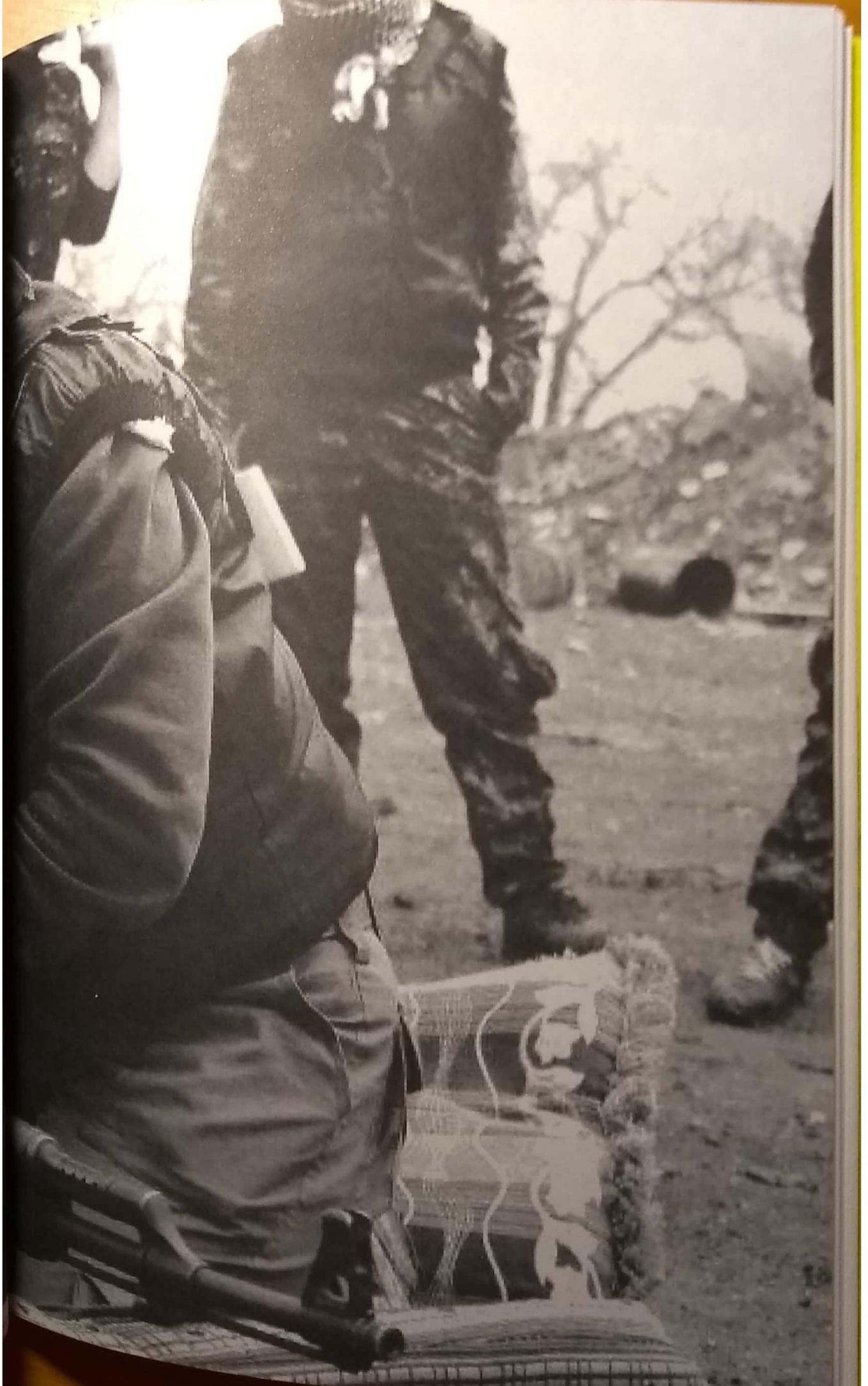
Por essa razão, foi nesses cantões onde pôde ser observada uma mudança mais radical nas relações sociais e nos quais podem ser percebidos os frutos do processo revolucionário.

Esta contextualização é um pequeno resumo dos feitos mais importantes que cercam esse processo revolucionário de Rojava e seu objetivo é permitir compreender quais condições influenciam em cada um dos aspectos deste projeto.

49 Meryem Kobanê, entrevista para *Directa* <https://directa.cat/kobane-ha-alimentat-consciencia-que-lautodefensa-pot-ser-base-de-resistencia>. Acesso em 26 de abril de 2016.

50 N. do E.: Cantões se referem às divisões administrativas do Curdistão.





PARTE III
UMA REVOLUÇÃO EM CURSO

CAPÍTULO 6

AUTOGESTÃO TERRITORIAL E ECONÔMICA

Por Editora Descontrol

Tomada de decisões

Já falamos de como o Tev-Dem foi criado e de como o desaparecimento do poder estatal forneceu as condições para que um novo modelo de sociedade se desenvolvesse. Dando sequência, tentaremos explicar de forma resumida o processo de tomada de decisões em Rojava e o que é esta nova forma organizacional que substituiu o Estado.

Para organizar a sociedade e pôr em prática a tomada de decisões, o Tev-Dem criou uma estrutura complexa, à qual chamam Conselhos Populares. O espírito dos Conselhos Populares é o da democracia direta. Todos podem participar em condição de igualdade, e o consenso é a prioridade na hora de tomar as decisões, evitando-se as votações.

Procura-se respeitar a todos os grupos sociais, assim como as diferentes sensibilidades e opiniões das pessoas. Este é o espírito que prevalece nos Conselhos Populares. Não são um espaço de disputa pelo poder político como são os parlamentos das democracias ocidentais, os Conselhos Populares, verdadeiramente, são espaços onde se busca chegar a acordos que integrem todas as posições.

Os Conselhos Populares são uma estrutura federativa na qual a menor unidade são as comunas. Estas configuram os espaços mais importantes e têm a total legitimidade na tomada de decisões. O objetivo principal é a descentralização do poder político em espaços de participação direta. As comunas normalmente compreendem uma vizinhança, uma rua ou uma vila.

O número de pessoas que costuma participar pode ser desde duas dezenas até duzentas pessoas, fazendo-se um esforço para que esse número não seja tão grande, de tal forma que todos possam participar e que, assim, as assembleias sejam eficientes. Assim, se uma comuna começa a ser frequentada por muita gente, acaba sendo dividida em duas. As reuniões das comunas são abertas a todos e de fato há a intenção de que o maior número possível de membros participe, sendo feitos grandes esforços para mobilizar as pessoas.

Além disso, para garantir a participação dos grupos sociais tradicionalmente menos presentes na tomada de decisões (mulheres, jovens, minorias), há um sistema de cotas de participação nas comunas e nos demais níveis dos Conselhos Populares.

Por um lado, é necessário que a composição da Comuna seja de no mínimo 45% de qualquer dos dois gêneros, obrigando que haja paridade de gênero entre os presentes em todas as reuniões. Por outro lado, também há uma quota para minorias étnicas, que obriga uma presença de um mínimo de 10% de qualquer minoria presente na Comuna. Estas cotas garantem que todos os grupos sociais tenham presença nas Comunas, que suas vozes sejam ouvidas e que participem da tomada de decisões.

Nas Comunas discute-se e procura-se resolver todos os temas possíveis, desde a gestão dos recursos comuns, até a segurança, passando por política, economia, litígios, etc. Quanto às decisões, procura-se chegar a elas por consenso, promovendo acordos que satisfaçam a todas as partes.

Se for necessário, podem ser realizadas votações para tomar uma decisão, mas em qualquer caso se tentará que não se imponha a uma minoria a decisão da maioria. Além de tudo, são as próprias Comunas que executam suas decisões e decidem quem irá concretizar os projetos determinados pela Comuna ou como serão implementados.

Sobre essa questão é preciso considerar que, com a saída do poder estatal, todas as funções necessárias para a vida coti-

diana e administrava tiveram que ser autogeridas e executadas pela própria população. Qualquer aspecto da vida social cuja gestão não seja de competência da população deverá ser imediatamente abandonado.

Cada Comuna elege ao menos dois copresidentes. Para a eleição de cargos, tem um sistema chamado coliderança. Por um lado, não existem cargos unipessoais, são sempre duais, por exemplo, em cada cantão há uma copresidenta e um copresidente. Aliás, a paridade de gênero é obrigatória, já que todo cargo deve ser compartilhado entre um homem e uma mulher. Por outro lado, procura-se que o perfil sociocultural das pessoas que votam seja o mais variado possível, escolhendo-se duas pessoas de diferentes religiões, etnias, tribos, idades...

Essa medida evita a concentração de poder e favorece o diálogo entre os diferentes grupos sociais da região. Também existe o compromisso de que o exercício de cargos representativos e delegados seja rotativo, embora sem prazo fixo.

Todavia, nas Comunas haverá temas que deverão ser coordenados com outras Comunas (defesa do território, distribuição de energia etc.) ou projetos que terão um alcance territorial mais amplo que a área da própria Comuna (criação de infraestruturas...). Para tais aspectos as Comunas se coordenam entre si em uma estrutura federativa de quatro níveis: Comuna, distrito ou comunidade de vilas, cidade e cantão.

Toda essa estrutura é o que se denomina Conselhos Populares. Já explicamos o que integra e como funciona a Comuna. Em todos os níveis da estrutura de Conselhos Populares devem ser respeitados os princípios de decisões por consenso e sistema de cotas. O primeiro nível de coordenação depende de se é uma zona urbana ou rural; no caso das zonas urbanas o conselho se dá na esfera distrital, que compreende cerca de oito Comunas; no caso das zonas rurais o conselho se dá na esfera da comunidade de vilas, que compreende entre sete e dez vilas.

Acima dos conselhos de distrito estão os conselhos de cidade. Os conselhos de distrito elegem dois copresidentes e os delegados que irão para o conselho da cidade. Todavia, como são poucos os escolhidos pelo conselho de distrito e como não têm conexão direta com as bases, as Comunas também elegem delegados para o conselho de cidades, que, por esse mecanismo, chega a uma composição de cerca de duzentas pessoas. Dessa maneira não se perde o vínculo dos conselhos com as bases. Além dos delegados eleitos pelos órgãos territoriais, no conselho de cidade também haverá delegados de diferentes partidos, cooperativas, associações civis, de organizações de jovens e de mulheres, de minorias étnicas e outros grupos que se considere necessário que participem.

Como comparação, poderíamos dizer que, nas democracias ocidentais, o objetivo é ter o máximo de deputados para poder ocupar o poder e aplicar seu programa político. Vemos que o espírito dos Conselhos é que haja uma composição com a máxima pluralidade possível, garantindo a presença dos grupos minoritários. O objetivo é escutar todas as partes e chegar a consensos reais.

Por fim, o nível mais elevado da estrutura federal dos Conselhos Populares é o conselho de cantão, que é chamado de Assembleia do Povo. Nesse conselho se reúnem os delegados dos diferentes conselhos de cidade, somados a outros escolhidos de forma direta pelas Comunas. Ademais, tal e qual nos Conselhos Populares de cidade, há a presença de representantes das diferentes organizações sindicais, políticas, de jovens, mulheres e outras minorias. É o órgão superior de coordenação das Comunas e é onde se aprovam e se discutem as decisões que afetam todo o cantão.

É importante destacar que os delegados nos conselhos têm mandatos, mas não são representantes com liberdade de decisão, pois transmitem as decisões tomadas no nível inferior. É por isso que ser eleito como delegado não outorga um poder político, já que este é mantido sempre pelas Comunas.

Um dos pontos mais importantes a se levar em conta para entender o sistema que está sendo aplicado decorre da ideia de

descentralização do poder político do Confederalismo Democrático. O objetivo é que haja a máxima autonomia dos menores grupos, nesse caso, das Comunas, no momento de tomar as decisões. Por um lado, tenta-se eliminar a possibilidade de que num nível de coordenação os delegados tomem decisões com as quais os níveis inferiores não estejam de acordo. Para tanto, determinam que as comunas tenham a liberdade de aplicação dos acordos realizados nos Conselhos Populares superiores.

O efeito que isso tem é que todas as decisões tomadas nos níveis superiores devem estar formalmente adotadas pelas Comunas, caso contrário nessa Comuna a decisão não é vinculante. Isso não quer dizer que não se possa tomar decisões por maioria, se sobre um tema concreto não se chega ao consenso, existe a possibilidade de ser realizada uma votação. A decisão majoritária será a válida, e as Comunas que estiverem de acordo com essa decisão irão implementá-la ou participarão de sua aplicação. Todavia, as Comunas que estiverem em desacordo poderão decidir entre aceitar a decisão (apesar de sua posição inicial) ou recusar a proposta e não participar de sua aplicação.

Por exemplo, em agosto de 2014, em um conselho de distrito, foi debatido se as forças de segurança locais poderiam portar armas enquanto patrulhavam. Era uma decisão sem margem para consensos. Procedeu-se uma votação, e por maioria foi aprovado o uso de armas pelas patrulhas. Porém três Comunas discordaram da decisão, assim, portanto, dentro dos limites dessas comunas as forças de segurança teriam que se abster de portar armas⁵¹.

Com este mecanismo garante-se a busca por sempre se chegar a consensos, já que para concretizar grandes projetos é necessário a colaboração ativa de todos, e não há uma ferramenta que obrigue uma minoria inconformada a aceitar

51 Strangers In A Tangled Wilderness: "A Mountain River Has Many Bends"
in: <http://www.tangledwilderness.org/a-mountain-river-has-many-bends>.
Acesso em 27 de abril de 2016.

acordos decididos pela maioria (como ocorre em todas as democracias parlamentaristas ocidentais).

Podemos dizer que foi criada uma nova forma de tomada de decisões com o objetivo de resolver todos os assuntos pela via do consenso, preservando, entretanto, a possibilidade do uso de votação, sem que a tomada de decisões pela maioria implique uma imposição à minoria. Em geral, é possível dizer que se procura maximizar o poder local e promover descentralização, uma vez que se mantém o mínimo de coordenação regional.

Por outro lado, há um grande número de comissões associadas a todos os níveis dos Conselhos Populares. Estas se dedicam a gerir aspectos concretos, como a criação de cooperativas, a defesa, temas de jovens ou infraestrutura. Por exemplo, as comissões de ecologia se ocupam do saneamento urbano além dos problemas essencialmente ecológicos. As comissões têm mais importância no nível da Comuna, que é onde se gerencia a maioria dos assuntos. No entanto, cada uma dessas comissões se inter-relaciona com outras que estejam trabalhando no mesmo âmbito de outras Comunas ou níveis dos Conselhos Populares.

Outro órgão existente é o Supremo Conselho Curdo (SKC), já referido anteriormente. Esse é o único órgão político que compreende todo o território de Rojava e 50% dele é composto por membros do PYD ou afins ao Confederalismo Democrático; e os outros 50%, por membros dos partidos curdos aliados a Barzani. Deve-se levar em consideração que esse órgão não é parte do projeto do Confederalismo Democrático e que foi criado como uma plataforma de coordenação entre as diferentes tendências dos partidos curdos para evitar um confronto entre elas. Esse órgão não teve nenhuma relevância política na tomada de decisões em Rojava, nem tem nenhum peso na vida política para além dos acordos de colaboração que possam ensejar.

Para completar essa estrutura de Conselhos Populares, em janeiro de 2014 foi criada a Autoadministração Democrática (DSA), que pode ser resumida como uma estrutura executiva, paralela à

estrutura de participação direta, mas fiscalizada por esta. O objetivo principal da DSA é assumir as tarefas executivas, administrativas e algumas funções de proposição legislativa (mas não de decisão), como a redação de uma pseudoconstituição, chamada Carta do Contrato Social, ou de uma nova lei eleitoral. A DSA propõe políticas a serem implementadas, que são analisadas pelos Conselhos Populares e, se acharem pertinente, aprovadas e executadas. Por isso não tem autonomia de ação, seja legislativa, seja executiva, aliás, pode-se dizer que ela tem um caráter bem mais técnico.

Cada cantão escolhe sua própria DSA, dois copresidentes e 22 ministérios. Os indivíduos que compõem os ministérios são escolhidos pelas Assembleias Populares de cada cantão, tendo em vista a manutenção da pluralidade para que todos os setores sociais sejam representados, respeitando o sistema de cotas. As principais tarefas da DSA são em campos que afetam a totalidade do cantão, como a defesa, a saúde, as relações exteriores... Tendo sido criados ministérios para cada um desses campos de trabalho. Porém, as funções da DSA são executadas sob o mandato e supervisão da Assembleia do Povo de cada cantão.

Como foi dito, uma das tarefas da DSA era a de criar uma Carta do Contrato Social. Esse documento estabelece as bases e os órgãos de uma democracia parlamentarista clássica: um parlamento eleito por sufrágio universal e secreto, a criação de um governo. Essa estrutura parlamentarista deveria substituir o atual SKC. Essa dualidade de poder, entre o sistema de democracia direta e outro de democracia parlamentarista, talvez seja um pouco contraditória.

A Autodeterminação Democrática até pode parecer um Estado em alguma de suas formas, uma vez que possui parlamento, ministros etc., porém há duas diferenças-chaves. Por um lado, o poder político legítimo sempre é mantido com as organizações de base, por exemplo, as decisões tomadas pelo SKC ou pela DSA devem ser aprovadas por dois terços dos delegados das Comunas e qualquer decisão tomada pode não ser aplicada em um dos cantões caso esteja em desacordo. E o que é mais importante: o

poder coercitivo (as YPG) está sob o controle das Comunas, como será explicado mais adiante. A descentralização do uso legítimo da violência acarreta na ruptura com as formas de organização estatal que requerem a centralização e o monopólio desta.

Por outro lado, o Tev-Dem tem representação permanente em todas as estruturas parlamentares. Deve-se acrescentar que ainda não se efetivou a criação da maioria dos órgãos que dispõe a Carta de Contrato Social devido aos percalços da guerra.

O argumento do Confederalismo Democrático para manter essa dualidade é que a estrutura de Conselhos Populares ainda não pode assumir a administração e a gestão de todos os campos de atividades de forma direta, já que está em fase embrionária. Acreditam que é preciso ir aumentando a politização da sociedade para fortalecer as Comunas, de tal modo que, por fim, as estruturas representativas sejam desnecessárias.

Portanto, pode-se ver que há uma grande quantidade de mecanismos para que o poder esteja sempre nas bases, evitando-se a centralização. Mas deve-se ter em consideração que o Confederalismo Democrático, mais que um projeto de organização social determinado, é um processo. Logo, percebe-se que em Rojava esse novo sistema de organização social está em permanente processo de evolução, buscando soluções para os problemas que vão surgindo.

Também é preciso acrescentar que as pessoas participam não apenas das assembleias no âmbito territorial, mas também se organizam nos locais de trabalhos, nas organizações civis e outros grupos reunidos por afinidades como as organizações de jovens. Cria-se assim uma série de organizações civis independentes que ajudam a manter o poder nas bases.

É interessante citar a introdução da Carta do Contrato Social como resumo do espírito do projeto:

Nós, o povo das Regiões Autônomas Democráticas de Efrin, Kobane e Cizire, uma confederação de curdos, árabes, assírios, caldeus, arameus, turcomanos, armênios e chechenos, livre e

solenemente declaramos e estabelecemos esta Carta, que foi redigida de acordo com os princípios da Autonomia Democrática. Na busca por liberdade, justiça, dignidade e democracia e guiada pelos princípios de igualdade e sustentabilidade ambiental, a Carta proclama um novo contrato social, baseado na coexistência mútua e pacífica e na compreensão entre todos os componentes da sociedade. Protege os direitos e as liberdades humanas fundamentais e reafirma o direito dos povos à autodeterminação. Sob a Carta, nós, o povo das Regiões Autônomas, nos unimos no espírito da reconciliação, do pluralismo e da participação democrática para que todos se expressem livremente na vida pública. Construindo uma sociedade livre de autoritarismo, militarismo, centralismo e da intervenção da autoridade religiosa nos assuntos públicos, a Carta reconhece a integridade territorial da Síria e aspira a manter a paz doméstica e internacional.⁵²

Economia

Para poder explicar o funcionamento do modelo econômico em Rojava, deve-se ter em conta elementos do contexto no qual nasce e se desenvolve.

Por um lado, e como foi explicado antes, a economia de Rojava estava limitada pelo regime à produção de grãos e à extração de petróleo, as demais atividades eram realizadas fora da região. As únicas indústrias estavam nas mãos do governo e, com a fuga deste, foram ocupadas pelas Comunas.

Por outro lado, houve previamente um processo de expropriação de terras curdas pelo Estado. Portanto a grande maioria da população era de classe trabalhadora, vivendo em condições generalizadas de pobreza. Além disso, é preciso dizer que os curdos das classes mais abastadas não viviam na região, mas sim na capital, já que eram ligados ao regime.

⁵² *Charter of the Social Contract*: <http://peaceinkurdistancampaign.com/resources/rojawa/charter-of-the-social-contract>. Acesso em 29 de abril de 2016.

Às dificuldades mencionadas somam-se as decorrentes da guerra, que são principalmente duas. A primeira é o problema da destruição generalizada das infraestruturas (estradas, equipamentos de fornecimento de água e eletricidade, etc.). A segunda, a chegada massiva de refugiados às áreas curdas buscando proteção; por exemplo, em Efrin, antes da guerra, viviam 450 mil pessoas, em meados de 2014 havia mais de 1 milhão. No total se calcula que a partir de 2014 aproximadamente 4,6 milhões de pessoas estão vivendo no Curdistão sírio⁵³.

Deve-se destacar que todos esses refugiados foram acolhidos e tratados em pé de igualdade com o restante da população. Foram garantidas as necessidades básicas de todos, independentemente da origem, e eles foram convidados a participar dos Conselhos Populares. Evidentemente, isso pressupõe um sobre-esforço econômico da região. Essas são as bases materiais sobre as quais a sociedade de Rojava teve que construir sua alternativa econômica. É preciso pontuar que a maioria do tecido econômico existente ainda está baseado no modelo capitalista, mas há uma forte vontade política para mudar, e, nesse sentido, muitas mudanças estão sendo postas em prática.

O modelo proposto para Rojava é o da “economia social”, definido como “a ciência que busca assegurar as necessidades da comunidade longe do monopólio dos meios de produção”⁵⁴. Isto é, propõem a produção no âmbito comunitário, distante

53 Estimativa de meados de novembro de 2014, incluindo numerosos refugiados. “A população do Curdistão Sírio quase dobrou até os 4,6 milhões. Os recém-chegados são árabes sunitas e xiitas de outras partes da Síria que fugiram da terra arrasada na qual Assad converteu o país. Também há sírios cristãos ortodoxos, católicos caldeus e outros que fogem da distopia *jihadista* que foi criada no espaço antes ocupado pelo regime.” Terry Glavin, “In Iraq and Syria, it’s too little, too late”, in *Ottawa Citizen*, 14 de novembro de 2014, <http://ottawacitizen.com/opinion/columnists/iraq-and-syria-too-little-too-late>. Acesso em 29 de abril de 2016.

54 YOUSEF, Dr. Ahmad. 17 de novembro de 2014 “Social Economy in Rojava” <http://sange.fi/kvsolidaarisuustyo/wp-content/uploads/Dr.-Ahmad-Yousef-Social-economy-in-Rojava.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2016.

tanto da produção centralizada de um Estado socialista quanto do livre mercado do sistema capitalista. Por isso acreditam que se deve desenvolver um modelo de autossuficiência, portanto a produção para satisfazer as necessidades mínimas da população deve ser consumida em escala local. Além disso, a produção deve estar em harmonia com o meio ambiente e para tanto deve estar baseada em critérios ecológicos. Também acreditam que a economia não é uma ciência neutra, afirmam que “a economia social” deve estar baseada em valores éticos como a liberdade e a justiça. Explicitamente “rechaçaram o modelo capitalista que consome o meio ambiente e empobrece a população”⁵⁵.

Explicam que “o modelo econômico de Rojava é uma resposta ao neoliberalismo da modernidade capitalista e uma crítica ao capitalismo de Estado que caracteriza o socialismo real”. O que é preciso ter em conta na hora de examinar a gestão econômica em Rojava é que não se trata de um modelo fechado, mas sim de um processo de criação de um novo modelo, que mistura conceitos de muitas teorias diferentes. Contudo podemos dizer que gira em torno de três conceitos principais: “comunidade, propriedade privada baseada no uso e cooperativas”⁵⁶.

As medidas que foram aplicadas para efetivar essa proposta são muito variadas. No ano de 2012 foi aprovado e começou a implementação do Plano Econômico do Povo (PEP), baseado nos textos de Abdullah Öcalan e nas experiências vividas no Curdistão do Norte (Turquia).

O regime tradicional de propriedade privada da terra foi abolido no final de 2012, todas as terras, edifícios e infraestruturas

55 KNAPP, Michael. 7 de fevereiro de 2015, “Rojava – the formation of an economic alternative: Private property in the service of all”, <https://peaceinkurdistancampaign.com/2015/02/06/rojava-the-formation-of-an-economic-alternative-private-property-in-the-service-of-all>. Acesso em 29 de abril de 2016.

56 Strangers In A Tangled Wilderness: “A Mountain River Has Many Bends”, in: <http://www.tangledwilderness.org/a-mountain-river-has-many-bends>. Acesso em 27 de abril de 2016.

passaram a ser propriedade formal dos Conselhos Populares⁵⁷. Porém, isso não quer dizer que as pessoas foram desalojadas de suas propriedades. O princípio aplicado foi o de “propriedade de uso”, que significa que se uma casa ou terra estejam sendo utilizadas por uma pessoa ou grupo de pessoas, essas têm o legítimo direito de propriedade de uso por prazo indefinido.

Entretanto a “propriedade de uso” também implica que os direitos de transmissão, de cessão e a capacidade de venda dessa propriedade estão nas mãos das comunas. Por sua vez, uma comuna não pode expropriar uma propriedade que esteja sendo legitimamente utilizada. Öcalan acreditava que esse sistema evita a especulação e a acumulação de capital que leva à exploração. Portanto, a partir de 2012, todas as terras, edifícios e infraestruturas sobre as quais não haja um direito de uso passam a ser propriedade comunal. As comunas podem decidir outorgar o direito de uso dessas propriedades a indivíduos ou cooperativas com o fim de assegurar a todos o mínimo de autosuficiência econômica e como uma maneira de maximizar o uso dos recursos materiais da comunidade. Segundo Ahmad Yousef, ministro da economia de Efrin, estima-se que 75% das propriedades sejam comunais e que os 25% restantes, particulares.

No tocante à produção, o centro da “economia social” são as cooperativas, criadas em torno do sistema de comunas. Essas cooperativas foram criadas para desenvolver as atividades mais variadas, mas todas com o objetivo de satisfazer as necessidades da comunidade. Os membros da cooperativa são os proprietários dos meios de produção, mas respondem perante a comuna. O que estas cooperativas produzem é distribuído entre a comunidade até que tenham sido atendidas as necessidades de todos, já a decisão sobre como utilizar os excedentes de produção recai nas estruturas de decisão comunal.

57 Neste caso os bens não imóveis, como veículos, utensílios ou animais, não estão sujeitos a esta regulação.

As cooperativas coordenam-se entre si e com as comissões e ministérios da economia para assegurar a máxima cooperação entre elas. De toda forma, sobrevivem as empresas e negócios que não são formalmente cooperativas, mas que colaboram com as comunas. Em relação a esse tema, deve-se ressaltar que não existem grandes empresas e que a grande maioria das empresas privadas é muito pequena. Também cabe destacar que estão levando adiante um grande processo de expansão do modelo cooperativista, com academias, seminários e debates orientados para estimular a conversão.

As comunas gerenciam os recursos comuns, dando os meios de produção aos membros mais pobres e assegurando uma justa distribuição do combustível, do pão, da energia e de outros recursos básicos e/ou escassos. Sobre esse aspecto cabe destacar que isso pode ser feito com facilidade e eficiência devido à descentralização, já que no âmbito da Comuna todos os membros conhecem a situação pessoal dos demais. Muitas vezes as pessoas trabalham em serviços comunais de forma voluntária (fazendo funcionar o sistema de fornecimento de água, na limpeza das ruas etc.), mas quando as comunas passaram a ter alguma capacidade financeira, procuraram pagar salário aos trabalhadores por seus serviços. Normalmente esses salários variam conforme as necessidades do indivíduo, por exemplo, se é solteiro receberá menos que se for casado ou sustentar uma família.

Embora o comércio seja permitido e haja empresas privadas, há uma estrita regulamentação em termos de produção ecológica e de satisfação das necessidades sociais. Por exemplo, em Efrin, por questões ambientais, foi proibida a criação de mais usinas de processamento de azeite ou de fundição de chumbo. Também há controle de preços dos produtos vendidos, cabendo às comissões econômicas dos cantões estabelecê-lo conforme as necessidades da população. A premissa básica é que a satisfação das necessidades da sociedade sempre é mais importante que os benefícios econômicos privados.

Este modelo teve muito êxito, e tanto em Efrin como em Cizire foram criadas uma grande quantidade de cooperativas⁵⁸. Em Cizire decidiram pôr em funcionamento cerca de 200 poços de petróleo (dos milhares da região), criando-se cooperativas de trabalhadores com o objetivo de produzir o necessário para o consumo local. Foram criadas cooperativas agrícolas por toda parte, utilizando as terras que o governo Assad havia anteriormente expropriado dos curdos. Mas a melhora substancial foi a diversificação da economia, com a criação de fábricas de sabão, de materiais de construção, têxteis, moinhos e um longo *etc.*

O sistema de produção e satisfação local das necessidades faz com que uma direção econômica centralizada não seja necessária. Em Rojava, os Cantões não instituíram impostos, contando apenas com ingressos fruto da venda de combustível para a população, que é vendido por um preço inferior ao cobrado pela água; e com algumas tarifas alfandegárias da fronteira com o Iraque. Contudo, há projetos para implantar um sistema de impostos inspirado em modelos de acordos econômicos com o Estado, como o do País Basco e de orçamentos participativos⁵⁹.

De qualquer forma, é preciso dizer que atualmente 70% dos valores arrecadados destinam-se aos gastos da guerra, isto é, manter os combatentes e as armas. Este esforço bélico evidentemente limita o desenvolvimento dos objetivos sociais. O restante do orçamento se utiliza para garantir um acesso gratuito à educação e saúde, alimentar a população e fornecer água e energia. Toda uma série de serviços que são considerados básicos, assim como a construção de infraestrutura e o apoio ao desenvolvimento das cooperativas.

Os curdos querem, ainda, que a produção econômica seja ecológica e que respeite o meio ambiente, por isso limitam certos

58 Já em Kobane este processo não pôde ser desenvolvido em razão da guerra.

59 Basicamente se inspiram no conceito das funções de arrecadação de impostos e de legislação sobre estes, de forma que retornem para as instituições locais e que, do total arrecadado, uma parte consensual se destine à instituição central para contribuir nos gastos das funções não descentralizadas.

tipos de atividades industriais, como a produção de sabão ou a metalurgia, a níveis que sejam sustentáveis. No entanto no âmbito da ecologia ainda há muito trabalho a ser feito, sobretudo no que se refere a educar a população. Não há o costume de reciclar, e a gestão de recursos ainda é muito precária. Também deve-se ter em conta que os meios técnicos de que dispõem para seguir em frente com uma produção industrial ecológica são praticamente nulos.

Na esfera financeira não foi criada nenhuma moeda própria, utilizando ainda a libra síria. De qualquer forma deve-se ter em vista que as transações monetárias no Curdistão sírio foram reduzidas de forma drástica. Além do que as finanças como um negócio foram proibidas. São permitidas instituições bancárias, a transferência de créditos. Mas proibiram que se gerem benefícios derivados do capital financeiro, assim como os juros e a especulação. O sistema bancário que mantém é descentralizado e existe exclusivamente para a poupança e para ajudar as comunas a iniciar projetos.

Para resumir a mudança que se vive no âmbito econômico, as palavras de Ahmad Yousef, coministro da economia de Efrin, são muito adequadas.

Escolhemos como princípio a proteção e a defesa dos recursos naturais. Quando nos referimos à defesa não o fazemos no sentido militar, mas sim à autodefesa contra a exploração e a opressão enfrentadas pelas pessoas. Devemos superar muitos obstáculos para poder reestruturar a economia comunal de Rojava. Os governos fundados em políticas capitalistas tentaram dificultar nosso progresso no âmbito econômico e social. Estamos trabalhando para criar um sistema que combine o antiliberalismo, a sustentabilidade ecológica, a propriedade comum moral e a produção comunitária e cultural.⁶⁰

⁶⁰ YOUSEF, Dr. Amaad. "Efrin Economy Minister: Rojava Challenging Norms Of Class, Gender And Power" in: <https://rojavareport.wordpress.com/2014/12/22/efrin-economy-minister-rojava-challenging-norms-of-class-gender-and-power>. Acesso em 23 de abril de 2016.

CAPÍTULO 7 LIDANDO COM OS CONFLITOS

Por Editora Descontrol

Antifundamentalismo

Se dermos uma olhada sobre a situação do Oriente Médio, notaremos que a região está se esvaindo em sangue há décadas por causa de conflitos sectários de todos os tipos: tribais, étnicos, religiosos e nacionais. A identidade de grupo é utilizada em contraposição a outras identidades para favorecer o confronto. A coexistência pacífica entre diferentes identidades parece impossível. Em Rojava a diversidade de identidades é enorme, convivem diferentes nacionalidades com uma maioria curda, que representa 65% da população; os outros 35% restantes são compostos por árabes, assírios, caldeus, chechenos, armênios e outras minorias.

Além disso, há também a presença de diferentes religiões, muitos curdos praticam uma versão própria do sunismo, também praticada por muitos árabes; porém também podemos encontrar xiitas, judeus, cristãos e *yazidis*. Portanto, é preciso considerar que a existência das tribos são estruturas tradicionais baseadas nos laços familiares e representam outro eixo de diversidade.

Todas essas identidades poderiam ser potencialmente fonte de conflitos, entretanto, com grande esforço Rojava conseguiu evitá-los. Também se deve destacar novamente que foram acolhidos, sem qualquer obstáculo, centenas de milhares de refugiados árabes do restante da Síria, aos quais foram conferidos os mesmos direitos de participação política dos demais. Está sendo concretizada uma política de pluralismo e tolerância radical.

Por certo, desde o começo da revolução trabalhou para evitar que a população passível de ter apoiado o regime, ou que tivesse

sido favorecida por este, fosse vítima de vinganças. Acreditava-se que a população civil, fosse ela de qualquer nacionalidade, não teria culpa das injustiças vividas pelas minorias.

Para tentar resolver os conflitos inter-étnicos ou inter-religiosos foram constituídos conselhos para se chegar a consensos e soluções não violentas. Estes conselhos procuram reunir as partes envolvidas em litígios relacionados com a briga entre diferentes grupos sociais para trazê-los ao diálogo, evitando confrontos. O objetivo é chegar a um acordo satisfatório para as partes implicadas e propor a restauração da coesão social.

No plano político, constituíram um sistema de cotas para que todas as minorias estejam representadas. Por exemplo, nos conselhos de coordenação superiores deve haver, no mínimo, 10% de representantes de cada minoria presente no território, ainda que esta represente menos de 10% do total. A razão desta discriminação positiva é a crença de que para poder chegar a consensos reais deve-se escutar todas as partes implicadas, independentemente da importância quantitativa que tenha o grupo social.

Quando nos referimos ao sistema presidencial, dissemos que sempre deve haver um homem e uma mulher. Na realidade este é o mínimo, já que em alguns casos pode ser que haja três, quatro ou mais copresidentes, para poder representar todos os grupos sociais da região. Como exemplo, podemos citar o copresidente do Cantão de Cizire, que é árabe, embora a população de Rojava seja majoritariamente curda.

Por outro lado, não se permitiu que houvesse grupos ou milícias armadas independentes das YPG e YPJ, que foram concebidas como forças de defesa da população da região, não só dos curdos; não podendo, entretanto, intervir em assuntos internos. Dentro das YPG são encontradas unidades formadas só por árabes ou assírios e outros grupos com sua própria estrutura e organização, mas se mantêm com os mesmos objetivos que os demais: proteger a população (seja qual for seu grupo social) dos ataques externos. Isso teve vários resultados positivos.

De imediato se evitou que nos casos de conflitos étnicos e religiosos haja grupos armados autônomos que pudessem desencadear um confronto armado, em seguida criou-se um sentimento de solidariedade na hora de se proteger diante dos ataques de forças externas, como o ISIS ou o Estado Sírio.

Pode parecer que a proibição da existência de grupos armados independentes das YPG e YPJ seja uma política autoritária, mas isso evitou que cada grupo étnico ou religioso tivesse um braço armado que pudesse lutar contra os demais, obrigando, assim, que os conflitos fossem solucionados por meios pacíficos.

Pode-se dizer que o resultado dessas políticas tem sido bastante positivo. Até o momento a coesão social no âmbito interno foi mantida, e os únicos conflitos desse tipo se deram em alguns assentamentos dos árabes que chegaram durante as políticas de arabização do regime e que são hostis à revolução. Mas os árabes e as demais etnias que por gerações vivem na região estão participando ativamente em todos os campos e de forma fraterna. Os assírios, por exemplo, explicam que “depois de uma longa e difícil relação com o regime, sentiam que finalmente lhes era permitida a liberdade religiosa e cultural”.

Como exemplo do espírito das políticas nesse âmbito são interessantes as explicações de duas pessoas muito envolvidas no movimento de Rojava:

Em vez de um Estado independente, optamos pela autonomia. A solução dever ser basilar. O sistema de Estado-nação criou muitos preconceitos, e as pessoas pensam que os árabes, curdos e turcos não podem conviver. Essa ideia foi reforçada pelo sistema de Estado-nação. Foi gravada nos cérebros das pessoas, com resultados nocivos. Este sistema excluiu as condições de coexistência e cooperação do povo. Estamos lutando para superar esses preconceitos e criar condições para uma vida em

comum⁶¹. Temos uma estratégia, não vemos os grupos como minorias. São os habitantes originais da região. Se o número é grande ou pequeno, para nós, não é importante, vivem conosco por centenas de anos. Compartilhamos nossa comunidade e nossa cultura com eles. Juntos melhoramos a civilização⁶².

Autodefesa

Como já foi explicado, dentro do projeto do Confederalismo Democrático a autodefesa é um ponto extremamente importante. Em Rojava a vida da população e a sobrevivência do projeto só foram preservadas em razão da aplicação desse princípio. Para eles, todos (tanto no plano individual como no coletivo) devem ser capazes de se defender de uma agressão. A autodefesa propõe que o uso da violência é legítimo quando for para coibir a um ataque. E para evitar que o controle da violência resulte em emprego de coação sobre a população e monopólio do poder político optaram pela descentralização da autodefesa. São as comunas que se organizam, em vez de haver uma estrutura centralizada. Analisaremos quais são as formas organizacionais.

Yekineyên Parastina Gel (Unidades de Defesa Popular – YPG)

A YPG começa a se formar em 2004, após os distúrbios de Qamishlo. Nesse momento, jovens curdos ligados ao PYD viram a necessidade de se juntar para serem capazes de se defender da repressão do regime. Contudo, as YPG não entraram em campo até 2011 e não se apresentaram de forma pública como uma or-

61 BIEHL, Janet. 31 de janeiro de 2015, "Rojava's Communes and Councils", in <http://www.biehlonbookchin.com/rojavas-communes-and-councils>. Acesso em 1º de maio de 2016.

62 MUSLIM, Saleh. "Exclusive Interview with PYD Co-chair Salih Muslim: Rojava Will Establish a New Civilisation", Kurdish Question, 28 de março de 2015, in <http://kurdishquestion.com/oldsite/index.php/kurdistan/west-kurdistan/pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation/765-pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation.html>. Acesso em 1º de maio de 2016.

ganização até 2012. No começo, as YPG eram um grupo armado curdo ligado, como já dito, ao PYD, mas desde 2012 só responde aos cantões, possuindo uma composição plural. O objetivo das YPG é defender toda a população do território do Curdistão sírio. Calcula-se que são compostas por aproximadamente 65 mil pessoas⁶³, das quais entre 7 mil e 10 mil são mulheres⁶⁴. As mulheres têm sua própria organização e estrutura independente das YPG, são as Yekîneyên Parastina Jinê (Unidades de Defesa das Mulheres – YPJ), das quais falaremos mais à frente.

Sobre as condições materiais, é preciso reconhecer que são muito precárias. Praticamente têm apenas velhos AK47 e alguns 4x4. Não dispõem nem de armamento pesado, nem de veículos blindados, nem capacetes, nem coletes à prova de balas. O armamento que utilizam é comprado no mercado negro, já que não recebem o apoio de nenhum governo estrangeiro⁶⁵. Para cobrir essas carências começaram a produzir seu próprio material bélico, como, por exemplo, blindados a partir da conversão de caminhões de lixo ou bombas a partir de botijões de gás de cozinha.

Essas forças de autodefesa não foram pensadas como um exército estatal sob o controle do governo central, mas, pelo contrário, estão sob as ordens das estruturas policiais descentralizadas. Cada brigada está ligada a uma comuna, distrito ou cantão; e caso esteja servindo fora de sua jurisdição original, responde perante a estrutura pertinente ao novo marco de operações e sob as ordens da brigada da localidade. Essa descentralização de mando confere às YPG uma superioridade

63 "Will the Islamic State last through 2015?", 4 de janeiro de 2015, in http://www.todayszaman.com/op-ed_will-the-islamic-state-last-through-2015_368806.html

64 "Kurdish Women Turning Kobani into a Living 'Hell' for Islamic State", 14 de outubro de 2014", in <http://www.telesurtv.net/english/news/Kurdish-Women-Turning-Kobani-into-a-Living-Hell-for-Islamic-State-20141014-0072.html>. Acesso em 1º de maio de 2016.

65 A entrega de armas pelos EUA aos curdos de Rojava foi residual. As entregas, sobretudo, se centraram no governo do Curdistão iraquiano.

bélica em relação a seus adversários em termos de flexibilidade operacional e liberdade de ação.

Todavia, têm funções limitadas na autodefesa da região, isto é, não podem intervir em assuntos internos nem podem ser utilizadas para interesses políticos: podem agir apenas no caso de ameaça à vida da população. Como exemplo disso nota-se que no território de Rojava ainda restam unidades do exército governista, mas apenas em bairros da cidade de Qamishlo onde vivem simpatizantes do regime. Portanto percebe-se que as YPG atuam quando não há mais nenhum remédio, nos demais casos procuram as vias pacíficas para a resolução dos conflitos.

A estrutura interna também tenta romper com a hierarquização dos exércitos clássicos, as unidades escolhem seus próprios comandantes de forma democrática e têm o poder de revogar essa escolha. Os comandantes não têm privilégios especiais, convivem com os demais milicianos e não estão isentos dos trabalhos de manutenção, como cavar trincheiras. As YPG são compostas principalmente por voluntários, o que faz com que a autodisciplina impere no âmbito interno. Os voluntários podem ingressar ou abandonar as YPG de forma livre, porém o destino e as funções que irão desempenhar são determinadas conforme as necessidades do momento.

Apesar do fluxo de voluntários, e devido à intensidade dos ataques por parte das forças *jihadistas*, em julho de 2014 foi realizada nos cantões uma convocação à mobilização geral. Na prática essa mobilização geral se definia como a obrigatoriedade de que em cada família um membro jovem se alistasse nas YPG. As condições desse alistamento variam conforme os cantões, em Cizire o serviço dura seis meses, ao passo que em Kobane dura 12⁶⁶. De qualquer forma, estão previstas vá-

66 KHALIL, Ahmad; LEIGH, Karen. 27 de agosto de 2014, "YPG's Mandatory Military Service Rattles Kurds", in: <http://www.syriadeeply.org/articles/2014/08/6014/ypgs-mandatory-military-service-rattles-kurds>. Acesso em 1º de maio de 2016.

rias situações que autorizam o não cumprimento do serviço, como no exemplo de uma família na qual haja um único membro jovem. Aliás, os indivíduos recrutados dessa forma serão destinados a proteger suas próprias cidades e povoados, não podendo ser deslocados para outros lugares ou frente de batalha. Portanto só entrarão em combate se houver um ataque às áreas das quais são originários.

Por fim, deve-se levar em consideração que, se alguém não se apresentar ao recrutamento, não será, todavia, procurado em sua casa, só será conduzido aos escritórios de recrutamento caso seja parado em algum *checkpoint*. Vemos, portanto, que esta campanha de recrutamento é aplicada sob condições muito distintas do recrutamento à força imposto pelos governos estatais. De todo modo, a grande maioria de combatentes das YPG é de voluntários, só uma pequena fração foi recrutada por esse sistema⁶⁷.

Outro ponto diferenciador das YPG é qual tipo de formação que oferecem. Nos campos de treinamento são ministradas aulas de história, de gênero, de resolução não violenta de conflitos... não se ensina apenas a utilizar uma arma, pois há uma especial ênfase na educação política. Conforme explica um comandante das YPG, Heval Rustem:

A mente é a melhor arma, e os homens estão no meio da batalha. A libertação das mulheres e especialmente a batalha contra a identidade masculina e patriarcal de alguém é uma das batalhas mais árduas que há para se combater e ser socialmente eficiente. As YPG e YPJ estão inteiramente comprometidas com valores humanísticos como a libertação das

67 Danish Immigration Service, "SYRIA, Military Service, Mandatory Self-Defence Duty and Recruitment to the YPG", 26 de fevereiro de 2015, in <http://www.nyidanmark.dk/NR/rdonlyres/991BA1A7-84C6-42A2-B-C16-23CE6B5D862C/0/Syriennotat-26feb2015.pdf>. Acesso em 1º de maio de 2016.

mulheres, a coexistência de todos os grupos e uma vida na democracia de base, para além da modernidade capitalista.⁶⁸

Os graduados nas academias das YPG fazem o juramento no qual prometem defender o paradigma de uma sociedade democrática, ecológica e livre do patriarcado. Essa formação pode ser uma das razões pelas quais a moral e a autodisciplina são tão elevadas nas YPG e explicam os incontáveis atos de sacrifício que realizam para proteger o projeto de Rojava.

Os Asayish

Além das YPG e YPJ, existe outro órgão armado em Rojava. São os Asayish (“segurança” em curdo), uma força de ordem civil que cumpre as tarefas policiais. Apesar dessa definição, eles mesmos querem se distanciar do termo “polícia”. Já que entendem que a polícia é uma instituição de controle social, ao passo que os Asayish são um órgão de proteção civil.

Os Asayish estão ligados aos Conselhos Populares, e seus membros são eleitos por estes para um período determinado. Assim como os demais cargos em Rojava, as funções do Asayish são temporárias. Além disso, no âmbito interno os Asayish também têm sua própria assembleia, nas quais são escolhidas as autoridades e tomadas as decisões. Mas o ponto que mais diferencia os Asayish de uma polícia tradicional é a ruptura com a especialização da gestão e a utilização legítima da violência.

Para isso, querem que toda a população tenha formação de Asayish durante, ao menos, seis semanas em algum momento de sua vida. Desta forma, dizem que, se cada um for capaz de se autodefender e tiver os conhecimentos para resolver conflitos, já não seria necessário um corpo especializado. Querem que todos sejam capazes de praticar a autodefesa e de intervir em situações

⁶⁸ Delegation Kampagne 'TATORT' Kurdistan, "People's Protection Units, YPG And YPJ" (trad. Janet Biehl), 14 de outubro de 2014, em: <http://www.biehlonbookchin.com/peoples-protection-units>. Acesso em 1º de maio de 2016.

nas quais em outras sociedades só a polícia poderia fazê-lo. Logo, vê-se que o objetivo final é eliminar os Asayish como organismo.

A respeito da formação de Asayish cabe destacar que a auto-defesa, isto é, aprender a utilizar uma arma ou responder a uma agressão, é a parte final do treinamento, pois a principal é a formação em resolução não violenta de conflitos e teoria feminista.

Atualmente sua função principal é a gestão dos postos de fiscalização das estradas, onde revistam veículos e identidades para evitar a entrada de terroristas ou carros bomba nas cidades. De fato estes postos têm sido alvos de numerosos atentados por parte das forças *jihadistas*. Outra função é a gestão do tráfego, principalmente em Qamishlo, já que no resto do território não há muitos veículos. Por último, também atuam em conflitos civis e em crimes comuns, como roubos, assassinatos...

É preciso destacar que os Asayish são os encarregados de atuar num primeiro momento, sendo que em todos os casos sua atuação é paliativa, não resolutiva. Para a solução permanente de conflitos, existem outras estruturas baseadas na justiça restaurativa.

Justiça e resolução de conflitos

Como já dito, no caso de ocorrer um problema que requeira uma ação imediata, os responsáveis para efetivá-la são os Asayish. Entretanto, a resolução de conflitos é competência do sistema de conselhos judiciais ligado aos Conselhos Populares.

Os Conselhos Populares são competentes para resolver conflitos de todo tipo, os casos são discutidos, buscando-se chegar a soluções baseadas no consenso e na compensação, e, além disso, adotam medidas para proteger a vítima. Contudo, às vezes, em face da complexidade do litígio, torna-se difícil resolvê-lo por meio de uma reunião ordinária da comuna.

Para explicar o sistema jurídico e como funciona a resolução de conflito, transcrevemos na sequência um artigo de Ercan Ayboğa, um pesquisador universitário alemão que viajou

diversas vezes ao Curdistão sírio ao longo de 2014 e que acompanhou de perto o projeto.

O consenso é a chave: o novo sistema jurídico de Rojava⁶⁹

(Por Ercan Ayboğa)

Após o início da Revolução de Rojava em julho de 2012, o Judiciário sírio se mostrou obsoleto. Obviamente o povo e o movimento político iniciado por este não só recusavam o aparato de segurança, os representantes políticos estatais e as agências de inteligência, mas também repeliram os representantes judiciais, com muitos deles perdendo seus cargos.

No entanto, tal como foi importante expulsar os funcionários do regime ditatorial do Baath, era crucial a questão de como seria a nova forma de justiça. Em qualquer sociedade que não é livre de dominação, completamente emancipada ou liberta socialmente em termos de gênero, os crimes (ainda que seja em um nível muito baixo) ainda acontecerão; ainda mais em um contexto de guerra, no qual a violência, os conflitos e o roubo são frequentes.

Os fundamentos desse novo sistema judicial são os Comitês de Paz e Consenso. Alguns já haviam sido criados nos anos 1990, por ativistas curdos em cidades da Síria com grandes majorias curdas que lhes eram partidárias. Até a atualidade se encarregam de manter a paz social em seu distrito ou localidade e tomam medidas contra a criminalidade e a injustiça social.

Sob o regime Baath estes comitês funcionavam na clandestinidade, já que o Estado os via como uma ameaça a seu monopólio sobre a justiça. Em razão disso, operavam de forma paralela ao judiciário estatal. Apesar do aumento da repressão, a partir de 2000, e especialmente a partir de 2004, conseguiram manter-se na ativa, ainda que em pequenos números e sem poder atender a maioria da população curda.

⁶⁹ AYBOĞA, Ercan. Artigo publicado em agosto de 2014. "Consensus is Key: New Justice System in Rojava", em <http://new-compass.net/articles/consensus-key-new-justice-system-rojava>. Acesso em 2 de maio de 2016.

Após a libertação das localidades de Rojava no verão de 2012, nos lugares que já haviam tido a experiência dos Comitês de Paz e Consenso não houve “caos” ou confusão no tocante à resolução de casos civis e criminais. Os comitês existentes se tornaram as referências para os assuntos relativos à justiça, e ali onde não havia previamente foram rapidamente constituídos seguindo o mesmo modelo.

A estrutura do sistema judicial

Para descrever a estrutura do sistema judicial em Rojava, precisamos analisar a estrutura que foi desenvolvida nesses últimos dois anos. Tão logo as cidades e vilas foram libertadas em 19 de julho de 2012, foram criados conselhos judiciais regionais (em curdo *Diwan Adalet*). Foram surgindo por iniciativa do Tev-Dem (Movimento para uma Sociedade Democrática), que organizou os Conselhos Populares por toda Rojava, os quais foram a força decisiva na direção da revolução. Os conselhos de justiça reuniram juízes, advogados, promotores, juristas e outros profissionais que haviam rompido com o poder central. Além disso, as comunas também eram membros dos Comitês de Paz e Consenso e elegiam seus delegados. Desde então os conselhos de justiça têm sido decisivos na construção do novo sistema judicial.

As três regiões de maioria curda foram denominadas cantões em janeiro de 2014. O maior das três é Cizire, cujo conselho de justiça tem onze membros e compreende vários conselhos de distritos; já os conselhos de justiça de Efrin e Kobane têm sete cada um (aparentemente não é muita gente que participa desses importantes comitês). Esses conselhos de justiça estão coordenados com os Conselhos Populares e são responsáveis perante estes. Depois de amplas discussões nos Conselhos Populares, foi fundado um novo sistema judicial.

O nível mais baixo desse novo sistema é composto pelos Comitês de Paz e Consenso, criados no âmbito da cidade, bairro e, algumas vezes, mesmo de ruas. Solucionam casos com base

no consenso. Se não chegam a um acordo, o caso sobe para o próximo nível. É preciso destacar que casos difíceis – como um assassinato – são tratados diretamente nos níveis superiores.

No âmbito comunal, os Comitês de Paz e Consenso têm uma estrutura dual. Os comitês gerais são responsáveis por conflitos e crimes; por sua vez, as comissões de mulheres são responsáveis pelos casos de violência patriarcal, matrimônio forçado, poligamia ou outros relacionados. Estas comissões estão diretamente ligadas à organização de mulheres Yekitiya Star (Estrela de União das Mulheres)

Um nível acima, na principal cidade de cada região, estão os tribunais populares (*dadgeha hielo*), que passaram a funcionar graças aos conselhos de justiça. Os juízes membros (*dadger*) podem ser propostos pelos conselhos de justiça ou por qualquer pessoa, não havendo um requisito mínimo. Os Conselhos Populares de nível regional (como Serê Kaniyê, Qamishlo, Amuda, Derika Hemko, Hesiçe, Efrin, Kobanê) discutem a respeito dos possíveis candidatos; a partir destes são escolhidas sete pessoas para cada zona. Os eleitos não precisam ser juristas, ao contrário, diferentemente de outros sistemas judiciários, alguns dos eleitos não têm nenhuma experiência jurídica. Considera-se mais importante que os escolhidos sejam aqueles que possam representar os interesses da sociedade. Os outros níveis do sistema judicial de Rojava são similares aos de outros Estados.

Uma vez encerrado um procedimento em um tribunal popular uma das partes pode recorrer e levar o caso ao tribunal de apelações (*dadgeha istinaf*). Rojava tem apenas quatro desses tribunais, dois em Cizire, um em Kobane e um em Efrin. Nesse nível os juízes precisam ser juristas.

No próximo nível, aqueles que querem dar continuidade à demanda têm à sua disposição o tribunal regional (*dadgeha neqit*), havendo apenas um para cobrir os três cantões.

Por fim, há o tribunal constitucional (*dadgeha hevpeyman*), onde sete juízes cuidam para que o Contrato Social (que foi

adotado no começo de 2014 em vez de uma constituição), e outras leis importantes sejam respeitadas nos procedimentos e outras decisões do governo. Em cada região os advogados (*dizgeri*) e outros promotores dos tribunais populares trabalham pelo interesse comum.

No topo do sistema legal está o parlamento judicial (*meclisa adalet*), cada um dos três cantões tem um. Cada parlamento judicial é formado por 23 pessoas: três representantes do ministério da justiça, criado em janeiro de 2014; onze dos conselhos de justiça, sete do tribunal constitucional e dois da associação de advogados. Um membro do parlamento judicial exerce a função de porta-voz. Esta composição é outra mudança importante em relação aos sistemas judiciais típicos, já que, com apenas três representantes, o governo de transição tem pouquíssima influência.

Os parlamentos judiciais têm a responsabilidade de assegurar que o sistema legal se acomode às necessidades dessa sociedade em processo de democratização e altamente mutável. A maior prioridade é a reconstrução do sistema judicial. Por ora ainda é apenas um esqueleto, e muitos de seus detalhes e suas práticas não foram ainda debatidos ou decididos. O sistema legal enfrenta a enorme necessidade de desenvolver as novas bases jurídicas (sobretudo o Contrato Social), mas ao mesmo tempo precisa do suporte das leis sírias existentes, uma vez que ainda não existem novas leis para abarcar todos os casos. De toda forma, não são todas as áreas que precisam ser abarcadas por novas leis.

Toda lei, regulamento ou orientação é novamente analisada, os elementos antidemocráticos são eliminados e trocados por novos, e novas partes são adicionadas se for necessário. Os três cantões se entendem como parte do Estado sírio, porém de um Estado democrático. Se uma transformação democrática não for possível, uma lei completamente nova para a área afetada deverá ser criada.

Além disso, os parlamentos judiciais dão pareceres quanto a pendências técnicas e questões administrativas. Os problemas

e demandas da advocacia também são discutidos ali, e soluções comuns são desenvolvidas.

Até agora o trabalho nos parlamentos judiciais tem se desenvolvido por meio de muitas discussões, mas sem grandes desentendimentos entre seus membros, ou pelo menos é isso que dizem. Dada a pressão de construir um novo sistema judicial que funcione relativamente rápido, não tem havido muito tempo para discussões. Os debates profundamente necessários foram postergados em sua maioria para os próximos anos, quando tempos de paz, é o que se espera, venham a prevalecer.

Educação judicial

Em meados de 2013 em Qamishlo foi fundada uma escola de juristas para os três cantões de Rojava. Era uma necessidade, porque o novo sistema judicial requer ao menos várias centenas de profissionais e pessoal de apoio. Cada curso de formação básica dura quatro meses. Em maio de 2014 dois grupos de 36 pessoas completaram a primeira fase. Depois de passar por alguns exames ao final dos quatro meses os estudantes podem começar a trabalhar no novo sistema judicial. Mas as aulas não terminam aí, voltam à escola em intervalos regulares para continuar a formação durante muitos meses. Como se faz a formação ainda está sob discussão, já que o relativamente curto período de quatro meses foi instituído apenas pela grande necessidade de profissionais.

Os resultados do novo sistema legal

Não é preciso dizer que o novo sistema aboliu a pena de morte. A pena de prisão perpétua (a pena máxima permitida é de vinte anos) pode ser aplicada apenas nos casos de assassinato, tortura ou terrorismo. Até o verão de 2014 só havia sido empregada duas vezes em Cizire: para um homem que assassinou uma mulher de forma brutal e para um homem que torturou e assassinou um membro das Asayish.

Em Rojava, a detenção e a prisão são consideradas a última opção. E de acordo com os princípios do sistema legal, a pessoa presa não pode ser tratada como criminoso, mas sim como alguém a ser reabilitado. As celas são entendidas como instituições educativas, e, quando os meios permitem, devem ser transformadas em centros de reabilitação, e não em instituições punitivas. As comissões judiciais de Rojava estão especialmente preocupadas com a questão das condições das prisões, já que, conforme explicado por um membro do conselho de justiça: “Já privamos os prisioneiros de sua liberdade, não queremos castigá-los mais com o estado das prisões”.

Entre 2012 e 2014, como resultado do novo sistema de justiça e, especialmente, da maior auto-organização das pessoas nas comunas e nos conselhos, o número de crimes baixou lentamente, embora as cifras exatas ainda sejam difíceis de determinar. Os crimes concentram-se nas periferias urbanas. No Curdistão iraquiano, os chamados assassinatos de honra continuam sendo comuns, mas em Rojava, devido, em grande parte, ao trabalho do movimento de mulheres, estes crimes foram reduzidos de forma extraordinária.

Os Comitês de Paz e Consenso

A diferença básica entre o sistema judicial de Rojava e os sistemas judiciais de outros tipos de Estado (capitalistas, socialistas reais, parlamentaristas, ditatoriais, etc.) é a existência dos Comitês de Paz e Consenso no âmbito local e os papéis que desempenham na estrutura comunal.

Os membros dos Comitês de Paz e Consenso são escolhidos por conselhos populares. No nível da comuna, todos os residentes participam de uma assembleia e escolhem os membros. Um nível acima, o distrito ou a comunidade de vilas, os membros dos Comitês de Paz e Consenso são escolhidos quando se reúnem com os delegados das Comunas no Conselho Popular. Nos níveis superiores do sistema de conselhos não há Comitês de Paz e Consenso.

O sistema de conselhos de Rojava foi construído no início da revolução na Síria após 2011, portanto os Comitês de Paz e Consenso foram criados no âmbito de vilas e distritos. A partir de 2012, com o surgimento das comunas, os Comitês de Paz e Consenso começam a ser eleitos nos níveis inferiores. A maioria das comunas não tem autoridade sobre estes comitês.⁷⁰

Como já mencionado, os primeiros Comitês de Paz e Consenso foram criados nos anos 1990, o que favorece a estrutura de conselhos populares. Sem essa duradoura experiência teria sido mais difícil criar esses comitês tão rapidamente em outras áreas. Esses mais de quinze anos de experiência foram muito valiosos.

Cada Comitê de Paz e Consenso normalmente é composto por entre cinco e nove pessoas, com uma cota de gênero de 40%. Os escolhidos normalmente são aqueles que têm a habilidade para mediar as partes em conflito. Sendo que maioria deles tem mais de 40 anos.

Os procedimentos dos comitês não estão escritos e registrados com muito detalhe ou em sua totalidade. As normas e princípios foram desenvolvidos na prática ao longo dos anos e, até certo ponto, são transmitidas oralmente.

Os membros dos Comitês de Paz e Consenso não devem ser vistos como magistrados tradicionais, já que são eleitos democraticamente com paridade de gênero. Isso é importante, já que os conselhos e o movimento político que apoia a construção dos comitês são influenciados pelos conselhos de sábios da sociedade tradicional.

Esses conselhos de sábios praticamente não existem mais na atualidade, tendo sido dissolvidos por volta dos anos 1960 e 1970. Rojava se identifica com essas instituições tradicionais, mas as infundiu com os valores do contrato social: democracia de conselhos, liberdade de gênero e direitos humanos. Incorporo-

⁷⁰ Isto é, participam de sua eleição e têm mecanismos de fiscalização, mas os comitês mantêm sua independência.

rando e superando os tradicionais conselhos de sábios, criaram uma ponte de entendimento entre a tradição e a revolução.

A estrutura paralela das comissões de mulheres e a *Yekitiya Star* deve garantir que as estruturas feudais não tenham jurisdição em casos de violência patriarcal. Nesse contexto as mulheres são a força diretriz.

O objetivo dos Comitês de Paz e Consenso não é condenar uma ou ambas as partes em um processo, mas sim conseguir conciliá-las. Se for possível, o acusado não é isolado por meio de um castigo ou encarcerado, mas procura-se fazer entender que sua atitude causou uma injustiça, uma discriminação, uma lesão. Se for necessário, a questão é discutida por muito tempo. Chegar a um consenso entre as partes é um resultado que leva a uma paz mais duradoura.

Esse é no longo prazo um grande benefício para a sociedade local, já que promove uma aproximação entre grupos e indivíduos e a paz. A solidariedade social e a coesão social crescem nessa terra; assim tem sido a experiência da revolução em Rojava. Atualmente nas comunas e demais localidades, quando a maioria das pessoas atua em solidariedade, elas são capazes de fundar cooperativas ou de tomar decisões conjuntamente; em parte porque o trabalho dos Comitês de Paz e Consenso tem sido vitorioso.

A aceitação e o respeito da sociedade pelos comitês podem ser visto também no fato de que cada vez mais e mais pessoas de outros grupos étnicos têm se dirigido até eles para solucionar seus problemas. Não se pode esquecer que um grande número de árabes vive em algumas cidades de Rojava.

Outro indicador dos efeitos positivos dos comitês é o fato de que onde eles são bem organizados, brigas e disputas entre indivíduos, famílias e grupos estão aos poucos se reduzindo; além disso, os crimes, especialmente os roubos, estão em declínio.

Escrito no verão de 2014

Nota final sobre justiça

O novo sistema judicial pretende deixar para trás o conceito de justiça punitiva para utilizar o de justiça restaurativa, garantia de coesão e paz sociais. Como exemplo de seu compromisso na promoção desse novo modelo de justiça é essencial destacar o caso concreto dos prisioneiros de guerra do ISIS, que não são maltratados em nenhuma hipótese, recebendo o mesmo atendimento que os demais presos. Durante o período em que estão encarcerados assistem a aulas sobre princípios morais e éticos, assim como sobre feminismo e formação política.

Esse processo, em geral, dura entre seis meses e um ano. Após esse tempo, na maioria dos casos, ganham a liberdade. Esse fato é especialmente surpreendente quando comparado ao tratamento que os milicianos curdos sofrem nas mãos dos *jihadistas*, quais sejam torturas, estupros e execuções. Apesar disso, os valores humanistas do movimento curdo são tão elevados que os impedem de se vingar de seus prisioneiros. Em 2012, por exemplo, houve o caso de cinco prisioneiros do grupo fundamentalista Al-Nusra que, após serem libertados, voltaram às filas do seu antigo grupo, mas ali capturaram cinquenta de seus antigos companheiros para levá-los ao Curdistão sírio para que também recebessem esses ensinamentos⁷¹.

71 ŞOREŞ. "Crónicas desde Rojava parte III: Marzo, Abril y Mayo", 13 junho de 2015 <http://rojavanoestasola.noblogs.org/post/2015/06/13/cronicas-desde-rojava-parte-iii-marzo-y-abril>. Acesso em 4 de maio de 2016.

CAPÍTULO 8 EDUCAÇÃO E SAÚDE

Por Editora Descontrol

Educação

Pudemos ver nos capítulos anteriores que a formação e a educação são pontos-chave para o movimento. Acreditam que sem uma população devidamente formada e politizada não se pode manter o projeto de transformação social que estão consolidando. Os paradigmas do novo sistema de educação são a democracia de base, a economia ecológica e a emancipação de gênero. Estes são os conceitos que vinculam o ensino em Rojava.

O texto a seguir é de autoria de Janet Biehl, que em outubro de 2014 esteve no cantão de Cizire e teve a oportunidade de ver a aplicação do Confederalismo Democrático em primeira mão. Nesse artigo ela oferece uma pequena explicação do modelo de educação em Rojava.

Duas academias de Rojava⁷²

Você precisa ensinar, vinte e quatro horas por dia, a aprender a discutir, a aprender como falar coletivamente. Você precisa recusar a ideia de que tem que esperar a chegada de um líder para que ele diga o que as pessoas devem fazer, e, em vez disso, aprender a exercer o autogoverno como uma prática coletiva. As próprias pessoas se educam umas com as outras. Quanto

⁷² BIEL, Janet. "Two academies in Rojava", 7 de fevereiro de 2015, *in* <http://www.biehlonbookchin.com/revolutionary-education>. Acesso em 5 de maio de 2016. Nota do Editor: Algumas citações foram editadas para deixá-las mais concisas.

you reunite ten people and ask for a solution for a problem or propose a question, they find a collective answer. I believe that in this way they will find the appropriate answer. This collective debate will politicize these people. (Saleh Muslim, copresident of the PYD, November 2014.)

Depois da revolução de julho de 2012, quando as novas instituições de autogoverno chegaram ao poder em Rojava, a necessidade de um novo tipo de educação era primordial, Não que as pessoas do Curdistão oeste não tivessem educação, ao contrário, o percentual de indivíduos que concluíram o colegial era e é muito alto ali, o que foi constatado pela Delegação Acadêmica durante nossa visita em dezembro de 2014. Mas a educação era essencial para criar a cultura revolucionária na qual as novas instituições poderiam se desenvolver. É um assunto não apenas para crianças e jovens, mas também para adultos, incluindo os anciões.

Como Aldar Xelit, membro do conselho do Tev-Dem, explicou, o projeto político de Rojava “não se trata simplesmente de mudar o regime, mas sim criar uma mentalidade que traga a revolução para a sociedade. É uma revolução para a sociedade”. A professora Dorşin Akiftem tem uma opinião semelhante: “A percepção tem que mudar”, disse, “pois, a mentalidade é muito importante para nossa revolução agora. A educação nos é essencial”.

O primeiro embate que a revolução teve que enfrentar foi a língua na qual as aulas eram ministradas. Durante quatro décadas sob o regime de Assad, as crianças curdas haviam tido que aprender árabe e estudar em árabe. A língua curda foi proibida na vida pública, ensiná-la era ilegal e podia ser punido com prisão ou, inclusive, tortura. Assim que os curdos da Síria tiveram o controle de sua comunidade, estabeleceram imediatamente o ensino em língua curda. A primeira escola aberta foi a Escola de Şehid Fewzi, no cantão de Efrin, seguida por outras duas em Kobane e em Cizire. Em agosto de 2014, apenas em

Cizire já havia 670 escolas com 3 mil professores dando aulas em língua curda para 49 mil estudantes.

Academia da Mesopotâmia (Akademiya Mezopotamya), Qamişlo

Em 8 de dezembro a delegação visitou a primeira e única instituição de ensino superior de Rojava, a Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia, em Qamişlo. O regime de Assad não permitia tais instituições em áreas curdas, tendo sido esta inaugurada em setembro de 2014, e grande parte dela ainda está em construção.

Participamos de reuniões com vários membros da administração e da faculdade, incluindo a sua reitora, Rojda Firat, e os professores Adnan Hasan, Dorşin Akif, Medya Doz, Mehmod Kalê, Murat Tolhildan, Serhat Mosis e Xelil Hussein.

Um desafio enfrentado pela academia, disseram, é que as pessoas do nordeste da Síria acham que precisam viajar para o exterior para receber uma boa educação. “Queremos mudar isso”, disse um professor, rebatendo essa ideia repetida pelas forças hegemônicas. “Não queremos que as pessoas se sintam inferiores em razão do lugar em que vivem. No Oriente Médio há uma imensa quantidade de conhecimento e sabedoria, e estamos tentando descobrir. Muito do que aconteceu na história aconteceu aqui.”

O período letivo é dividido em três, cada um com duração entre três e quatro meses, partindo de uma perspectiva de disciplinas mais gerais rumo à especialização e a projetos finais. O programa de estudos compõe-se principalmente de história e sociologia. Por que essas matérias? Perguntamos. São essenciais, nos responderam.

Sob o regime “nossa existência [como curdos] foi posta em dúvida. Estamos tentando mostrar que existimos e que fizemos muitos sacrifícios ao longo do caminho. Consideramo-nos parte da história, sujeitos da história. O ensino procura descobrir histórias de pessoas que foram recusadas, criar uma nova vida para vencer os anos e séculos de escravidão de pensamento

que foi imposto às pessoas.” Basicamente, seu propósito é “escrever uma nova história”.

O programa de estudos de sociologia adota uma postura crítica diante do positivismo do século XX e procura desenvolver uma nova alternativa sociocientífica para o século XXI, que Abdullah Öcalan chama de “sociologia da liberdade”. Para seus projetos finais, os estudantes escolhem um problema social concreto, investigam-no, e escrevem uma tese sobre como resolvê-lo, relacionando-o com essa alternativa. Assim, tanto o ensino prático quanto o intelectual pretendem servir ao bem-estar social.

Diferentemente das estratégias ocidentais convencionais, a pedagogia da academia recusa a transmissão unidirecional de informação. De fato, não separa estritamente professores e alunos. Os professores aprendem com seus estudantes e vice-versa; idealmente, por meio do diálogo intersubjetivo chegam a conclusões compartilhadas. Os professores não são necessariamente catedráticos; são pessoas cuja experiência lhes proporcionou conhecimentos que podem compartilhar. Um professor, por exemplo, narra histórias populares uma vez por semana. “Queremos que os professores os ajudem a compreender o significado da vida. (...) O nosso foco é dar significado às coisas, ser capazes de interpretar e opinar, assim como analisar.”

Os estudantes fazem provas, mas essas provas não medem o conhecimento, são “mais como recordações, como diálogos”. E os próprios professores estão sujeitos a avaliação por parte dos alunos. “O senhor não explicou muito bem”, um aluno pode dizer. Um professor que é criticado tem que tratar o assunto com o estudante até que ambos considerem que se entendem mutuamente.

De muitas formas, a estratégia da academia me lembrou as ideias pedagógicas do filósofo americano do século XX John Dewey (1858 – 1952). Assim como os professores de Rojava, Dewey foi um crítico das estratégias tradicionais, nas quais os professores transmitem informação unidirecionalmente a alunos passivos. Em vez disso, considerava a educação como um processo intera-

tivo, no qual os estudantes analisam assuntos sociais por meio de um intercâmbio crítico e recíproco com seus professores.

Dewey aprovaria o fato de que a academia, em lugar de pedir que os estudantes memorizassem, ensinasse-lhes a reclamar ou superar o separatismo. “Ressaltamos que todas as pessoas são sujeitos.” Além disso, incute hábitos de aprendizagem para toda a vida: “nosso objetivo é dar aos estudantes a capacidade de educar a si mesmos”, para além de uma graduação, Dewey também pensava que o aprendizado deveria se dirigir à pessoa em sua totalidade, não unicamente ao intelecto; que deveria ressaltar nossa condição comum de seres humanos e que deveria continuar por toda a vida.

A academia não tem como meta profissões, mas sim formar pessoas equilibradas. “Acreditamos que as pessoas são organismos, não podem ser cortadas em partes, separadas em diferentes ciências”, contou um professor. “Alguém pode ser poeta e estar ao mesmo tempo interessado em economia e compreendê-la, porque as pessoas formam parte de todos os aspectos da vida.”

Durante décadas, as escolas do regime do Baath, com seu foco nacionalista, pretendiam criar uma mentalidade autoritária. A Academia da Mesopotâmia está decidida a superar esse desagradável passado “ajudando a criar indivíduos livres”. Mais uma vez me lembrei de Dewey, que também recusava a ideia de que o propósito da educação é criar trabalhadores submissos para postos de trabalhos hierárquicos. Por isso, pensava, que a educação deveria ajudar os estudantes a completar a totalidade de seu potencial humano.

A Academia da Mesopotâmia não estimula a busca por uma profissão, sua última atividade é mostrar aos estudantes como maximizar seus interesses econômicos. Atualmente nos Estados Unidos, uma grande quantidade de bons estudantes vai para Wall Street estudar carreiras como gestão de investimentos, ao passo que a educação em Rojava não se trata de “escolher uma profissão e ficar rico”. Na verdade, aos alunos da academia é ensinado a “se perguntar como enriquecer a sociedade”.

John Dewey acreditava que o objetivo final da educação era formar pessoas questionadoras que participassem eticamente como cidadãos em uma comunidade democrática; e que a educação assim deveria ser uma força para melhoria social. Ecoando esse pensamento, um dos professores fez o seguinte destaque para nossa delegação: “Quando fazemos ciência da sociedade, o que estamos tentando fazer é lutar pela liberdade social”.

Nenhum dos professores da Academia da Mesopotâmia mencionou John Dewey, e não tenho motivos para pensar que conheciam sua postura, certamente chegaram a ela de forma independente. As semelhanças eram surpreendentes.

Também me surpreendeu uma coincidência mais remota. Em meados do século XX, as ideias de Dewey influenciaram várias escolas experimentais nos EUA. A mais destacada foi *Goddard College*, localizada no centro de Vermont, que nas décadas de 1960 e 1970 foi pioneira na educação deweyana. Durante a maior parte dos anos 1970, um dos professores do *Goddard College* foi Murray Bookchin, que ali transmitia suas ideias sob o nome de “ecologia social”. Bookchin não escreveu muito sobre educação especificamente, mas seus textos sobre democracia e ecologia viriam, posteriormente, a influenciar Abdullah Öcalan e seu Confederalismo Democrático, a ideologia com qual Rojava está comprometida.

Mais algumas palavras sobre a educação em Rojava

É interessante considerar outros aspectos não recolhidos ou não suficientemente explicados no artigo de Janet Biehl. A educação em todos os níveis se dá na academia. Denominam assim às instituições de ensino porque acreditam que é um termo mais adequado para o tipo de educação que implementam. Para eles a academia é um espaço onde a sociedade constrói seu próprio poder intelectual, produzindo conhecimento e ciência por si mesma.

É por isso que a maioria dos objetos de estudo tem relação com os problemas sociais reais. Foram criados todo tipo de

academia e em todo o território. São encontradas no nível da comuna e no nível do cantão. As academias respondem a necessidades de formação da sociedade. Por exemplo, há academias nas quais se promove o ensino da autodefesa de mulheres, de jovens, de economia, jurídicas, de sociologia, história e qualquer outra matéria que se considere necessária.

A educação básica e infantil é um dos pontos nos quais também trabalham a fundo. As escolas do regime ainda se mantinham em algumas localidades, em face da carência de meios para substituí-las, mas na maior parte da região o sistema educacional passou a ser controlado pelo povo. Foram criados seus próprios livros, incluindo a igualdade de gênero e de coexistência pacífica entre diferentes grupos sociais.

Por sua vez, a relação criada entre professores e crianças é radicalmente diferente, é de igualdade e de amizade e não de dominação e autoridade. Além disso, não há um programa pedagógico único. Cada cantão cria o seu próprio programa, seguindo um paradigma comum (democracia de base, economia ecológica e libertação da mulher), adaptado à realidade social de cada um. Em todos os casos respeita-se a identidade étnica e religiosa das crianças em sua formação.

Por fim, é preciso acrescentar que criaram seus próprios meios de comunicação, incluindo sua própria cadeia de televisão vinculada aos Conselhos Populares, e surgiram um sem-número de jornais de forma descentralizada. Esses meios servem para a população se informar e se educar de forma independente em relação àqueles meios controlados pelos Estados, assim como para poder influenciar no conteúdo. Um exemplo foi a criação de uma cadeia de televisão dedicada a explicar a história do movimento curdo.

A ideia principal do sistema educacional de Rojava é que a educação não seja mais uma ferramenta de dominação do Estado ou de um grupo social sobre os demais, mas sim uma

ferramenta de empoderamento coletivo que conduz a uma sociedade livre, coesa e participativa.

Saúde

A situação em que se encontra a saúde da região é muito mais complicada que nas demais áreas. Nesse âmbito é onde a carência de recursos, o embargo e a destruição produzida pela guerra se fazem mais perceptíveis.

Antes de mais nada, é preciso dizer que em Rojava ainda há hospitais controlados pelo governo, um em Qamişlo e outro em Derika Hemko, mas o regime paga o salário apenas dos médicos, todas as demais necessidades financeiras hospitalares precisam ser cobertas pela autoadministração. De todo modo esses hospitais atendem a um número insignificante da população, uma vez que a maioria dos serviços médicos especializados não podem ser empregados por ausência de fundos, material ou pessoal que os saiba executar.

A maior parte dos atendimentos são efetivados nos centros médicos criados e geridos pelo Tev-Dem por meio das comunas ou conselhos. Originariamente havia cerca de setecentos médicos em Rojava, atualmente devem restar em torno de cem para dar conta de uma população de mais de 4,5 milhões de pessoas. A esses somam-se por volta de 190 médicos de Heyva Sor a Kurdistanê (Crescente Vermelho Curdo), que trabalham de forma voluntária, sendo que a maioria deles ainda não completou o curso de medicina. Faltam médicos especializados, não havendo, por exemplo, nenhum neurocirurgião que possa tratar casos de traumatismo por tiros na cabeça. Assim, os médicos realizam suas cirurgias em condições muito precárias.

Além disso, a maioria dos hospitais e infraestruturas médicas foram destruídas pela guerra, por exemplo, o hospital de Serê Kaniyê durante um tempo esteve instalado em uma antiga fábrica de fosfatos, uma vez que o edifício original foi arrasado. Mas o principal problema é a falta de remédios. O embargo im-

posto à região de Rojava impede todo e qualquer atendimento, não entram sequer remédios ou ambulâncias. A maioria dos remédios é contrabandeada ou trazida por algum comboio de ajuda humanitária que consegue cruzar a fronteira com o Iraque ou a Turquia sem ser saqueado pelos policiais responsáveis pela fiscalização. A essa carência soma-se a inexistência de bancos de sangue em toda a Rojava.

No caso de baixas durante os combates são feitos anúncios por meio de megafones e rádio pedindo à população que faça doação de sangue para uso imediato. Acrescente-se que o equipamento médico dos hospitais foi quase totalmente destruído ou saqueado e não há equipamento para monitorar os pacientes, para auxiliar a respiração ou mesmo para diagnósticos básicos. A frota de ambulâncias também foi bastante reduzida, restam apenas trinta, que estão parcamente equipadas e não estão adaptadas para o transporte fora das estradas, como é necessário na região.

Outro problema tem sido o massivo deslocamento de refugiados para Rojava, provenientes de outras áreas da Síria e do Iraque. Por exemplo, quando no verão de 2014 as YPG e YPJ intervieram em Sinjar para salvar a população *yazidi* do genocídio que estavam sofrendo nas mãos do ISIS, chegaram 100 mil refugiados de uma vez ao cantão de Cizire. Todos com necessidades médicas muito graves, muitos estavam há dias sem comer nem beber, expostos aos rigores do clima. Todos foram atendidos com os meios de que dispunham.

Em face dessa precariedade material e pessoal e das enormes necessidades da população, muitos esforços estão sendo feitos para garantir o acesso à saúde de forma gratuita para todos. O objetivo é atender a todos, a despeito da origem étnica ou religiosa⁷³, pois creem que o acesso à saúde tem que ser a custo zero ou a um custo muito baixo. Para que se concretize esse

⁷³ Atendem inclusive os prisioneiros do ISIS que têm sob sua custódia, fato quase inacreditável, já que os milicianos das YPG e YPJ que são por eles aprisionados esperam no mínimo a decapitação.

ideal, contam com a solidariedade deles mesmos. Os Conselhos Populares criam, financiam e gerenciam as instituições de saúde básicas onde se realizam a maior parte dos cuidados. Às vezes cobra-se por alguns serviços médicos, mas só em relação àqueles que dispõem de meios para pagá-los.

De toda forma, estão procurando mudar o enfoque clássico da medicina, um médico explicava: “Bem, acreditamos que o melhor enfoque sobre a saúde pública é a prevenção, a maioria das enfermidades são causadas pelo estresse. Acreditamos que, se o estresse for reduzido, os níveis de doenças cardiovasculares, diabetes, inclusive cânceres, irão diminuir. Por isso nosso plano é, em último caso, reorganizar as cidades para que tenham 70% de espaço verde”.

A ideia não é apenas criar um sistema de saúde moderno e gratuito, mas também reunir e difundir os conhecimentos sobre tratamentos e prevenção, de tal forma que deixem de ser atribuições apenas de especialistas. Acreditam que, se as pessoas forem mais conscientes de como funciona a saúde, as doenças serão reduzidas. Também acreditam que modificando o estilo de vida do capitalismo, que isola as pessoas e as desconecta da natureza, as doenças físicas e mentais podem ser reduzidas. Evidentemente, toda essa vontade de mudança se choca com os limites materiais no contexto da guerra.

CAPÍTULO 9

A REVOLUÇÃO DAS MULHERES

Por Editora Descontrol

Libertação da mulher

Uma das características mais importantes do processo que se está vivenciando em Rojava é o papel das mulheres. Deixamos para o final a análise do tema do feminismo, uma vez que é um aspecto da revolução que é transversal e influencia todos os demais. Nos últimos capítulos alguns pontos já foram tocados, porém é pertinente dedicar alguns parágrafos para compreender melhor sua magnitude. Pode-se dizer que o feminismo é um conceito que hoje está presente em praticamente todas as áreas sociais de Rojava influenciadas pelo movimento de libertação curdo partidário do Confederalismo Democrático.

Não deixa de ser surpreendente ver um processo de empoderamento feminino tão radical em uma região como o Oriente Médio, onde encontramos algumas das práticas patriarcais mais extremas. Esse processo é resultado direto do movimento de libertação curdo do PKK e concretamente de suas mulheres, assim como do Confederalismo Democrático de Abdullah Öcalan.

Como explicado antes, para o Confederalismo Democrático o feminismo é a coluna vertebral de todo o processo revolucionário. Em Rojava estão consolidando uma revolução feminista que leva esperança ao restante da região. As pessoas implicadas explicam que uma revolução que não transforma a raiz do *status* das mulheres não é uma revolução, uma vez que deixa intactas as relações de poder sobre a metade da população; e que a liberdade da mulher é inseparável da liberdade de toda a sociedade. Acreditam que as mulheres são “as agentes prin-

cipais na economia, na sociedade e na história”⁷⁴. Além disso, relacionam o sistema estatal com a opressão das mulheres, portanto sem lutar pela autonomia democrática e contra o poder estatal, a libertação da mulher não é possível.

Esse processo de empoderamento da mulher e destruição do patriarcado está se consolidando em todos os níveis: político, produtivo, educativo, militar, etc. Nos meios de comunicação ocidentais só se ouviu falar da presença das mulheres nos combates contra o Estado Islâmico, mas não deram qualquer atenção para seus motivos. É o que se percebe na explicação de Dilar Dirik:

Depois da ascensão do Estado Islâmico, o mundo se deu conta que havia mulheres lutando no Curdistão. Muitas pessoas que desconheciam o que se passava nessa região se surpreenderam com o fato de as mulheres, de uma sociedade que é vista como conservadora e dominada pelo machismo, estarem derrotando a sanguinária milícia fundamentalista do Estado Islâmico. Os meios de comunicação de massas, e inclusive as revistas de moda, se esforçaram para se apropriar e instrumentalizar a luta legítima dessas mulheres como se fosse um tipo de fantasia sexy ao estilo ocidental. Centraram seus interesses em elementos frívolos e superficiais, como “os milicianos do Califado têm medo das mulheres curdas porque se uma mulher os matar não irão ao Paraíso”. Mas ignoram que há algo além da luta armada neste conflito. O que há é um projeto político de emancipação radical.⁷⁵

Tentaremos pôr um pouco de luz sobre esse aspecto tão essencial da Revolução de Rojava.

74 BIEHL, Janet. Dezembro de 2014, “Pobres en recursos, rics en esperit (entrevista a Janet Biehl, trad. Joan Enciam), in: <http://www.upaya.es/?p=1858>. Acesso em 6 de maio de 2016.

75 Directa, “El que hi ha a Kobane és un projecte polític d'emancipació radical”, entrevista a Dilar Dirik, 6 de novembro de 2014, in: <https://directa.cat/que-ha-kobane-es-un-projecte-politic-demancipacio-radical>.

Autodefesa

O movimento político revolucionário em Rojava sempre teve o feminismo como um de seus fundamentos, uma vez que se inspirou no Confederalismo Democrático. Ainda assim o início da expansão do feminismo na região pode ser encontrado nas *Yekineyên Parastina Jinêou* (Unidades de Defesa das Mulheres – YPJ). As YPJ são a contraparte feminina das YPG, mas mantêm sua autonomia e estrutura própria. Foram formadas em 2012, depois de um congresso no qual se discutiu a necessidade de criar uma estrutura feminina própria, como forma de empoderamento e para demonstrar a capacidade das mulheres de assumir as tarefas militares no mesmo patamar que os homens. Antes da revolução já havia organizações autônomas e guerrilhas de mulheres, mas as estruturas patriarcais tradicionais imperavam em toda a sociedade. A formação das YPJ permitiu às mulheres um espaço de autonomia, onde puderam lutar pela liberdade e ganhar consciência política e social. O fato de se juntar a outras mulheres fez com que se empoderassem, que pudessem desenvolver suas próprias habilidades, sem limitações. E o mais importante: lhes deu as ferramentas para defender sua liberdade.

Uma vez criadas as YPJ, foi redigido um código de funcionamento interno, no qual se procurava criar uma estrutura que fosse a mais democrática possível. Tiveram início também trabalhos que iam além da formação militar, oferecendo-se cursos de formação política, social, de feminismo e outros temas que lhes pareciam convenientes.

Aos poucos foram ganhando respeito da sociedade, enquanto no campo de batalha demonstravam a maior valentia e determinação. Muitas mulheres, em especial garotas, começam a se unir à guerrilha como forma de escapar dos ambientes tradicionais e asfixiantes das famílias. Elas veem as YPJ como uma opção de libertação pessoal e coletiva.

O respeito e admiração adquiridos serviram para que o discurso das mulheres começasse a se espalhar por toda a sociedade e o movimento feminista repercutisse para além das YPJ.

As mulheres do movimento acreditam que um dia uma organização com as YPJ já não será mais necessária, uma vez que poderão estar integradas dentro das YPG sem que isso presuponha uma renúncia às suas demandas. Todavia, para elas é claro que, mesmo num futuro próximo, as YPJ continuarão existindo como uma organização armada feminina independente, uma vez que são necessárias para atuar como um contrapeso às milícias tradicionalmente masculinas, como a YPG.

Tomada de decisões

Até fevereiro de 2015, a principal organização civil de mulheres, que agrupava outras organizações, era a Yekitiya Star e tinha sido a principal impulsionadora das transformações feministas no âmbito civil em Rojava. Mas, no último congresso de fevereiro daquele ano, decidiu-se por agrupar no Kongreya Jinên Azad (Congresso das Mulheres Livres – KJA).

A respeito da tomada de decisões já foi explicado que as duas mudanças mais relevantes e visíveis foram o sistema de coliderança e as cotas de gênero de 40%. A partir desses dois mecanismos foi assegurada uma paridade de gênero em todas as estruturas e organizações.

Existe, contudo, outro mecanismo muito importante para entender a relevância política das mulheres no movimento. Esse outro mecanismo é a criação dos Conselhos de Mulheres, que dá origem a uma dualidade do sistema dos Conselhos Populares, por meio da existência de um organismo de mulheres equivalente a cada nível dos Conselhos Populares. As mulheres têm suas próprias comunas não mistas, coordenadas por meio de um sistema de conselhos, como no caso dos Conselhos Populares. Essa estrutura paralela não delibera sobre assuntos

gerais, porém estes são debatidos para que elas formem uma opinião que será levada às reuniões mistas.

Por sua vez, tem competência prioritária de decisão sobre assuntos que afetam especificamente as mulheres. Se ocorre um conflito social, um de ordem interpessoal, por exemplo, uma comissão do conselho popular procura resolvê-lo (normalmente o Comitê de Paz e Consenso). O conselho de mulheres também possui uma comissão como essa, e caso se perceba que a questão envolve mulheres, como em um conflito de violência doméstica, e está em desacordo com o conselho popular, o conselho das mulheres tem o poder de veto, que é sempre aceito. Assim, se uma questão não pode ser resolvida no nível mais baixo, é levada, então, para o nível superior, ainda que se procure sempre trabalhar todos os problemas no âmbito local e de forma descentralizada.

Ainda é preciso detalhar algo mais a respeito de como funciona a eleição no sistema de coliderança, uma vez que as escolhas do homem e da mulher que irão ocupar os cargos são feitas de formas diferentes. O homem, por seu turno, é escolhido na reunião correspondente do sistema de Conselhos Populares entre todas as pessoas que participam. Já na eleição da mulher participam apenas mulheres, sendo a escolha efetuada no âmbito dos Conselhos de Mulheres. Portanto, vemos que as mulheres participam nas eleições dos dois representantes, ao passo que os homens só participam na eleição do representante masculino.

Um dos principais objetivos dos conselhos de mulheres é o empoderamento das mulheres e sua politização, por isso é feito um esforço para que todas as mulheres participem deles. Para atingirem essa meta, duas vezes por mês são feitas visitas a diferentes casas para falar com as mulheres que ainda não participam. Tal como elas mesmas explicam: "Muitas ainda estão influenciadas pela lógica do Estado, e não veem a si mesmas como alguém que possa gerenciar seus próprios assuntos. Têm

filhos e há brigas em casa. As crianças brincam nas ruas todos os dias em vez de ir à escola. Isso tudo nos preocupa.”⁷⁶

Os conselhos de mulheres não são apenas espaços de tomada de decisão, são também espaços de trabalho político, de formação e de apoio mútuo.

Educação

Para o movimento das mulheres o ponto principal para o empoderamento e para a destruição do patriarcado é a educação, uma vez que não apenas precisam mudar as condições objetivas para conseguir uma participação efetiva das mulheres, mas também precisam mudar as condições subjetivas. Foram criados periódicos nos quais são discutidas as condições de organização das mulheres e do desenvolvimento político, eles são distribuídos a um preço baixo e em diferentes idiomas para que todas os possam ler. Em relação aos meios de comunicação explicam que “antes havia uma televisão ligada 24 horas em todas as casas, com programação turca em língua árabe. Com a interrupção da energia as televisões também paravam, e a mente das pessoas ficou livre para fazer outras coisas”⁷⁷. Outro dos fatores contextuais é que as mulheres com frequência se casam muito jovens, inclusive menores de idade. Tenta-se mostrar a essas mulheres que poderão ter uma vida melhor caso se eduquem.

Uma das tarefas que se fazem nos conselhos de mulheres é a instrução. Por exemplo, uma vez por semana fazem seminários nos quais são lidos livros para serem discutidos ou realizam debates sobre temas concretos. Ainda assim a educação feminina não está reservada apenas para as mulheres. Em todas as partes onde haja formação de qualquer tipo, aproveita-se para introduzir formação de gênero, dessa forma o trabalho de formação também é feito entre os homens e entre as crianças. Nas academias de treinamento

⁷⁶ Michael, “Democratic Autonomy em Rojava”, *in*: New Compass, 10 outubro de 2014 *in*: <http://new-compass.net/articles/revolution-rojava>.

⁷⁷ *Ibidem*.

das forças de defesa e seguridade ou nas academias profissionais, por exemplo, sempre há aulas extras de feminismo.

O espaço principal de instrução feminista para as mulheres são as academias de mulheres, que procuram romper com as definições e construções sociais masculinas e criar uma nova estrutura social, na qual a educação seja veiculada por meio da identificação das mulheres. Nas academias é onde se cria a mudança de paradigma. Na sequência está transcrito outro fragmento do já citado artigo de Janet Biehl sobre educação e um fragmento de uma entrevista com Dorşin Akif, professora dessas academias.

Fragmento sobre a Academia Yekitiya Star, Rimêlan⁷⁸

A *Akademiya Yekitiya Star* (Academia de Mulheres) de Rimêlan vai além da estratégia educativa da Academia da Mesopotâmia. Fundada em 2012, seu propósito é educar quadros femininos revolucionários, razão pela qual, naturalmente, a ênfase ideológica é mais forte. A Delegação Acadêmica a visitou em 3 de dezembro de 2014.

Durante os últimos trinta anos, disse a professora Dorşin Akif, as mulheres participaram do movimento curdo de libertação, primeiro como combatentes, depois nas instituições de mulheres. Há três anos as mulheres curdas criaram a *Jineoloji*⁷⁹, ou “ciência das mulheres”, que consideram a confluência das experiências acumuladas nessas décadas. Na academia de Rimêlan as estudantes recebem primeiro uma visão geral da *Jineoloji*, “a aula do conhecimento do que foi roubado das mulheres” e que hoje podem ser por elas recuperado. “Estamos tentando superar a inexistência das mulheres na história. Tentamos compreender como se produzem e se reproduzem os

78 BIEHL, Janet. “Two Academies in Rojava”, 7 de fevereiro de 2015, <http://www.biehlonbookchin.com/revolutionary-education/>

79 N. do E.: ao pé da letra “Ginealogia”, mas também pode ser expresso como *Jineologia*, uma vez que “jin” é mulher em curdo, muito próximo do étimo grego *gineo* (mulher), que aparece em palavras como “ginecologia”.

conceitos dentro das relações sociais existentes, então desenvolvemos a nossa própria compreensão. Queremos estabelecer uma interpretação autêntica da história, observando o papel da mulher e nela lhe dando visibilidade”.

A Jineoloji, disse Dorşin, considera a mulher como “o principal agente da economia, e a economia como a principal atividade da mulher. Embora a modernidade capitalista defina a economia como uma responsabilidade primordial do homem. Afirmamos que isto não é verdade, que sempre e em todos os lugares as mulheres são os principais agentes na economia”. Devido a essa contradição basilar, aparentemente a modernidade capitalista será derrotada com o tempo.

A maneira pela qual as pessoas interpretam a história afeta a maneira como elas agem, disse Dorşin, por isso “falamos de organização social pré-suméria. Também observamos como surgiu historicamente o Estado e como foi construído esse conceito”. Mas poder e Estado não são a mesma coisa. “O poder está em toda parte, mas o Estado não. O poder pode se manifestar de diferentes maneiras”.

O poder, por exemplo, está presente nas democracias de base, que não têm nada a ver com o Estado. Na Jineoloji, as mulheres são consideradas democráticas por excelência. A Academia Star educa seus estudantes (que ainda são principalmente mulheres) nos valores de Rojava. “Nós observamos os mecanismos políticos – as assembleias de mulheres, as comunas de mulheres; e as assembleias gerais (mistas), as comunas gerais, as assembleias distritais. Aqui em Rojava sempre há tantos grupos mistos quanto exclusivos de mulheres. Nos mistos, a representação de mulheres é de 40% e sempre há uma copresidência para assegurar a igualdade.”

Na Academia Star, como na Academia da Mesopotâmia, ensina-se os estudantes a serem sujeitos com “o poder para debater e construir”. “Não há professor e aluno. A aula se baseia em compartilhar experiências.” Os alunos variam desde adolescentes até

bisavós. “Alguns têm carreiras universitárias e outros são analfabetos. Cada um tem conhecimentos, tem a verdade de suas vidas, e todo conhecimento é essencial para a gente. As mulheres mais velhas têm experiência. Uma mulher aos dezoito anos tem entusiasmo, as novas gerações representam o futuro.”

Todo programa culmina com uma sessão final chamada “A plataforma”. Aqui cada estudante se levanta e diz como participará na democracia de Rojava. Irá se unir a alguma organização, ou às YPJ, ou participará de um conselho de mulheres? Que tipo de responsabilidade irá assumir?

Perguntamos a Dorşin o que se ensina na academia sobre gênero (uma palavra que não existe em curdo). “Nosso sonho”, disse, “é que a participação e o desenvolvimento da sociedade por parte das mulheres irão mudar os homens, e farão surgir um novo tipo de masculinidade. Os conceitos de homem e mulher não são biológicos – contra isso nos opomos. Definimos o gênero como masculino, e a masculinidade em conexão com o poder e a hegemonia. É evidente que acreditamos que o gênero é uma construção social”.

Além disso, explicou, o problema da mulher não está apenas nos campos relativos às mulheres: “está entranhado na sociedade, por isso a exclusão das mulheres é um problema da sociedade. Temos que redefinir as mulheres, a vida e a sociedade. O problema da liberdade da mulher é o problema da liberdade da sociedade”.

Por fim, citou uma frase de Öcalan, “Mate o homem” que se transformou num lema, cujo significado é “o homem masculino tem que mudar”. Da mesma forma, a subjetividade colonizada das mulheres, ou feminilidade tem que ser eliminada. O objetivo social encarnado pela academia é derrotar a dominação e o poder hegemônico e assim “criar uma vida igualitária juntos”.

Fragmento de uma entrevista sobre o sistema educacional em Rojava⁸⁰

Derya Aydın: Existem academias de mulheres. Pode nos falar sobre elas? Que diferença há na educação aqui?

Dorşin Akif: As mulheres, que não são consideradas como poder social, identificam-se a si mesmas nas academias, e tentam compreender seu lugar na história. As mulheres não possuem lugar na estrutura social construída. As instituições sociais estão associadas aos homens. O importante para nossas academias é nos livrarmos dessas definições. Para isso, é preciso uma mudança da estrutura social que foi construída pela mentalidade e pelo discurso masculino. E isso exige que a educação seja tecida pela identidade das mulheres.

No sistema patriarcal de educação, é preciso que haja um limite de idade, e as aulas são programadas conforme as faixas etárias, não é assim? Mas essa situação é distinta aqui. Por exemplo, quando tivemos uma sessão de instrução para a Assembleia de Yekitiya Star, algumas de nossas amigas foram treinadas ao lado de suas mães. Algumas das mulheres tinham 60 anos, enquanto que outras tinham 18. Notamos que existe um vazio geracional por conta das estruturas de poder. Estes são problemas que surgem quando se impõem limites.

Nas relações livres nenhuma idade é um problema, pois tudo se centra em compartilhar experiências. É importante ver a experiência de uma pessoa de 60 anos como uma forma de poder, mas essa experiência deve ser compartilhada e deve transformar o nosso entorno. Fazendo uma comparação, uma pessoa educada na escola do sistema patriarcal ganha um *status* mais elevado na sociedade, ao passo que em nossas academias ser educado não te dá um *status* superior. A Educação é uma ques-

⁸⁰ An Interview with Dorşin Akif por Derya Aydın in: <http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/education-system-in-rojava/538-education-system-in-rojava.html>. Acesso em 8 de maio de 2016.

tão de contribuir com a vida e as relações sociais. Não é um *status*, mas sim uma qualificação que precisa ser compartilhada.

Devido ao fato de nossa academia de mulheres englobar todo o cantão, a maior parte da formação se dá em aulas fechadas. Logo, quem frequenta o curso pode ficar aqui. Assim tudo se faz na companhia das demais. Toda noite um grupo de alunas fica de guarda para a segurança das outras. A vida diária começa com esportes pela manhã. Em seguida começam as aulas. Uma vez que as aulas da manhã terminam, as da tarde continuam com notícias. As aulas vespertinas são principalmente visuais e procuram complementar as demais aulas com cinema alternativo ou documentários.

Justiça feminista

Outro campo no qual se tem vivido uma grande mudança é o da resolução de conflitos. Em Rojava as mulheres se auto-organizaram para lidar com situações como a violência machista, e são elas que têm a autoridade nesses temas.

Dentro dos Asayish há a corporação das Asayish-J, que é composta unicamente por mulheres e tem a competência exclusiva sobre conflitos de gênero como os maus-tratos domésticos, crimes nos quais mulheres estejam envolvidas, temas de infância ou conflitos de ódio religioso, étnico ou tribal. A razão pela qual, em todos esses campos, a gestão está exclusivamente nas mãos das mulheres deve-se a principalmente dois motivos: porque acreditam que são mais capacitadas para a mediação e porque os assuntos que envolvam mulheres devem ser resolvidos por elas.

As Asayish-J efetivaram muitas iniciativas para reduzir a violência contra as mulheres. Nesse sentido, foram criadas as casas de mulheres (*Mala Jinan*), nas quais membros da Asayish-J fazem turnos permanentemente. Em fevereiro de 2015 já tinham sido criadas mais de trinta casas, e outras já estavam projeta-

das. Nessas casas é proibida a entrada de homens, o que lhes confere um ambiente de maior segurança.

São espaços nos quais qualquer mulher maior de 15 anos pode ir buscar refúgio e hospedar-se por quanto tempo for necessário. Nelas também são dados vários tipos de aula de forma gratuita, mas a função principal dessas casas é discutir os temas que afetam as mulheres na vida cotidiana e tentar encontrar uma solução para seus problemas. É, em suma, um espaço de apoio mútuo.

Qualquer questão relacionada com violência machista é levada a essas casas de mulheres, que analisam o caso. As famílias são comunicadas, e, na hipótese de ter havido alguma agressão, a mulher pode pedir apoio às Asayish-J, que dão todo tipo de assistência: psicológica, econômica, etc. Em geral quando uma mulher vai até a casa de mulheres é aberto um processo para o caso. Procura-se analisar o ocorrido, as necessidades da mulher e tenta-se chegar a uma solução. Os processos não possuem prazo fixo, duram o tempo que tiverem de durar. Ainda que se consiga encontrar uma solução, o caso não é encerrado, uma vez que, durante um tempo, há um monitoramento para se assegurar que as ocorrências não voltem a se repetir.

Não é sempre que as mulheres precisam se dirigir às casas de mulheres para buscar ajuda, pois foi criada uma linha de telefone para atender a questões de temas patriarcais, como evitar suicídios de mulheres agredidas ou atender a chamadas de socorro. Algumas vezes é o próprio pessoal das casas de mulheres que vai a uma família específica porque sabem que houve maus-tratos ou briga de qualquer tipo. Graças ao sistema de comunas e à descentralização, conhecem intimamente todas as famílias, sua situação econômica e se há brigas ou conflitos.

É importante destacar nesse sentido que as casas de mulheres ganharam muito prestígio e respeito na sociedade e que conseguiram fazer com que a violência contra as mulheres seja muito malvista socialmente. Alguns dos mecanismos empregados nessa mudança afetam os homens. Assim, no caso de um

homem que tenha agredido uma mulher, ele fica impedido de participar de qualquer espaço político, não podendo participar da tomada de decisões, e para recuperar seu direito precisa receber durante certo tempo instrução sobre feminismo e igualdade de gênero. Além disso, muitas práticas machistas foram proibidas, como os casamentos forçados ou com crianças, os dotes da noiva, a poligamia, a violência doméstica ou os assassinatos de honra. Todas essas são práticas costumeiras na cultura tradicional e conservadora do Oriente Médio.

Ainda quanto ao tema, é preciso levar em consideração o papel de Abdullah Öcalan no momento de compreender como foi possível que o feminismo ganhasse tanta importância em uma sociedade tradicionalmente patriarcal. A reverência e o respeito que ele tem como líder por parte da grande maioria de curdos fazem com que suas palavras e ideias políticas tenham imensa influência. Não é estranho ver, pois, que os homens curdos, especialmente os do movimento de libertação, tenham aceitado e incorporado o discurso feminista em seu dia a dia a partir de quando Öcalan disse que o feminismo tem que ser a coluna vertebral do movimento revolucionário curdo. Isso não quer dizer que não tenha sido um processo sincero, apenas que a veneração do líder facilitou a incorporação dos princípios feministas e a aceitação do trabalho de desconstrução e da renúncia aos privilégios.

Antifundamentalismo de gênero

Conforme os motivos já expostos, o feminismo está bastante difundido entre os curdos, mas entre os demais grupos há algumas reticências em aceitar algumas de suas premissas. Como no caso de algumas comunidades árabes muçulmanas que se opõem a essas políticas, pois sentem que são uma violação a seus princípios religiosos básicos. Como influenciar mais as mulheres árabes ainda é uma questão a ser solucionada, apesar de que aos poucos alguns passos tenham sido dados, uma vez que, por exemplo, al-

gumas mulheres árabes já tenham começado a recorrer às casas de mulheres para encontrar solução para seus problemas.

Já entre a comunidade assíria, a repercussão tem sido muito maior. As mulheres assírias também começaram a se organizar, assistindo aos seminários feministas das curdas e organizando os seus próprios. Também criaram suas próprias organizações e se juntaram às casas de mulheres e aos conselhos de mulheres, fato que gerou um impacto positivo entre as mulheres árabes, uma vez que romperam com a ideia de que o feminismo é um conceito curdo.

O mais importante nesse aspecto é que todas as mulheres se identificam entre si para compartilhar o mesmo conjunto de problemas e lutam para introduzir mudanças em toda a população, não apenas nos membros de um grupo étnico ou social.

Empoderamento econômico das mulheres

Por fim, também é preciso falar de economia. Para o movimento feminista de Rojava uma das principais tarefas tem sido o empoderamento econômico das mulheres. Para todas as comunas, a criação de cooperativas de mulheres é uma prioridade. Tanto é assim que se pode ver por todo o território de Rojava um incontável número de iniciativas desse tipo que começaram financiadas pelas comunas. Procurou-se dotar as mulheres de recursos próprios para que possam ser independentes e não precisem depender dos homens. Essa mudança nas tarefas que cada gênero desenvolve gerou também uma mudança nas relações de poder de gênero nas estruturas familiares.

Mas há outra razão para a criação das cooperativas. As mulheres até agora não tinham participação na vida pública, não eram vistas em cafés nas ruas ou nos espaços públicos em geral. Essa era uma esfera masculina, as mulheres tinham que ficar relegadas à casa. Criar cooperativas de mulheres em diferentes campos aumenta a presença feminina no âmbito público e interrompe essa separação.

Além disso, muitas dessas cooperativas estão tentando agregar as mulheres árabes desalojadas pela guerra, com o objetivo

de estender o feminismo e de aumentar a coesão social entre os refugiados e os residentes autóctones.

Nota final sobre o feminismo

Apesar do imenso trabalho realizado pelo movimento das mulheres, muitas práticas patriarcais ainda persistem na sociedade de Rojava. É evidente que obter uma mudança nesse aspecto levará muito tempo, e elas mesmas estão conscientes disso. Contudo, não se pode deixar de louvar o grande progresso e o grande exemplo que deram para todos os movimentos de libertação da mulher de todo o mundo.

Como resumo pode-se dizer que as mulheres, e a sociedade em geral, em Rojava não lutam apenas contra o ISIS, mas também pela libertação da mulher, pela igualdade de gênero e por um projeto de emancipação social. E o fazem com ideias e armas. É o que explica uma das milicianas da YPJ:

Não lutamos apenas contra o ISIS, lutamos para mudar a mentalidade e para demonstrar o poder das mulheres em todo o mundo. Nós, das YPJ, estamos em guerra em Rojava por necessidade. Nossas ideias vão além de Rojava. Queremos lutar em escala global. Queremos que o mundo nos conheça por nossas ideias, não por nossas armas.⁸¹

81 BIEHL, Janet. 22 de dezembro de 2014, "Visit to the YPJ, December 7, Amuda" <http://www.biehlonbookchin.com/visit-with-ypj>. Acesso em 9 de maio de 2016.

EPÍLOGO

Por Editora Descontrol

Para concluir, pode-se dizer que o processo de Rojava não está isento de problemas, zonas cinzentas ou contradições. É um processo revolucionário que está sendo conduzido em meio a condições duríssimas e com precedentes muito desalentadores. Todavia estão conseguindo levar adiante esse projeto e estão oferecendo um exemplo a ser seguido pelos revolucionários de todo o mundo. Evidentemente a luta não pode ser disputada em todas as partes da mesma forma, mas sua teoria e práxis são suficientemente flexíveis para servirem de inspiração em qualquer contexto. Em todo caso, por certo, há algumas lições bem valiosas.

A primeira é que as mudanças sociais não são gratuitas, exigem muito esforço e sacrifícios. O movimento de Rojava demonstrou uma determinação, uma coragem e uma capacidade de sacrifício fora do comum. Os militantes têm demonstrado também uma grande disciplina, uma disciplina revolucionária, mas não coerciva, o que lhes permitiu centrar-se no que era importante.

Por sua vez, apresentam um grande pragmatismo, capacidade de ceder e de fazer autocrítica. Pois, passar de um movimento marxista-leninista para outro de aspiração libertária tem muito mérito. O questionamento das próprias propostas e a capacidade de mudança são as evidências de um movimento muito saudável e que, sobretudo, permitiram a eles ter uma relação não dogmática com sua própria ideologia. Criam os conceitos ideológicos a partir da prática, e não o inverso.

Também é muito interessante a concepção do seu projeto político baseado no Confederalismo Democrático. Para o movimento revolucionário esse projeto não é uma proposta de como se deveria organizar a sociedade em um mundo ideal ou

o modo de produção que será implementado depois da revolução. Para eles e elas o Confederalismo Democrático representa um processo, é um modelo que se adapta, que é mutável e flexível, pelo qual se vai construindo a sociedade que se almeja. O Confederalismo Democrático não é o objetivo, mas sim o meio pelo qual se chega a ele.

Por tudo isso, os movimentos contestatórios ocidentais deveriam reformular muitas coisas, tais como o uso das etiquetas ideológicas ou o dogmatismo teórico, que levam a estabelecer diferenças entre movimentos que talvez não sejam assim tão diferentes e a ver adversários onde se poderia ver camaradas. É preciso atualizar as propostas políticas, bem como as estratégias. Devem desocupar as torres de marfim de onde analisam a sociedade para passar a ter um contato mais direto com a realidade social, que muitas vezes levará a contradições práticas e também a uma busca por novas soluções. É preciso ainda abandonar as comodidades da vida cotidiana nas quais todos, em maior ou menor medida, vivemos. Ter uma vida consequente deixa de ser uma opção política para se tornar uma necessidade revolucionária.

Por fim, o principal aprendizado parece ser a compreensão de que a transformação social não é um acontecimento, e sim um processo. Um processo longo, que vive momentos de aceleração e outros de acomodação, mas que só avança se existir organização, determinação e força.

POSFÁCIO

POR QUE A REVOLUÇÃO DE ROJAVA TAMBÉM É NOSSA?

por Comitê de Resistência Popular Curda de São Paulo, Brasil

O livro *A Revolução Ignorada* joga luz sobre um processo revolucionário em andamento neste exato instante no Oriente Médio, o qual envolve a histórica reivindicação dos curdos de ter seu próprio país, mas que passa por uma importante reformulação paradigmática que faz com que se dissolva qualquer limitação ou crença no Estado e no estatismo, e muito menos se dá nos limites estreitos do nacionalismo. Essa revolução tem sido ocultada dentro de um confuso e superficial fluxo de notícias e desinformação, ainda mais por ser travada em meio a um sem-número de conflitos e tensões, sobretudo a rumorosa guerra civil na Síria. A proposta desta publicação é, portanto, construir um panorama histórico e estrutural desse fenômeno, com particular enfoque sobre a Revolução de Rojava.

O conflito deflagrado junto aos protestos de 2011, conhecidos como Primavera Árabe, chegou aos países nos quais o Curdistão está situado. Na Síria, depois do governo do presidente Bashar Al Assad reprimir os manifestantes sanguinariamente e, simultaneamente, forças pró-Occidente se aproveitaram da situação para disputar o poder, a tensão implicou em uma guerra civil.

Após o choque inicial entre o Estado sírio e forças pró-Occidente como, por exemplo, Exército Livre Sírio (FSA em inglês), houve um cenário de destruição mútua entre tais forças, a qual ainda puniu severamente a população civil e abriu espaço para a entrada de forças extremistas islâmicas no conflito – dentre elas, principalmente, o Estado Islâmico do Iraque e Síria uma organização wahabista voltada para a construção de um

novo califado na região, na prática misturando a guerra civil na Síria com os conflitos do Iraque pós-Saddam Hussein.

O resultado é trágico: até o presente momento, 400 mil⁸² pessoas já perderam suas vidas, e milhões estão em situação de refúgio⁸³, sujeitas a todo tipo de violência física, psicológica e simbólica. A situação dos refugiados tornou-se, inclusive, ferramenta política de barganha, utilizada por países como a Turquia, para garantir o silêncio de países europeus, membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e entidades internacionais sobre os abusos e massacres que cometem contra diversas minorias em seu próprio território.

Junto às atrocidades do ISIS, a imprensa ocidental “redescobre” uma minoria étnica que passa por um de seus piores momentos na história recente: os curdos. Considerados por muitos a maior etnia sem um Estado-nação, com algo entre 20 e 30 milhões de pessoas⁸⁴, alocadas entre Turquia, Síria, Irã e Iraque.

82 Este número é uma estimativa, de acordo com o Syrian Centre for Policy Research 470 mil pessoas morreram até fevereiro de 2016. Um enviado da ONU estimou, em abril de 2016, 400 mil mortes. O Syrian Observatory for Human Rights estimou que até março de 2016 já havia ocorrido 402.819 mortes.

83 Em março de 2016 a Anistia Internacional estimou que havia ao menos 4,5 milhões de refugiados apenas na Turquia, no Líbano, na Jordânia, no Iraque e no Egito. No Líbano, por exemplo, os refugiados já representam um quinto da população total.

84 Segundo Mino Alinia, é possível estimar que existam 28.216 milhões de curdos no mundo, sendo que entre 7 e 8% estão espalhados entre territórios da ex-União Soviética, Europa, Canadá, EUA e Austrália; de acordo com estudo de 2015. De qualquer forma é consenso que é praticamente impossível se chegar a cálculo correto por não haver um Estado próprio e pelos curdos estarem dispersos em diversas regiões. Além disso, por questões de segurança os Estados não levantam estatísticas específicas sobre curdos ou não as tornam públicas, sendo possível apenas estimar qual seria esse número. É necessário também se atentar ao fato de que os estudos se concentram em quem fala curdo como primeira ou segunda língua e, considerando a repressão à língua curda e os curdos assimilados que perderam contato com a língua ao longo das gerações, dificulta a precisão. Também, curdos em diáspora chegam com passaportes dos países dos quais provêm, sendo difícil identificar quantos são.

Os curdos chamaram a atenção quando, em outubro de 2014, a então invencível milícia do Califado tomou diversos vilarejos e desalojou cerca de 300 mil curdos no cerco à cidade de Kobane. A resistência dos curdos contra os *jihadistas*, que estavam em maior número e equipados com tanques e armas norte-americanas – deixadas nas mãos do derrotado exército iraquiano –, tinha todos os indícios de que seria mais uma narrativa trágica do Oriente Médio aos olhos da imprensa.

No entanto, a inesperada resistência, a descoberta da existência das *Yekineyen Parastina Jinê* (Unidades de Defesa das Mulheres – YPJ), milícia feminina de autodefesa, e as manifestações internacionais de solidariedade, garantiram uma cobertura extensa do conflito.

A ilustração completa dessa guerra mostra que enquanto a resistência é a negação real do fascismo, existe, do lado positivo, a construção de um sistema político revolucionário. O que não se noticiou e que ainda tem pouco espaço na mídia ocidental é justamente esse modelo político democrático e autônomo da população, considerado radical para os padrões políticos atuais.

Desde dezembro de 2013, quando foi estabelecido um contrato social entre as comunidades de Rojava, compostas pelos três cantões autônomos de Efrin, Kobane e Cizire, até 2016, os curdos permanecem apostando nesse sistema político no qual as decisões são tomadas de baixo para cima.

Mesmo sob a pressão do regime de Assad, das milícias braços da Al-Qaeda, de forças conservadoras da oposição, dos fundamentalistas do ISIS e do governo turco (que atualmente massacra sua própria população curda), estabeleceu-se nesse território, em meio à sangrenta guerra civil, uma política com base na democracia direta, no protagonismo feminino e na ecologia social.

Além da gestão horizontal baseada nos princípios da democracia radical, outro processo ganhou destaque: a articulação revolucionária promovida pelo Movimento de Libertação das Mulheres do Curdistão contra a opressão do sistema capitalista

e patriarcal, que chamou a atenção do mundo ao desferir as maiores derrotas do ISIS em Kobane. Após 146 dias de combate, o movimento curdo declarou a libertação da cidade em janeiro de 2015. Com princípios ideológicos próprios, a organização das mulheres é uma das principais linhas de frente na luta do povo curdo há mais de trinta anos.

É importante ressaltar que um dos principais argumentos em favor da revolução curda é que somente por meio da libertação da mulher toda a sociedade será livre. Para isso surgiu a proposta de estudo por meio de um campo científico, a *Jinealogia*⁸⁵, que contrapõe a visão predominantemente masculina do conhecimento e contribui para a criação do sistema de gestão democrática que segue os princípios do Confederalismo Democrático.

A participação das mulheres no *Partiya Karkerên Kurdistan* (Partido dos Trabalhadores do Curdistão – PKK) não foi incentivada desde sua fundação, elas viveram, dentro do próprio partido, experiências que replicavam as mesmas opressões estruturais patriarcais que tanto combatiam. Nessa condição decidiram seguir participando do movimento de libertação curda, entretanto, organizadas autonomamente.

A primeira organização de mulheres curdas foi fundada em Hannover, Alemanha, em 1987, com o nome de *Yêkîtîya Jinên Welatparêzên Kurdistanê* (União de Mulheres Patrióticas do Curdistão – YJWK). A participação das mulheres nas atividades de guerrilha, marcada pelas primeiras unidades de proteção de mulheres, em 1993, se somou ao crescimento da participação das mulheres também nas organizações sociais e políticas. Em todos esses âmbitos, as mulheres demonstraram sua força e grande capacidade ao implementar seus próprios sistemas auto-organizativos.

Nos anos 1990, o PKK entra em um período de transição, que consolida novas teorias libertárias para remodelar a ideia de Estado, resultante do processo patriarcal que se arrasta por mais de 5 mil anos, uma cultura machista e misógina que co-

⁸⁵ Ver nota 79.

lonizou o corpo da mulher e abriu precedentes para variados tipos de exploração.

A sociedade capitalista se apresenta na forma atual do patriarcado, sustentada pelo Estado e pela hierarquia que remonta ao controle do sacerdote (a igreja) sobre os corpos dos súditos (a família), em que a reprodução do Estado em microescala prende a mulher à escravidão da esfera privada, sendo obrigada a cumprir todos os afazeres domésticos, por exemplo. A quebra desse paradigma patriarcal passa a ser condição necessária para a construção de uma sociedade justa, igualitária e democrática. Essa teoria só passa a ser colocada em prática com a luta das mulheres dentro da estrutura, com um trabalho de desconstrução da masculinidade, que possibilitou, por exemplo, que recentemente, quando perguntada se os homens estranhariam ser comandados por uma mulher, a comandante da operação de libertação da cidade de Raqqa, Rojda Felat, respondesse:

Quando olhamos para a Revolução de Rojava, são as mulheres que são a vanguarda da revolução. Arin Mirkan foi um exemplo disso. Essas camaradas nos mostraram o caminho a seguir. Nossos companheiros homens estão acostumados com este caminho e não se surpreendem mais com isso, eles nos respeitam e nos apoiam.

Todavia, a Revolução de Rojava não se restringe às questões relacionadas ao povo curdo. A luta política dos curdos se tornou uma das mais atuais referências políticas libertárias quando os movimentos da esquerda curda, em especial o PKK, derrubaram por completo o objetivo de libertação do povo curdo através da obtenção de seu próprio Estado-nação. Ao reconhecer a forma Estado-nação, junto com o capitalismo, como a principal responsável pela opressão dos povos, a esquerda curda levou em conta o fato de que, no Oriente Médio, os povos são geridos por um grupo hegemônico geralmente de uma única etnia, religião

ou língua. A crítica ao Estado partiu do entendimento de que ele sempre será uma unidade hierárquica construída para dominação e opressão de classe, etnia, gênero e religião.

A opressão pode ser exemplificada pelo próprio processo que os curdos vêm sofrendo na Turquia. Considerados cidadãos de segunda classe, junto com outras etnias dentro do país, iniciaram, nos anos 1980, uma guerra pela libertação de seu povo na região. Mais de 40 mil já foram mortos nesse conflito que, após breves hiatos, segue até os dias atuais.

Em 2013 se iniciaram as negociações de paz, porém, depois de um pequeno sucesso do partido pró-curdo nas eleições de junho de 2015, a repressão a toda a população curda atingiu escala de um novo conflito. Desde então diversas cidades de maioria curda foram cercadas pelo exército turco. Civis são massacrados diariamente, incluindo dezenas de pessoas escondidas em porões que acabaram sendo queimadas vivas⁸⁶. Uma situação que, segundo a declaração de um observador da ONU, é “muito pior do que ocorreu na Bósnia”.

Essa crítica ao Estado inicia um novo paradigma ideológico para a esquerda e para a população curda, expressa pela obra do líder e fundador do PKK, Abdullah Öcalan. Ele escreve de dentro da prisão, onde se encontra desde 1999, em confinamento solitário, as bases teóricas do Confederalismo Democrático, sistema político e social que seria posteriormente adotado pela esquerda curda, principalmente em Rojava. Nas palavras de Öcalan:

Em contraste com uma compreensão centralista e burocrática de administração e exercício do poder, o Confederalismo representa um tipo de autoadministração política no qual todos os grupos da sociedade e todas as identidades culturais podem se expressar em reuniões locais, convenções gerais e conselhos. Esse entendimento da democracia abre o espaço político

86 Ler “ONU alerta para ‘relatos alarmantes’ no sudeste da Turquia, incluindo execuções e tortura” em <http://bit.ly/2f24ov9>

para todos os estratos da sociedade e permite a formação de grupos políticos diferentes e diversificados. Dessa forma, também aumenta a integração política da sociedade como um todo. A política torna-se uma parte da vida cotidiana. Sem a política, a crise do Estado não pode ser resolvida, uma vez que a crise é alimentada pela falta de representação da sociedade política. Termos como federalismo ou autoadministração, na forma que podem ser encontrados nas democracias liberais, precisam ser novamente concebidos. Essencialmente, eles não devem ser concebidos como os níveis hierárquicos da administração do Estado-nação, mas sim como ferramentas centrais de expressão e participação social. Isso, por sua vez, vai aumentar a politização da sociedade. Nós não precisamos de grandes teorias aqui, precisamos é da vontade de dar expressão às necessidades sociais, através do reforço estrutural da autonomia dos atores sociais e criar as condições para a organização da sociedade como um todo. A criação de um nível operacional em que grupos sociais e políticos, comunidades religiosas ou tendências intelectuais de todos os tipos possam se expressar diretamente em todos os processos de tomada de decisões locais também pode ser chamado de democracia participativa. Quanto mais forte a participação, mais poderoso é este tipo de democracia. Enquanto o Estado-nação estiver em contraste com a democracia, e até mesmo a negá-la, o Confederalismo Democrático constituirá um processo democrático contínuo.(Öcalan, Abdullah. 2011. *Democratic Confederalism*.)⁸⁷

Assim, Rojava se estabelece como um território onde não só homens e mulheres curdas decidem seus papéis na sociedade, mas onde todas as etnias são bem-vindas e desejadas, para que este modelo se expanda como uma solução para o permanente conflito sectário do Oriente Médio. Atualmente convivem em

⁸⁷ Tradução: Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura. Dez. 2014, Rio de Janeiro.

Rojava diversas etnias: curdos, árabes, assírios, armênios, chechenos, turcomanos, *yazlids*, entre outras. Cada comunidade toma as decisões de sua região, e delegados são enviados para assembleias de coordenação de nível distrital, municipal e cantonal. É um árduo e longo processo educacional para quebrar a mentalidade segundo a qual cabe somente ao Estado resolver as questões e organizar a vida. Hoje em Rojava já é comum ouvir a população local falar sobre como é viver sem um Estado.

O território de Rojava cresceu desde então. A brutalidade do Estado Islâmico fez com que as forças militares das *Yêkllîya Jinên Welatparêzên Kurdistanê* (Unidades de Defesa do Povo – YPG) e YPJ libertassem territórios que vão além dos assentamentos historicamente curdos no norte da Síria. Nesses novos territórios também vão sendo estabelecidos conselhos e comunas dos moradores locais.

Por grande pressão do governo turco, a administração de Rojava não participa das conversas do processo de paz, mesmo com o reconhecimento internacional de que são os curdos os mais eficientes no combate à ameaça global que o Estado Islâmico representa. As comunas e assembleias de Rojava decidiram não depender dessa negociação, e deram um passo à frente em fevereiro de 2016, quando declararam a coordenação dos territórios no norte da Síria por meio de um sistema federalista, como resultado de uma assembleia em que foi escrita a seguinte carta:

À população síria, regional e mundial:

Respondendo ao chamado da Coordenação Geral das Zonas Democráticas Autônomas (Efrin, Kobane e Jazira), todos os componentes das forças políticas e da sociedade civil dos três cantões de Rojava, assim como das zonas liberadas de forças terroristas, reuniram-se em assembleia. Este encontro teve como resultado uma visão política global para a resolução da crise

síria, assim como um acordo sobre o sistema de gestão para a região de Rojava [...].

Seguem as decisões tomadas nesta reunião:

O sistema federal e democrático engloba todos os componentes sociais e garante que a Síria do futuro seja uma Síria para todas as sírias e sírios.

Todos os nossos esforços serão consagrados à realização de um sistema federal e democrático para Rojava/Síria do Norte.

O copresidente e a copresidenta, assim como um Conselho de Organização composto por 31 pessoas, foram eleitos.

A preparação (durante os próximos seis meses, no máximo) de um contrato social, assim como de uma visão legal e política global para a implantação deste sistema, é de responsabilidade do Conselho de Organização.

Todos os comitês que emanaram da assembleia, assim como todos os documentos produzidos, vão aderir às resoluções da ONU sobre direitos humanos e sistemas sociais democráticos.

Além disso, todos os participantes desta reunião consideram-se parte da implantação deste novo sistema e estão conscientes das ligações profundas deste com o povo sírio; elas e eles baseiam sua participação nos princípios de paz e fraternidade entre os povos.

A liberdade das mulheres é fundamental no sistema federal democrático. As mulheres têm direito a participação igual à dos homens em todos os níveis e as posições de decisão em tudo o que for concernente às mulheres. Elas serão iguais em todos os níveis da vida social e política.

Os povos e comunidades que vivem no seio do sistema federal de Rojava e norte da Síria podem desenvolver com quem quiserem relações políticas, econômicas, sociais, culturais e democráticas e compartilhar suas crenças e culturas com outras comunidades em nível regional e internacional, desde que essas relações não se choquem com os objetivos e interesses do sistema federal democrático.

As populações que vivem nas regiões libertas das organizações terroristas por forças democráticas terão o direito de se unir ao sistema federal democrático de Rojava e do norte da Síria se quiserem.

O objetivo do sistema federal democrático de Rojava e Síria do Norte, no plano regional, é alcançar uma união democrática nos planos político, econômico, cultural e social entre todos os povos do Oriente Médio e superar as fronteiras nacionais, para criar uma vida em segurança, pacífica e fraternal, para todas e todos. A criação do sistema federal e democrático terá seu lugar no seio de uma Síria soberana.

A todos os povos da Síria, do Curdistão e de Rojava, de todos os grupos e classes sociais. Hoje a Síria vive a pior tragédia de toda a sua história. Milhões de pessoas deslocadas e centenas de milhares assassinadas, sem falar do imenso desgaste que corroeu toda a infraestrutura do país. Apesar de tudo, uma experiência democrática pôde ser criada em Rojava, defendida pelo sangue de seus mártires. Nós temos plena confiança de que esta experiência servirá como modelo para uma solução da crise síria. No quadro das decisões que tomamos, chamamos todas as mulheres que representam uma vida livre, assim como a juventude, as comunidades, os trabalhadores e todos os demais componentes da sociedade civil a juntarem-se à construção do sistema federal democrático. Chamamos, assim, toda a humanidade progressista e as forças democráticas a apoiarem nossos esforços.

Viva a determinação, a coexistência e a unidade de nossos povos!

Nessa declaração estão as diretrizes do novo caminho que vem sendo proposto não só aos territórios do norte da Síria como também aos povos do Oriente Médio e do mundo. Um caminho que aponta a necessidade de autogestão e autodeterminação dos povos para a criação de um poder que torne o Estado obsoleto no longo prazo.

Oposição e regime logo se levantaram contra a proposta, também o fizeram as nações imperialistas, nenhum poder consolidado é favorável a uma democracia de base, o confronto entre eles segue como uma disputa pelo controle do poder, não de mudança social e política. No mundo todo, comitês de solidariedade foram formados para quebrar o silêncio e a seletividade com a qual a mídia trata a questão curda. Na América Latina existem comitês no Chile, na Colômbia, no Uruguai e na Argentina. No Brasil, existem comitês em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

Mas por que essa questão precisa ser debatida no contexto brasileiro a ponto de serem formados comitês de solidariedade? Com tantas opressões étnicas, de classe e gênero em nosso próprio território, apoiar uma causa a milhares de quilômetros de distância pode não parecer produtivo. Contudo, refletir sobre Rojava não significa apenas problematizar a opressão de um povo, mas, sobretudo, compreender que o sofrimento das minorias pelo mundo é concatenado pelas mesmas ferramentas de exploração.

Por isso, é urgente entender que as soluções políticas desenvolvidas por lá podem também ser fontes para solucionar nossos dramas políticos por aqui. Trata-se da construção de uma sociedade anticapitalista global, uma vez que o capitalismo não tem fronteiras, e da construção de alternativas libertárias que não deixem os povos e suas minorias reféns do Estado.

A crítica ao Estado-nação, a busca por uma luta internacionalista que faça frente a um capital globalizado e, principalmente, um modelo democrático no qual todos e cada um organizem suas próprias vidas podem ser uma ponte entre os oprimidos.

Toda a atual crise mundial revela que vivemos em um período em que a máscara benevolente do Estado apresenta rachaduras irreparáveis, onde o bem-estar social vem sendo extinto à medida que o capital internacional se apossa de seu cadáver. A nova relação que está sendo construída entre a sociedade e Estado é baseada no controle e na violência. Nesse

ambiente, nada mais justo, ético e revolucionário que tomar a política com as próprias mãos e fazer com que cada comunidade, fábrica, escola, organização de mulheres e vilarejo decidam de forma autônoma e coletiva a política com a qual querem viver.

A Revolução de Rojava ocorre em meio a uma verdadeira tragédia histórica. Sua forma de organização e autogestão, entretanto, podem ser a semente para sanar a crise política atual da representação ao preparar no horizonte um modelo organizacional de poder popular autônomo, que no limite promoverá a morte do Estado como concebemos hoje em dia. Os zapatistas sempre dizem que “outro mundo é possível”. Este livro fala exatamente sobre um desses mundos.

BIBLIOGRAFIA

ÖCALAN, Abdullah. *Guerra i pau al Kurdistan*.

_____. *Kürdistan Devriminin Yolu (Manifesto)*, Weşanên serxwebûn, Köln, p. 122, 1978-1993.

_____. *War and Peace in Kurdistan. Perspectives for a political solution of the Kurdish question*, International Initiative Edition "Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan", Cologne, 2009.

_____. "La revolución es femenina", Gara, 9 de março de 2010, in <http://gara.naiz.eus/paperezkoa/20100309/187143/es/La-revolucion-es-femenina>

_____. *Hoja de ruta hacia la paz en el Kurdistán*, Txalaparta, Tafalla, 2012.

_____. "Prison Notes", (28 de agosto de 2002), (apud JONGERDEN, Joost; HAMDIAKKAYA, Ahmet. "Democratic Confederalism as a Kurdish Spring: The PKK and the quest for Radical Democracy", in: AHMET, Mohammed y GUNTER, Michael (eds.), *The Kurdish Spring: Geopolitical Changes and the Kurds*, Mazda Publishers, p. 175-176; BIEHL, Janet, op. cit., p. 170, 2013.

_____. *Democratic Confederalism*, International Initiative Edition "Freedom for Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan", 2011.

Ahmad Khalil and Karen Leigh, 27 de agosto de 2014, "YPG's Mandatory Military Service Rattles Kurds", in <http://www.syriadeeply.org/articles/2014/08/6014/ypgs-mandatory-military-service-rattles-kurds>.

"An Interview with Dorsin Akif – por Derya Aydın", in <http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/>

education-system-in-rojava/538-education-system-in-rojava.html.

CÁMARA NEGRA. "Resistencia en la revolución siria" in <http://camaranegra.espivblogs.net/fanzine-syria>.

Charter of the Social Contract: <http://peaceinkurdistancampaign.com/resources/rojava/charter-of-the-social-contract>.

Danish Immigration Service, "SYRIA, Military Service, Mandatory Self-Defence Duty and Recruitment to the YPG", 26 de fevereiro de 2015, in <http://www.nyidanmark.dk/NR/rdonlyres/991BA1A7-84C6-42A2-BC16-23CE6B5D862C/0/Syriennotat-26feb2015.pdf>.

GRAEBER, David. "Why is the world ignoring the revolutionary Kurds in Syria?" in www.theguardian.com/commentisfree/2014/oct/08/why-world-ignoring-revolutionary-kurds-syria-isis

David L. Phillips, Research Paper: ISIS-Turkey

Delegation Kampagne TATORT Kurdistan, "People's Protection Units, YPGAndYPJ" (trad. Janet Biehl), 14 de outubro de 2014, in: <http://www.biehlonbookchin.com/peoples-protection-units>

YOUSEF, Dr. Ahmad 17 de novembro de 2014 "Social economy in Rojava", in <http://sange.fi/kvsolidaarisuustyö/wp-content/uploads/Dr.-Ahmad-Yousef-Social-economy-in-Rojava.pdf>.

_____. "Efrîn Economy Minister: Rojava Challenging Norms Of Class, Gender And Power" in: <https://rojavareport.wordpress.com/2014/12/22/efrin-economy-minister-rojava-challenging-norms-of-class-gender-and-power>.

Directa, "El que hi ha a Kobaneés un projecte polític d'emancipació radical", entrevista a Dilar Dirik, 6 de novembro de 2014, in: <https://directa.cat/que-ha-kobane-es-un-projecte-politic-demancipacio-radical>

AYBOĞA, Ercan. "Consensus is Key: New Justice System in Rojava", in: <http://new-compass.net/articles/consensus-key-new-justice-system-rojava>

BIEHL, Janet. "Bookchin, Öcalan, and the Dialectics of Democracy", discursoproferidonaconferência Challenging Capitalist Modernity - Alternative Concepts and the Kurdish Quest, organizado por Network for an Alternative Quest em Hamburgo, fevereiro de 2012. Apud. Cologne: International Initiative Edition; Bonn: Pahl-Rugenstein

_____. 1º de fevereiro de 2015, "The First Kobane", in: <http://www.biehlonbookchin.com/first-kobane/>

_____. 22 de Dezembro de 2014, "Visit to the YPJ, December 7, Amuda", in <http://www.biehlonbookchin.com/visit-with-ypj>

_____. 31 de janeiro de 2015, "Rojava's Communes and Councils", in <http://www.biehlonbookchin.com/rojavas-communes-and-councils>.

_____. "Two academies in Rojava", 7 de fevereiro de 2015, in <http://www.biehlonbookchin.com/revolutionary-education>

_____. dezembro de 2014, "Pobres en recursos, rics en esperit (entrevista a Janet Biehl, trad. Joan Enciam), in: <http://www.upaya.es/?p=1858>

Joaquín Martínez Martínez, Periódico "CNT" nº 416, Fevereiro de 2015.

Meryem Kobane, entrevista para Directa <https://directa.cat/kobane-ha-alimentat-consciencia-que-lautodefensa-pot-ser-base-de-resistencia>

KNAPP, Michael. "Democratic Autonomy in Rojava" in *New Compass*, 10 outubro de 2014 in <http://new-compass.net/articles/revolution-rojava>

Michael Knapp, 7 de fevereiro de 2015, "Rojava - the formation of an economic alternative: Private property in the service of all", <https://peaceinkurdistancampaign.com/2015/02/06/rojava-the-formation-of-an-economic-alternative-private-property-in-the-service-of-all>

PKK (*Partiya Karkerên Kurdistanê*), *Program ve Tüzüü*, Weşanên Serxwebûn, Köln, 1995.

Saleh Muslim, Interview of Jonas Staal. 10 de novembro de 2014 in <http://tenk.cc/2014/11/a-revolution-of-life>

Saleh Muslim. "Exclusive Interview with PYD Co-chair Salih Muslim: Rojava Will Establish a New Civilisation", *Kurdish Question*, 28 de março de 2015, in <http://kurdish-question.com/oldsite/index.php/kurdistan/west-kurdistan/pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation/765-pyd-co-chair-salih-muslim-rojava-will-establish-a-new-civilisation.html>

Solidaridad Kurdistan, <https://solidaridadkurdistan.wordpress.com/confederalismo-democratico>

Şoreş, "Crónicas desde Rojava parte III: Marzo, Abril y Mayo", 13 junho de 2015 <http://rojavanoestasola.noblogs.org/post/2015/06/13/cronicas-desde-rojava-parte-iii-marzo-y-abril>

Strangers In A Tangled Wilderness: "A Mountain River Has Many Bends" in <http://www.tangledwilderness.org/a-mountain-river-has-many-bends>

Telesur, "Kurdish Women Turning Kobane into a Living 'Hell' for Islamic State", 14 outubro de 2014", in <http://www.telesurtv.net/english/news/Kurdish-Women-Turning-Kobane-into-a-Living-Hell-for-Islamic-State-20141014-0072.html>

Terry Glavin, "In Iraq and Syria, it's too little, too late", in *Ottawa Citizen*, 14 de novembro de 2014, <http://ottawacitizen.com/opinion/columnists/iraq-and-syria-too-little-too-late>

